



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde –PGPDS

Reflexividades juvenis: narrativas em movimento pelas ruas da periferia-cidade

SUZI BRUM DE OLIVEIRA

Brasília, março, 2020



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento

Programa de Pós-graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde – PGPDS

**REFLEXIVIDADES JUVENIS: NARRATIVAS EM MOVIMENTO PELAS RUAS DA
PERIFERIA-CIDADE**

Suzi Brum de Oliveira

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, área de concentração Desenvolvimento Humano e Educação.

ORIENTADORA: PROFA. DRA. SILVIANE BONACCORSI BARBATO

Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil

CO-ORIENTADOR: PROF. DR. JORDI GARCIA FARRERO

Universitat de Barcelona, Catalunya, Espanha

Brasília, 2020



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento - PED

Programa de Pós-graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde –

PGPDS

Apoio

- Fundação de Apoio a Pesquisa do Distrito Federal – FAP/DF – Processo 00193.00001989/2018-50
- Prefeitura Municipal de Resende na Concessão de Licença Especial para Estudo

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

BB893 r Brum de Oliveira, Suzi
Reflexividades juvenis: narrativas em movimento pelas
ruas da periferia-cidade / Suzi Brum de Oliveira;
orientador Silviane Bonaccorsi Barbato; co-orientador Jordi
Garcia Farrero . -- Brasília, 2020.
174 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Processos de
Desenvolvimento Humano e Saúde) -- Universidade de Brasília,
2020.

1. reflexividade. 2. Juventude. 3. pobreza. 4.
resiliência. 5. agencialidade. I. Bonaccorsi Barbato,
Silviane, orient. II. Garcia Farrero , Jordi, co-orient.
III. Título.

INSTITUTO DE PSICOLOGIA**Reflexividades juvenis: narrativas em movimento pelas ruas da periferia-cidade**

TESE DE DOUTORADO APROVADA PELA SEGUINTE BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a.Silviane Bonaccorsi Barbato - Presidente
Universidade de Brasília – UnB

Prof^a. Dr^a.Priscila Pires Alves – Membro Externo
Universidade Federal Fluminense - UFF

Profa. Dra. Jana Gonçalves Zappe
Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Profa. Dra. Gabriela Melo de Souza Mietto
Universidade de Brasília – UnB

Profa. Dra. Iolete Ribeiro da Silva
Universidade Federal do Amazonas – UFAM
- Suplente-

Brasília, agosto de 2018

Agradecimento

Ao meu pai (in memorian), sou herdeira de seu nome e da vontade de saber com afeto.

A minha sempre presente mãe, Marina Ribeiro. A ela o meu amor e respeito pela força como mãe e mulher.

Às palavras de carinho, confiança e apoio afetivo e concreto para a realização deste projeto de minhas irmãs Silmar Brum e Sirle Brum.

Ao apoio de meus cunhados Paulo Cesar e Alessandro Guimarães.

À minha orientadora Professora Dra Silviane Barbato com quem aprendi e troquei diferentes experiências em que ser doutoranda, funcionária pública, mãe, amiga... tiveram espaço neste diálogo do fazer ciência. Tenho enorme admiração, carinho e respeito por você e deixo registrado aqui o meu muito obrigado.

Ao meu co-orientador professor Dr. Jordi Garcia Farrero pela oportunidade de trocar conhecimentos para além das fronteiras. Obrigada pelo respeito, acolhimento e aprendizagens no Brasil e em Barcelona.

Às professoras da banca Dra Priscila Pires Alves, Dra. Jana Gonçalves Zappe, Dra. Gabriela Melo de Souza Mietto e Dra. Iolete Ribeiro da Silva, cientistas guerreiras, pela gentileza em aceitar dividir comigo este momento tão especial da minha caminhada.

A linda amiga Dione de Paula (in memorian) com quem sonhei e discuti o texto, mas em meio a trajetória, tristemente, vivenciei sua perda. Esta tese é também pra você que sempre considerou ser possível.

A minha grande amiga, confidente e referência de ética, Nilma Barros (In memorian). E os nossos papos com café... eram tão diferentes e tão iguais. Minha fala perdeu um endereço de acolhimento, verdade e respeito.

A querida amiga Paula Arcanjo que incentivou este projeto até o último segundo, literalmente, ao se colocar do meu lado no cumprimento de todas as etapas. Lembro como ontem de nossa correria na conferência do texto, autenticação de documentos e envio do material pelo correio para participação do processo seletivo do doutorado. Meu muito obrigado!!!

Aos colegas do Gppcult - Grupo de Pesquisa Pensamento e Cultura - pelo companheirismo cuidadoso neste percurso difícil e rico que é o doutorado. Aos doutores Diana de Castro, Rossana Beraldo, Thaís Lanutti, à mestra Dannielle Góis e aos colegas e amigos Rômulo Ataídes, Fabíola Souza, Flávia Neves, Fernanda Miranda, Júlia Clímaco e Lêda Holanda. Dividir com vocês esta caminhada fez toda a diferença, pra vocês meu carinho e admiração.

Ao meu companheiro José Ferreira, o meu amor e agradecimento especial em sua disponibilidade para estar ao meu lado e facilitar minha jornada.

Em especial à minha Luisa, minha luz, minha filha, esta que me virou do avesso e que a cada dia me ensina de forma genuína o que é gentileza, tolerância e amor. A você, eu dedico a minha vida!

És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Vou te fazer um pedido.
Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos...
Entro num acordo contigo.
Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo...
És um dos deuses mais lindos.
Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho...
Ouve bem o que te digo.
Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso...
Quando o tempo for propício.
De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido...
E eu espalhe benefícios.
O que usaremos pra isso
Fica guardado em sigilo...
Apenas contigo e comigo.
E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo...
Não serei nem terás sido.
Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos...
Num outro nível de vínculo.
Portanto, peço-te aquilo
E te ofereço elogios...
Nas rimas do meu estilo...
(Oração ao tempo – Caetano Veloso)

RESUMO

Este estudo tem por objetivo investigar os processos de reflexividade em produção de significados e constituição do *self* nas práticas sociais e usos da rua pelos jovens, mediados por fatores de risco-vulnerabilidade e protetores pessoal-social, em contextos de pobreza. O deslocamento dos jovens, pelas ruas da cidade, traduz-se em interesse de pesquisa sobre a movimentação humana em que o ato de caminhar amplia os espaços e fronteiras, concretas e subjetivas, como condição de expansão do *self*, formação, resistência e emancipação do sujeito. Os jovens significam o espaço rua em diferentes modos de socialização e apropriações, em interpretações de si, nas dinâmicas intersubjetivas. Referencia-se a pesquisa na psicologia cultural com ênfase nos processos de produção significados e defende-se que histórias narradas fornecem organização, auto-regulação e sentido ao sujeito. As vivências de eventos de ruptura biográfica envolvem produção de raciocínio autobiográfico, em dinâmicas de reflexividade, que podem gerar mudanças de percepção e interpretações de si em desenvolvimento de coerência temporal, intencional e temática, em sistemas dialógicos, como habilidade para orientar e regular o eu da experiência, em cronotopos, em desenvolvimento de autoria de pensamento e emancipação. O estudo enfoca as trajetórias de vida de adolescentes pobres traçados nos circuitos de bairro de periferia de uma cidade de porte médio, no eixo Rio - São Paulo. A pesquisa está orientada pela epistemologia qualitativa com foco na narrativa de história de vida que foram submetidas à análise dialógico-temática. A reflexividade implica em interpretações ético-estéticas, geradas no entre eu-outro, em cronotopos situados em diferentes ambivalências, nas trajetórias que indicam maior força ou seu enfraquecimento em atuações resilientes críticas. Vivências de ruptura autobiográfica que geraram transições produzem: a) maior grau de reflexividade em desenvolvimento de resiliência crítica, entre fatores de risco e protetores, avançando na produção de agencialidade, oportunizada por atos dialógicos de respeito e empatia, e b) menor grau de reflexividade quando em deslocamento entre cronotopos pouco heterogêneos, orientadas a restrições de recursos culturais. Reflexividade indicou dependência e independência simultâneas entre subjetividade e contextos específicos, que em coexistência de vivências de risco e protetoras, ora reforçam relações de poder desiguais ora o desenvolvimento de agencialidade como possibilidade de emergência de práticas culturais genuinamente novas. Vivências, em zonas de contato eu-outro, com qualidade de trocas de perspectivas diferenciam a experiência e integram enunciados orientadas à auto-regulação e ação criativa direcionadas à um futuro melhor. Facilitam, portanto, o enfrentamento de situações adversas e imprevisíveis em desenvolvimento de habilidades relevantes em, por exemplo, saber buscar espaços e pessoas possíveis em ajudar; reconhecer fragilidades e capacidade de decisão sobre o que promove bem-estar; ter conhecimento sobre motivos que os limitam ou os impulsionam a caminhos nem sempre protetivos. O enfrentamento as rupturas ou pontos de virada será mais ou menos facilitada em desenvolvimento de resiliência crítica quando em segurança de suportes e recursos culturais e cognitivo-afetivos.

Palavras-chave: reflexividade, juventude, pobreza, resiliência crítica, agencialidade

ABSTRACT

This study aims to investigate the processes of reflexivity in the production of meanings and constitution of self in the social practices and uses of the street by young people, mediated by risk-vulnerability and personal-social protective factors, in contexts of poverty. The displacement of young people, through the streets of the city, translates into an interest in research on human movement in which the act of walking expands the spaces and boundaries, concrete and subjective, as a condition for the expansion of the self, formation, resistance and emancipation of the subject. Young people signify the street space in different modes of socialization, uses and appropriations, in terms of interpretations of themselves, in intersubjective dynamics. We refer to research in cultural psychology with an emphasis on production processes, meanings and senses and we defend that narrated stories provide organization, self-regulation and meaning to the subject. The experiences of biographical rupture events involve the production of autobiographical reasoning, in dynamics of reflexivity, which they can generate changes in perception and interpretations of themselves in the development of temporal, intentional and thematic coherence, in dialogic systems, as an ability to guide and regulate the self of experience, in chronotopes, in development of authorship of thought and emancipation. The study focuses on the life trajectories of poor adolescents traced in circuits in the suburbs of a medium-sized city, on the Rio - São Paulo axis. The research is guided by qualitative epistemology with a focus on the life history narrative that was subjected to dialogical-thematic analysis. Reflexivity implies ethical-aesthetic interpretations, generated in the self-other, in chronotopes situated in different ambivalences, in the trajectories that indicate greater strength or its weakening in critical resilient actions. Experiences of autobiographical rupture that generated transitions produce: a) a greater degree of reflexivity in the development of critical resilience, between risk and protective factors, advancing in the production of agency, made possible by dialogical acts of respect and empathy, and b) a lower degree of reflexivity when in displacement between little heterogeneous chronotopes, oriented to restrictions of cultural resources. Reflexivity indicated simultaneous dependence and independence between subjectivity and specific contexts, which in coexistence of risky and protective experiences, sometimes reinforce unequal power relationships and sometimes the development of agency as a possibility for the emergence of genuinely new cultural practices. Experiences, in areas of I-other contact, with quality of exchange of perspectives differentiate the experience and integrate statements oriented to self-regulation and creative action aimed at a better future. Therefore, they facilitate the confrontation of adverse and unpredictable situations in the development of relevant skills in, for example, knowing how to search for possible spaces and people to help; recognize weaknesses and decision-making skills about what promotes well-being; having knowledge about reasons that limit or propel them to paths that are not always protective. Coping with breaks or turning points will be more or less facilitated in the development of critical resilience when securing cultural and cognitive-affective supports and resources.

Keyword: reflexivity, youth, poverty, critical resilience, agency

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| RESUMO | 8 |
| ABSTRACT | 9 |
| LISTA DE TABELAS..... | 12 |
| LISTA DE FIGURAS | 13 |
| 1. INTRODUÇÃO | 14 |
| 2. REVISÃO DE LITERATURA | 21 |
| 2.1 Reflexividade juvenis em contextos de pobreza: revisão sistemática da literatura | 22 |
| 2.1.1 Desenho da pesquisa..... | 28 |
| 2.1.2 Critérios de busca, inclusão e exclusão de trabalhos | 29 |
| 2.1.3 Juventude e estratégias de enfrentamento as adversidades como indicadores de reflexividade | 30 |
| 2.1.4 Narrativas de jovens em contextos de pobreza | 34 |
| 2.2 O caminhante jovem nas experiências da rua em formação de autoria de pensamento e emancipação | 37 |
| 2.3 Contextualizações: projetos de vida juvenis pelas ruas da cidade | 46 |
| 2.4 Narrativas como elemento organizador e fonte de estudo da subjetividade | 67 |
| 3. OBJETIVOS | 78 |
| Objetivo Geral | 78 |
| Objetivo específico | 78 |
| 4. MÉTODO..... | 79 |
| 4.1 Contexto sociocultural | 80 |
| 4.2 Fundamentos éticos | 82 |
| 4.3 Critérios de seleção | 83 |
| 4.4 Colaboradores da pesquisa | 83 |
| 4.5 Abordagem e produção de dados empíricos | 84 |
| 4.6 Procedimentos e instrumentos | 86 |
| 4.6.1 Roda de conversa | 86 |
| 4.6.2 Entrevista Aberta..... | 87 |
| 4.6.3. Entrevista Episódica..... | 88 |
| 4.6.4 Entrevista mediada por música..... | 88 |
| 4.6.5. Diário de campo | 88 |
| 4.7 Análise dos dados..... | 89 |
| 5. RESULTADOS..... | 90 |
| Estudo de caso 1: Bela..... | 92 |
| Contexto cultural e das narrativas | 93 |

| | |
|---|------------|
| a) cronotopo das ações com outros significativos | 95 |
| b) Dinâmicas ambivalentes em produção de si..... | 101 |
| c) Dinâmicas temporais de produção de si | 103 |
| d) narrativa da linha da vida em processos de mudança | 108 |
| e) tornar-se música como produção ético-estético-política | 112 |
| Discussão: Bela | 114 |
| Estudo de caso 2: Isa | 117 |
| Contexto Cultural e das narrativas | 118 |
| a) cronotopo das ações com outros significativos | 119 |
| b) Dinâmicas ambivalentes em produção de si..... | 125 |
| c) dinâmicas temporais de produção de si..... | 126 |
| d) Narrativas da linha da vida em processos de mudança | 130 |
| e) tornar-se música como produção ético-estético-política | 130 |
| Discussão: Isa..... | 131 |
| Estudo de caso 3: Nina | 133 |
| Contexto cultural e das narrativas | 135 |
| a) cronotopo das ações com outros significativos | 136 |
| b) Dinâmicas ambivalentes em produção de si..... | 139 |
| c) Dinâmicas temporais de produção de si | 140 |
| d) narrativas da linha da vida em processos de mudança | 146 |
| e) tornar-se música como produção ético-estético-política | 148 |
| Discussão: Nina..... | 149 |
| DISCUSSÃO | 151 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 157 |
| REFERÊNCIA | 161 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 1: Perfil dos participantes nos estudos de caso..... | 84 |
| Tabela 2: Temas e significações em dinâmicas de interpretações de si orientadas a reflexividade: Bela | 95 |
| Tabela 3: Dinâmicas temporais de produção de si orientadas à pensamentos e atuações: Bela..... | 103 |
| Tabela 4: Tornar-se música: Bela..... | 113 |
| Tabela 5: Temas e significações em dinâmicas de interpretações de si orientadas a reflexividade: Isa..... | 121 |
| Tabela 6: Dinâmicas temporais de produção de si orientadas à pensamentos e atuações: Isa..... | 127 |
| Tabela 7: Tornar-se música: Isa..... | 131 |
| Tabela 8: Temas e significações em dinâmicas de interpretações de si orientadas a reflexividade: Nina..... | 137 |
| Tabela 9: Dinâmicas temporais de produção de si orientadas à pensamentos e atuações: Nina..... | 142 |
| Tabela 10: Tornar-se música: Nina..... | 149 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|-----|
| Figura 1: Indicadores de reflexividade..... | 92 |
| Figura 2: Mapa semiótico: Bela..... | 101 |
| Figura 3: Narrativa da linha da vida em processos de mudança: Bela..... | 109 |
| Figura 4: mapa semiótico de Isa..... | 125 |
| Figura 5: Mapa semiótico Nina..... | 140 |
| Figura 6: Narrativa da linha da vida em processos de mudança: Nina..... | 147 |

1. INTRODUÇÃO

O humano em seus deslocamentos, na condição de caminhante, pelas ruas da cidade cultiva perspectivas (Gillespie, 2006, Glăveanu, 2016), entre processos de quebra de comunicações e negociações intersubjetivas, como possibilidade de posicionamento ético-estético-político. Ato de conscientização e compromisso com o coletivo, considerando que a produção do sujeito nos processos de interação, em contextos sociais específicos, é condição de singularização. Viver é um ato de criação, portanto estético, uma invenção humana instaurada na ética dialógica (Sobral, 2013b) que desnaturaliza os fenômenos humanos como fundamentos puramente biológicos, dicotômicos e lineares para configurar como totalidade dinâmica, complexa e aberta, entre continuidades e descontinuidades. O foco na reflexividade (De Saint-Laurent & Glăveanu, 2016; Gillespie, 2007&2016; Marsico, Ruggieri, & Salvatore, 2015), como transformações qualitativas de si, do outro e mundo, implica considerar alternância de endereçamento-responsividade em movimento no cultivo de sensibilidades, empatia e inovações (Valsiner, 2012), que lança o sujeito a sua própria humanidade e a humanidade do outro.

O movimento de jovens em contextos de pobreza situa a rua como espaço de produção de si, em dinâmicas de reflexividade, no enfrentamento às exigências cotidianas com o desenvolvimento de resiliência e crítica, mediadas por fatores de vulnerabilidade-risco e protetores, orientados à ação transformadora. Estudos centrados no conceito de reflexividade possibilitam rompimentos de barreiras epistemológicas, avançando na compreensão do desenvolvimento da agencialidade humana como produção de si, em vivência de ruptura autobiográfica, que oportunizam autoria de pensamento e atuações emancipatórias (Gillespie, 2007; Glăveanu, 2015b, Oliveira & Satriano, 2014) e impactam nas condições de vida da juventude em contextos de pobreza.

Defende-se a tese de que o deslocamento entre contextos sociais, em atos de fala (Gillespie, 2006), gerados e que geram diferentes modos de socialização, desenvolvem

diferentes graus de reflexividade indicando dependência e independência simultâneas entre subjetividade e situações específicas. A coexistência de vivências de vulnerabilidade-risco e protetoras, em contextos de pobreza, canaliza ora relações de poder desiguais ora desenvolvimento de resiliência e crítica como possibilidade de produção de estabilidade e senso de si, em processos de mudança, e emergência de práticas culturais genuinamente novas. Recursos disponíveis culturalmente em scripts de vida (Fivush, Habermas, Waters, & Zaman, 2011) e expectativas orientam qualidades de articulação semiótica (Lima, 2015), em singularizações, como função da diversidade arquitetônica dos encontros em contextualizações (Auer, 1995). A reflexividade orienta e é orientada pela circularidade e interdependência entre a experiência vivida e produção-atualização de significados (Rosa, 2015), tornando-se central a compreensão de estratégias de enfrentamento-*coping* como auto-regulação (Valsiner, 2012) e “gerenciamento (...) em situações inusitadas que ultrapassam seus conhecimentos ou experiências” (Souza, 2019, p. 25), em situações cotidianas adversas, como indicadores de reflexividade.

Eventos de rupturas biográficas impactam na vida de jovens em contextos de pobreza. Este estudo está fundamentado no paradigma processo-relacional (Overton, Molenaar, & Lerner, 2015) em que os princípios psicológicos implicam sistemas de desenvolvimento dinâmicos, abertos e incorporados. Na perspectiva da psicologia cultural, a ênfase está nas produções humanas liminares (Marsico & Varzi, 2015) em que as relações dinâmicas entre pessoas e lugares definem a arena do desenvolvimento humano como processo de transformações no curso da vida orientado a propósito (Valsiner & Connolly, 2003), de modo que a relação eu-outro é mediada e produzida na e pela cultura (Valsiner, 2012).

Na movimentação humana o ato de caminhar amplia espaços e fronteiras, concretas e subjetivas, como possibilidade de expansão do *self* em formação, resistência e emancipação do sujeito, ato criativo que inclui e conserva o saber dos jovens da periferia-cidade para

‘novos começos’(Day & Goddard, 2010), alicerçados no valor da dignidade como condição humana. Os jovens significam o espaço rua, espaço fronteiro de produção de conhecimento, e negociam diferentes usos e apropriações revelando sua “multifuncionalidade, (...) do ato político, da reivindicação, da festa, do lúdico e do improvisado” (Loboda, 2016, p. 37) tornando o espaço público arena de confronto com o diferente.

A globalização promoveu novos arranjos societários e redefiniu estados-nações (Santos, 1998; Woodward, 2000; Augé, 2012). As novas condições de socialização promovidas na contemporaneidade aproximaram, afastaram e deslocaram pessoas de seus territórios concretos e simbólicos; expostas à fome, à guerra e à promessa de um mundo melhor. Em tempos de acirramento da desigualdade social na radicalização do projeto neoliberal e atualização dos mecanismos da exclusão social, as relações e os diferentes modos de subjetivação revelam a heterogeneidade dos espaços públicos.

A radicalização do discurso autoritário na manutenção de fronteiras raciais, étnicas, de gênero e idade localiza, muitas vezes, os jovens da periferia em práticas discursivas de descrédito, localizando-os em espaços de isolamento (Brum, 2015; Brum, Barbato, & Oliveira, 2019) em diferentes arranjos identitários, relacionais e históricos, em condição de restrição histórica nodesenvolvimento da agencialidade. Sistemas de distinções podem gerar práticas de exclusão-inclusão perversa que ameaçam uma existência digna e fomentam o sentimento de menos valia (Melazzo & Guimarães, 2010) pela fragilização dos vínculos, naturalização das práticas excludentes e desvalorização dos jovens (Santos, 1998), orientando posições sociais estanques entre, por exemplo, ser independente ↔ dependente, responsável ↔ preguiçoso/vagabundo, íntegro ↔ perigoso frente a exigências psicossociais como a entrada no mundo do trabalho, compromissos socioeconômicos com a família, definições de valores e compromissos amorosos antecipados, prioritariamente, se considerado a juventude pobre.

As ruas, como fronteiras, “criam conexões e discontinuidades entre dois campos relacionados que adquirem sua significação por meio de seus relacionamentos” (Marsico, 2016. p. 209) sob o princípio de co-desenvolvimento. As pessoas circulam pelas ruas, entre identificações e diferenciações, associadas a sistemas de expectativas orientados por padrões de condutas e/ou sua transgressão ao compor uma poética da rua. A rua como território de objetivação da experiência, em processos de interação de vizinhança e intimidade eu-outro, corporifica o espaço *inbetween* (Barbato, Alves, & Oliveira, 2019) como eixo catalisador dinâmico e aberto de sucessões e coexistências de eventos na inseparabilidade entre materialidade e suas apropriações culturais, onde se desenvolvem as práticas cotidianas dos sujeitos. O espaço percebido e vivido sob a forma de um território incorporado, imaginado e projetado em valores o qualifica como diverso e complexo. Espaço produzido, em tensionamento, entre controle ↔ mobilidade (Haesbaert, 2007; Wanderley & Carvalho, 2008) organiza-se como totalidade dinâmica “construído histórica e culturalmente nas atividades sociais em uma dinâmica polifônica em que estão em jogo as relações entre conhecimentos contextualizados anteriormente e as atividades de co-construção de novos conhecimentos” (Borges, 2006, p. xii), recriado constantemente em negociações intersubjetivas.

A rua é organizada em diversidade de estilos, gêneros e práticas discursivas, pois “território onde se dispõem, em camadas, as marcas de experiências heteróclitas que se condensaram em marcas que constroem multiplicidade de dimensões... de apropriação do espaço... é a experiência da rua como palimpsesto que melhor justifica o nome escolhido pela nossa língua para designá-la, que melhor se cumpre a sua rugosidade” (Rodrigues, 2014, p. 10-11). A experiência da rua faz-se em multiplicidade de vozes como dobra no espaço da cidade, como caminho e método a seguir em direção e com o outro e ainda como pavimento folheado, feito de camadas sobrepostas gerando identificações, em cronotopos (Bakhtin, 1981), entre a cultura pessoal e coletiva. A rua como objetivação da fronteira concreto-

simbólica, *inbetween*, manifesta sua condição ambivalente entre processos de continuidade e descontinuidades, em jogos de poder, que organizam o que é possível saber, fazer ou dizer e o que não é permitido e orientam diferentes formas de ser, pensar e agir (Marsico, 2016).

O sujeito em deslocamento pelos contextos, qualitativamente distintos, se engaja e participa de desafios socioculturais compartilhados e o agir em conjunto, forjado pelo diálogo em interações, podem produzir novas compreensões de si, do outro e da situação (Day & Goddard, 2010). Na rua, muitas vezes, criam-se redes de apoio-poder de acolher e ser acolhido diferenciado do espaço privado da casa ou outra instituição de acompanhamento à criança e ao adolescente. A fronteira entre público e privado, em presença-ausência de interlocutores, em negociações multiplanos, apresenta-se como lócus de emergência da subjetividade. Histórias de carências, discriminações e falta de oportunidades orientadas a menos valia contornam também a paisagem no interior dos domicílios, considerando-se que pais e/ou outros responsáveis, muitas vezes, estão imersos em trajetórias de exclusão, criminalidade, drogas ou ainda ocupados em demasia com questões de sobrevivência. Contextualizações do fenômeno jovens na rua são necessárias para não ceder a tentação de leituras reducionistas, permitindo olhar para além das ausências, as potencialidades.

O fenômeno adolescência é uma produção sociohistórica que se estabelece também como debate teórico de processos de produção do *self* (Hermans, 2001), em desenvolvimento, em situações de risco-vulnerabilidade pessoal e social e possibilidades de reconstruções criativas. Este estudo enfoca as trajetórias de vida de três adolescentes pobres moradoras de um bairro de periferia de uma cidade de porte médio, no eixo Rio - São Paulo, expostos a situações de pobreza. São jovens que residem com suas famílias, nucleares ou não, e que fazem da rua sua principal atividade cotidiana. São adolescentes que não participam de forma contínua de atividade da rede de proteção social governamental e em atividades reconhecidas

de formação profissional, não atuam em trabalho remunerado e possuem vínculos frágeis com a escola e a casa.

A construção de uma história de vida coerente, diferenciada e complexa é uma habilidade que ganha especificidades e salto qualitativo na adolescência (Fivush, Habermas, Waters, & Zaman, 2011). Momento de complexificação e sofisticação narrativa enquanto recurso cultural privilegiado para compreender e contextualizar a ação orientada a metas, oportunizando novas análises criativas em um diálogo para o futuro organizado, entre continuidades e discontinuidades, em crenças e valores. A narrativa de história de vida é fonte de conhecimento e recurso de organização e produção de sentido. Em vivência de evento de ruptura biográfica, a geração de raciocínio autobiográfico (Habermas & Bluck, 2000; Habermas & Köber, 2015, Pasupathi, 2015), em dinâmicas de reflexividade (De laurance & Glăveanu, 2016; Gillespie, 2007; Marsico et al., 2015), oportuniza mudanças de percepção e interpretações de si em desenvolvimento de coerência temporal, intencional e temática, em sistemas dialógicos, como habilidade para orientar e regular o eu da experiência com outros significativos. A reflexividade pode gerar narrativas emancipatórias da juventude, oportunizadas quando as pessoas conversam mais, quando compartilham mais espaços sociais como praças, parques, ruas (Oliveira & Satriano, 2014) e em trocas intergeracionais (Fivush et al., 2011), ampliando possibilidades de interlocução e identificações.

Os territórios e seus sujeitos criam e se recriam, a cada movimento, na ação cotidiana da experiência urbana contemporânea. Campo de disputa e mediação entre espaço público e subjetividades, nas práticas sociais, em reciprocidades e dissonâncias, como possibilidade de emergência de diferentes modos de ser. Perguntamos: qual a produção de significação sobre o estar/permanecer na rua, entre fatores de vulnerabilidade-risco e protetores, do jovem morador de um bairro pobre, em dinâmicas de reflexividade, na produção de si? Com destaque para analisar a emergência e transformação de significados de processos de exclusão social em

desenvolvimento de resiliência e crítica orientada à ação transformadora, avançando na compreensão da agencialidade humana em vivência de ruptura autobiográfica.

2. REVISÃO DE LITERATURA

As contribuições teóricas que consolidaram uma história da psicologia como ciência, fundada na interdisciplinaridade, orienta o estudo dos fenômenos humanos como sistemas complexos, dinâmicos e abertos (Overton, 2015). Teoria e empiria se retroalimentam, de modo processual e dinâmico, assim procedemos ao estudo da produção de significados em interações (Barbato et al., 2016) que revela a polifonia (Bakhtin, 2012) de processos mediados por dinâmicas de reflexividade.

Nesta seção, apresentamos estudos atuais centrado no conceito de reflexividade com ênfase em narrativas de jovens, em vivências de precarização simbólico-concreta, que podem ampliar sofrimentos e conflitos psicossociais e a consequente busca de rotas alternativas na elaboração de estratégias de enfrentamento às exigências cotidianas, avançando na compreensão da agencialidade humana. Dissertamos também sobre o conceito de reflexividade na interdependência com a experiência humana, em desenvolvimento da imaginação e criatividade, como possibilidade de autoria de pensamento e emancipação. As contribuições da psicologia cultural, com ênfase nos processos sociais e incorporados, permitem a compreensão de que práticas reflexivas são uma ferramenta eficaz no desenvolvimento de criticidade e contextualização e, por conseguinte, produção de novas formas de atuação. Para tanto, discorreremos sobre a contextualização do conceito juventude problematizando sua emergência em territórios de pobreza tensionados por conceitos construídos social e historicamente. O foco do estudo em reflexividades juvenis situa a narrativa como meio de acessar e interpretar a cultura enquanto princípio organizador da experiência humana e uma importante fonte de estudo da mente, possibilitando análise de indicadores de reflexividade.

A arte desenhada pelos corpos e histórias adolescentes preenche as ruas de vida. A experiência humana é mediada pelo agir situado e avaliativo do sujeito (Sobral, 2013a), de

modo que as habilidades humanas mudam no tempo, a ação do momento presente comporta habilidades que não existiam anteriormente e orientam habilidades futuras.

2.1 Reflexividade juvenis em contextos de pobreza: revisão sistemática da literatura

O conceito de reflexividade é central nos estudos das relações e processos sociais que expõem as tensões entre estrutura e agência (Caetano, 2011; Peters, 2013) na produção dos processos humanos na atualidade. Reflexividade é qualidade determinante da agência, o sujeito produz significado para agir no mundo e ao mesmo tempo redefine contextos (Awad & Wagoner, 2015). O Jovem e a rua se constroem mutuamente.

Utilizado nos estudos etnográficos e sociológicos estrutura e agência operam em diferentes escalas de tempo, de modo que reflexividade como propriedade emergente, em coprodução, que permite aos sujeitos consciência de si e de suas condições sociais, media as relações entre reproduções e transformações dos contextos e condutas; “o exercício da reflexividade é indissociável dos posicionamentos dos agentes face à distribuição de diferentes tipos de recursos” (Caetano, 2011, p. 164) socioculturais. Mediante o exercício da reflexividade, os sujeitos elaboram projetos e define estratégias de existência com base nas circunstâncias sociais em que estão inseridos e nos recursos a que têm acesso, ora constringendo ora potencializando. As estruturas sociais não podem ser consideradas como externas às consciências individuais. Considerando a reciprocidade (Caetano, 2011) ou bidirecionalidade (Valsiner, 2012) dos processos de interiorização e exteriorização, a relação interpretação e ação, mediados pela experiência, são concretizadas em trajetória de vida singular. A realidade social deve ser analisada, quer do ponto de vista ‘interna’ dos atores, quer sob uma perspectiva externa respeitante às estruturas, requer compreender o fenômeno, diferente de uma proposta meramente dialética, sobretudo dialógica.

Os sujeitos não são meros observantes da sua vida interna; são participantes centrais na sua constituição. Há estudos significativos sobre reflexividade como marca da agencialidade

orientados à desconstrução de grandes narrativas como discurso totalitário e o reconhecimento da prática social contextualizada entre processos de globalização e glocalização (Caetano, 2011; Canclini, 2013). Mas, discute-se à forma particular da reflexividade na atualidade, a qual engendra práticas normativa-reguladoras orientadas a valorar condutas e prescrever formas culturais de vida virtuosa com base nos preceitos do neoliberalismo, impactando na atuação da juventude enquanto possibilidades de enfrentamento às exigências cotidianas com o desenvolvimento de resiliência e crítica.

O processo de emergência, descentralização, distanciamento e diferenciação do *self* (Gillespie, 2007; Hermans, 2001) que oportuniza atos sobre si mesmo e sobre a situação é marcado por níveis de reflexividade, nos processos sociais, que colocam em questionamento teorizações dicotômicas. Contribuições na área da psicologia cultural (De Saint-Laurent & Glăveanu, 2016; Gillespie, 2007; Marsico et al., 2015), com ênfase na significação agêntica da consciência reflexiva do sujeito ator, situa o desenvolvimento humano em relação de indeterminação limitada que garante aos sistemas vivos a possibilidade de continuidade e transformações simultâneas, circunstancialmente abertas (Valsiner, 2012), permitindo atos dialéticos e dialógicos de reconhecimento e estranhamento, mesmidade e crítica (Rosa, 2015), em que a história é corporificada na linguagem em atos de negociações e atualizações da realidade.

Dinâmicas de reflexividade oportunizam emancipação do sujeito, distanciando-o das leis da natureza. Emancipação, na e pela linguagem, faz fronteira com o aqui-e-agora ampliando o projetar-se no uso de mediadores semiótico-ideológicos, instituída na fronteira temporal que qualifica o sujeito na composição de trajetórias de vida, entre canalizações e orientações, no fluxo sempre novo da experiência pessoal. O sujeito é forjado na relação eu-outro em dinâmicas de organização e auto-regulação semiótica, negociando com interlocutores sua filiação à ordem sociocultural e histórica. Atividade esta, que inter-

relaciona espaço, tempo e o agente em produção reflexiva porque mediados pela condição disjuntiva e perspectivista dos atos de fala (Gillespie, 2007, Valsiner, 2012).

Reflexividade é a experiência incorporada da consciência no cultivo moral e hermenêutico, orientados a transformações qualitativas circunscritas aos contextos sócio-políticos e linguísticos em condições históricas (Rosa, 2015). O diálogo fundado em encontros com alteridades oportuniza novas formas de socialização e mudança. O *self* é reflexivo e criativo em trabalho de síntese (Rosa, 2015), entre permanências e mudanças, com possibilidades de interpretações múltiplas e singulares, frequentemente opostas dado que o sujeito se movimenta e é produzido na intertextualidade de contextos sociais e perspectivas multiplanos (Volochínov, 2006). A disjunção estrutural eu-outro, temporal e material-simbólico (Glăveanu, 2015a), inscrito no signo-ideológico oportuniza experiências plurais, questionamentos de identidade e inacabamento em diferentes modos de subjetivação (Raggatt, 2014). O sujeito habita simultaneamente a situação imediata-encarnada e a ordem simbólica que transcende a situação aqui-e-agora, os signos em cadeias discursivas estabelecem zonas de contato espaços-temporais que, assimétrico, institui o sujeito histórico, a palavra-ação em desenvolvimento. A reflexividade oportuniza autoavaliação e produção de si (Motta, Rafalski, Rangel, & Souza, 2013) que afetam a forma como o sujeito se percebe e mover-se entre perspectivas cultiva a alternância discursiva como princípio de desenvolvimento reflexivo orientado a organização, auto-regulação, planejamento e ação criativa (De Saint-Laurent & Glăveanu, 2016; Gillespie, 2006; Harré, 2012; Kadianaki & Gillespie, 2014).

A reflexividade é constitutiva do processo de produção de significado, organizada em multiplanos de atividade, em dinâmicas recursivas (De Castro, 2017). Nomear é um ato de reflexividade (Gillespie, 2007) que implica em distanciamento da experiência relacional inicial, vivida em um loop exploratório, com enriquecimento da experiência inicial (Zittoun,

2016). Voltar-se para si como objeto do discurso e atuar em um fluxo de significações, entre perspectivas (De Saint-Laurent & Glăveanu, 2016; Zittoun, 2016), permite ao sujeito (re)descrever e interpretar a cultura pessoal e social. O acúmulo de experiências gera conhecimentos para lidar com novos contextos sociais, experimentar a diferença é condição para orientar tomadas de decisão em eventos críticos (Glăveanu, 2015a; Kadianaki & Gillespie, 2014) tornando possível fazer um balanço do que foi feito e refletir sobre as etapas futuras, de modo a imprimir especificidades aos acontecimentos.

O estudo dos princípios e processos de reflexividade (De Saint-Laurent & Glăveanu, 2016; Gillespie, 2007; Marsico et al., 2015) está comprometido com as forças que oportunizam transformações, entre imaginação (Zittoun & De Saint-Laurent, 2015) e criatividade (Glăveanu, 2015a), descolando-o do imediatismo em aquisição de habilidades para interpretar e intervir no mundo (Zittoun & Gillespie, 2014). O signo é fundamentalmente intersubjetivo (Beraldo, 2017) e a semiótica da auto-reflexão (Rosa, 2015) implica considerar que o sujeito é constituído em um fluxo contraditório de significados culturais, de modo que a ruptura instalada na própria constituição sgnica, produzida coletiva e historicamente, oportuniza inovações em que a atenção direcionada a si é acrescida da perspectiva do outro como princípio responsivo (Gillespie, 2007; Volochínov, 2006).

A reflexividade torna-se um recurso semiótico para analisar a relação sujeito e seus contextos sociais quanto às restrições e as possibilidades em que a ação humana se desdobra historicamente. A emergência de reflexividade (De Saint-Laurent & Glăveanu, 2016; Gillespie, 2007) entre ambivalências, incertezas e intencionalidades faz-se em ações específicas de endereçamento e responsividade (Volochínov, 2006), em relação de co-agência, (Glăveanu, 2015b), de modo que os “aspectos da responsividade indicam a agencialidade, resultante de ações desempenhadas reflexivamente, na alternância dialógica de posições” (Forcione & Barbato, 2017, p. 354). No ato reflexivo, as posições de observador e

observado não se fundem e entram em colapso, mas estabelecem relação de interdependência e reciprocidade. Os sujeitos, em relação, produto e produtores de cultura, em processos de reflexividade, desenvolvem novas perspectivas sobre a realidade, ao mesmo tempo, em que transforma essas perspectivas, em ações. Argumentamos, assim que reflexividade não apenas gera novos conhecimentos potenciais de si, do outro e da situação, mas orienta imaginar e agir de acordo com essas possibilidades (De Saint-Laurent & Glăveanu, 2016).

O conceito de reflexividade institui o debate no campo da experiência humana como lugar de produção de comportamento e campo de pesquisa da psicologia. Na interface da experiência como produto cultural e lócus da psique humana, a reflexividade constitui-se como ferramenta teórico-metodológica e, portanto, uma questão ética em que o sujeito ativo produz conhecimento, especificamente, sobre (o) si-mesmo (Rosa, 2015).

Estudos como o de Enosh e Ben-Ari(2016) criticam a tradição de investimento em pesquisas sobre processos de reflexividade com ênfase em categorias pré-estabelecidas pelo pesquisador e com pouca atenção à reflexividade produzida pelos participantes. A torção, realizada neste estudo, coloca a ênfase na narratologia dialógica (Brockmeier & Harré, 2003) do encontro como acontecimento e produção de realidades e sujeitos, mantendo, no entanto, o foco no participante-colaborador da pesquisa. Buscamos assim, avançar na descrição, em pesquisa qualitativa, nos estudos sobre a juventude em territórios tensionados por relações de pobreza e precarização, em lutas de sobrevivência afetiva, política e econômica, como conceito sociocultural orientado a práticas inovadoras.

Neste processo, a narrativa dialógica como lócus de pesquisa (Riessman, 2015) concretiza-se como um espaço fronteiro de reflexividade, vis-à-vis a percepção de suas experiências, revivendo-as ou afastando-as, mas que mover-se entre elas pode favorecer vivências emergentes em atualizações. A capacidade de refletir é de fato a característica determinante da agência e, neste sentido propomos que os sujeitos jovens possam ser vistos

como agentes envolvidos em processos reflexivos (Enosh & Ben-Ari1, 2016). Dinâmicas reflexivas entre posições ator-observador desfazem a dicotomia passividade-atividade (Gillespie, 2007) e oportunizam novas sínteses em diferentes modos de expressão da juventude. A cultura como produtora e produto das ações intencionais dos sujeitos no mundo, medeia estrutura e processo na (re)construção seletiva da realidade, expondo tanto suas restrições quanto seu potencial em processos de mudança pessoal e social.

Na adolescência há expansão da reflexividade (Souza & Silva, 2018; Zittoun & Cerchia, 2013). A emergência do pensamento em conceitos como atividade principal na adolescência qualifica o *self* em desenvolvimento hierarquizado de generalização e imaginação organizando pensamentos, emoções e valores na elaboração de mundos possíveis em potência de transformações. A adolescência configura-se como um evento crítico e, portanto, um momento de vivência de rupturas, em transição, em que a reflexividade implica um salto qualitativo que envolve produção de propósitos e senso dinâmico de continuidade na produção de significações orientado ao futuro. No diálogo ‘eu’ – ‘mim’ em expansão ao longo do curso da vida, o eu-conhecedor pode interpretar reflexivamente o ‘mim’ com seus atributos e adereços, em jogos de posicionamentos (Harré, 2012), gerado e orientado a habilidades semióticas que fornecem sentido e identidade ao sujeito. O adolescente vivencia um processo de (re)posicionamento de identidade, (re)alocação cultural e produção de novos significados que pode ser acompanhada por dilemas que podem reduzir a autoestima, aumentar a ansiedade social e potencializar a percepção de abandono (Gomes, Dazzani, & Marsico, 2017) que, por sua vez, pode incrementar as barreiras a recursos semióticos em contextos marcadamente desiguais e excludentes.

A adolescência é um momento em que o sujeito define uma perspectiva temporal, um sistema de orientação e esferas de experiência que podem ser concretizadas através de múltiplas transições. Reconhece-se que os jovens constroem diferentes maneiras de responder

as demandas psicossociais, com base em suas experiências e com os significados aprendidos ou produzidos ao longo da trajetória de vida (Gomes et al., 2017). Há que considerar que experiências fornecem um chão semiótico de recursos para lidar com adversidades e, em territórios marcados por violações de direitos, pode emergir e revelar habilidades resilientes para estabelecer convivência diária. Conhecer o que e como os adolescentes gerenciam e refletem sobre condições de vida pode fornecer dados para intervenções orientadas à promoção do desenvolvimento psicossocial. As situações de vulnerabilidades e risco pessoal e social que acompanham as trajetórias de vida de jovens pobres e as possibilidades de enfrentamento, com o desenvolvimento da resiliência e crítica, estão em interdependência de recursos socioculturais disponibilizados ao processo de auto-formação enquanto sujeito atuante em seus grupos de pertença ou não.

Os jovens, devido a novas demandas psicossociais, são chamados a responder e farão isso, mais ou menos ativamente, em atitude de engajamento e retirada da cena causadora de dano (Gomes et al., 2017) dialética e dialogicamente, em função de suas possibilidades e como forma de proteção. Este estudo tem como objetivo revisar sistematicamente a literatura sobre o conceito de reflexividade com foco em narrativas de jovens, em contextos de pobreza, e suas possibilidades de enfrentamento às exigências cotidianas, com o desenvolvimento da resiliência e crítica, mediadas por fatores de risco e protetores, orientados à ação transformadora.

2.1.1 Desenho da pesquisa

Utilizamos o método PRISMA – Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses (Moher, Liberati, Tetzlaff, & Altman, 2009) como referência para elaboração da revisão sistemática da literatura centralizada no conceito de reflexividade com ênfase em narrativas de jovens em contextos de pobreza. A revisão enfocou publicações dos últimos 05 (cinco) anos, tendo sido replicada no ano seguinte totalizando 06 (seis) anos, com

a finalidade de acessar publicações recentes com inovações sobre o conceito de reflexividade como processo psicológico e com foco em narrativas juvenis em contextos de pobreza.

Os textos foram selecionados no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (periodicos.capes.gov.br) que abrange a maioria das mais importantes bases de publicações nacionais e internacionais. No portal, as fontes pesquisadas foram: 1) página inicial do Portal da CAPES, utilizando os termos reflexividade e reflexividade dialógica traduzida para o inglês (*reflexivity*, *dialogical reflexivity*) relacionado à juventude e ao jovem pobre (*youth OR young poor*); 2) posteriormente nos bancos de dados: Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) utilizando os termos reflexividade, reflexividade AND juventude AND pobre, sem resultados; no IndexPsi Periódicos (INDEXPSI) utilizando reflexividade e *reflexivity* chegando a sete achados, mas repetidos; no Scientific Eletronic Library on line (SciELO) utilizando o descritor reflexividade e juventude, sem resultados.

2.1.2 Critérios de busca, inclusão e exclusão de trabalhos

Os critérios de busca, inclusão e exclusão de trabalhos estão circunscritos ao escopo do estudo. Com uso dos descritores na plataforma Capes foram identificados 1.464 títulos e após a utilização dos recursos; relevância, língua inglesa, artigos científicos revisados cegamente por pares e data de publicação; e realização de busca expandida; com os tópicos *qualitative research*, *reflexivity*, *interviews*, *psychology*, como filtro para acessar os textos delimitados pelo estudo foram selecionados 104 (cento e quatro) artigos e realizada leitura dos resumos destacamos 20 (vinte) artigos com ênfase em narrativa de jovens em contextos de pobreza. Destes foram excluídos artigos com foco em vivência de doenças graves ou terminais, contextos de educação formal, psicoterapia ou jovens fora dos cenários de pobreza. Ao utilizar os filtros de seleção delimitamos 04 (quatro) estudos empíricos para efeito de análise por se concentrarem na narrativa dos participantes em espaços que destacaram as

dinâmicas de reflexividade em estratégias de enfrentamento a situações adversas. O uso das palavras-chaves foi adaptado aos recursos de cada plataforma de busca.

O método de seleção buscou priorizar estudos com jovens em vivência de situações limites socioeconômicos que podem ampliar sofrimentos e conflitos e, a conseqüente busca de rotas alternativas para elaboração de estratégias e projetos de vida resilientes. Manter o foco neste propósito exigiu persistência e método, que embora tendo resultado em número reduzido de artigos, culminou em trabalho de aprofundamento no estudo teórico dos processos de reflexividade. Como resultado, não foi localizado na revisão de literatura o processo de reflexividade na gênese do fenômeno psicológico que abrangesse leitura sociocultural em estudos empíricos, embora tenha havido indicação de estratégias de enfrentamento a adversidades e interesse na narrativa de jovens propiciando, reformulação de métodos e realidades. O resultado justificou o aprofundamento do estudo teórico que forneceu aportes para análise de métodos qualitativos.

2.1.3 Juventude e estratégias de enfrentamento as adversidades como indicadores de reflexividade

Os textos colocam no centro do debate o segmento da população historicamente segregada, a juventude pobre (Gallego, 2014; Johnson & Easterling, 2015; Lesch & Furphy, 2013; Maclure, 2017), e suas possibilidades de enfrentamento das adversidades em contextos de precarização simbólica e concreta. Os jovens empreendem esforços cognitivos, emocionais e comportamentais no enfrentamento às situações de ameaça à integridade do *self* dada à variabilidade dos contextos, mas em condições específicas de diálogo podem oportunizar desenvolvimento de resiliência e crítica orientados a transformações.

Os jovens quando estimulados em atividades colaborativas e coletivas relevantes como conversa, esporte, dança e teatro; em performances e expressão narrativas de sua escolha, em encontros íntimos e afetivos com outros significativos e, especialmente, entre pares, em ambientes seguros, podem orientar rotas alternativas, autoral e criativa de existência. Eles são

atores em condições de revelar percepções únicas, em tempos difíceis, avançando na agencialidade com possibilidades de rompimento de barreiras semânticas que reificam a pobreza, noções de gênero sob o predomínio do modelo hegemônico masculino e a prevalência de arranjos hierárquicos de poder alicerçados em noções adultocêntricas na (des)qualificação da voz da juventude e em posicionamentos orientados a menos valia, prioritariamente, quando se trata da juventude pobre

O desenvolvimento teórico dos processos de reflexividade como social e cultural apresenta-se como referência e diálogo para analisar o conteúdo dos artigos encontrados, dado o tema e recorte de nosso investimento na construção deste texto. A análise dos textos selecionados é baseada nos resultados obtidos na revisão teórica do texto de base, em estudos que permitiram identificar dimensões centrais de reflexividade como marca da agencialidade na negociação de significados e produção de si, do outro e do mundo em inovações, criticidade e contextualização.

A pesquisa de Johnson & Easterling(2015) demonstra que sentidos atribuídos ao encarceramento dos pais, com ênfase em narrativas juvenis, contextualizadas em vivências de interrupções nas relações de cuidado, instabilidade econômica e residencial, estigma social, manutenção da situação em segredo e a ambiguidade de ter um pai psicologicamente presente, mas fisicamente ausente caracterizam ruptura autobiográfica que exigem estratégias de enfrentamento-*coping*. Esta experiência pode incluir ansiedade e sintomas depressivos, comportamento agressivo, envolvimento em atividades criminosas e problemas relacionados à escola ou ainda rotas alternativas afetivo-cognitivas de elaboração. Para tanto, os jovens utilizam estratégias de engajamento e/ou evitação, distanciamento da situação vivida e retraimento de energia nas respostas diante o sofrimento. A variabilidade com que os jovens lidam com o encarceramento parental demanda esforços cognitivos e comportamentais de enfrentamento para gerenciar o estresse gerado em situações de ameaça a integridade física e

emocional quando não se tem disponível um chão semiótico (re)conhecido e comum. Mas, espaços promotores de confiança que estimulam a narração e interpretação podem se constituir como fontes de exteriorização de emoções negativas, formação de amizades e relações relevantes, condições que podem também ser explicadas pelas diferenças socioculturais. Processos de integração-diferenciação e auto-regulação podem orientar escolhas deliberativas de proteção de si e compartilhamento da experiência, como ato de empatia e solidariedade, indicando reflexividade orientada às mudanças qualitativas.

A pesquisa de Gallego (2014) apresenta uma preocupação teórico-metodológica no estudo da relação entre escrita da tese e reflexividade como ferramenta ética em criticidade e contextualização da produção narrativa pesquisador-participante, enquanto sujeitos sócio históricos. A escrita como espaço de intertextualidades e agência requer que não seja convertido em abstrações, articulando o geral e o particular no desenvolvimento de uma escrita povoada por pessoas e suas especificidades. A leitura na perspectiva de gênero sobre o funcionamento de medidas judiciais de confinamento aplicadas a adolescentes mulheres e a vivência da institucionalização, sob o predomínio do modelo hegemônico masculino nas produções societárias e científicas, permeia a interlocução e produção de significados intersubjetivos. Mas, enquanto um campo de tensão, a voz da participante mulher-adolescente, em jogos de posicionamentos, rompe com o esperado nos papéis de filha e mãe. Estratégias de enfrentamento-*coping* são tensionadas em reconstruções particulares frente às demandas sociais e de gênero pautadas em escopo normativo que engessa condutas masculinas e femininas na atualidade. Esta realidade quando vivenciada em instituições que reproduzem o discurso totalitário e excluem espaços dialógicos podem restringir o grau de reflexividade e amplificar sofrimentos. Reflexividade indica a possibilidade de retirar o sujeito de abstrações e generalizações conceituais para não os fixar a estigmas e pré-conceitos que reproduzem, por exemplo, noções de periculosidade e/ou incapacidade. Trata-se de

posicionamento ético que compreende diferentes formas de experimentar a condição, por exemplo, de ser homem e mulher como paradigma inclusivo.

A pesquisa de Lesch e Furphy (2013) evidencia a reprodução de discursos românticos e de gênero dominantes, em relações de intimidade, dentro de um contexto comunitário de precarização simbólico-material. Vivências de situações de vulnerabilidade e violência fundadas em padrões de raça, gênero e classe social, hierarquicamente desigual, contribuem em produções negativas do romance adolescente orientando-o para produção de identidades heterossexuais que reproduzem posições sociais. Evidencia-se, no entanto, que a oferta de espaços que estimule os jovens a falar e articular suas experiências, em qualidade cognitiva e afetiva, podem promover discursos alternativos, prioritariamente, quando reconhecido que os jovens são capazes de gerenciar suas experiências associada à distribuição de educação sexual para tomada de decisões auto-protetivas. Vivenciar a intimidade, compartilhando experiências, em tempo relevante para o desenvolvimento de conversas de auto-revelação e sentimentos de valorização, oportuniza reflexividade orientados a mudanças de experiências de relacionamento que rompam com o pré-estabelecido. Deste modo, o jovem avança em agencialidade, especialmente, quando explora experiências acumuladas em desenvolvimento de valores e crenças sobre si mesmo como parceiros e sobre expectativas de relacionamentos afetivos.

A pesquisa de Maclure (2017) apresenta que os jovens são atores sociais que possuem atributos cognitivos e afetivos únicos e são capazes de revelar percepções criativas de suas próprias observações e experiências quando estão envolvidas em interação específicas com adultos e, especialmente, entre pares, oportunizando reflexividade. Reconhecidos em sua voz como coparticipantes, expande-se o sentimento de confiança e agência contrariando a persistência de arranjos hierárquicos de poder alicerçados em noções adultocêntricas. Verifica-se que pesquisas com sujeitos jovens que os inclua na produção e acumulação de

conhecimento pode romper com o discurso monológico. A delegação de autoridade à juventude, em coprodução de conhecimento, oportuniza a produção de consciência crítica que impacta na mobilização social e ação comunitária, contribuindo em diversidade para o realinhamento de políticas públicas e transformações sociais. O estudo indica que há diferença de impacto da reflexividade no macro e microsistema, dos estados-nações até o nível das atividades locais onde os laços culturais são mais estreitos. O jovem vê-se confrontado, em maior ou menor escala, com um sentido contraditório de suas identidades frente às regras do mundo adulto, entre suas raízes ancestrais e os desafios impostos pela contemporaneidade. Desafios atuais concretizados na urbanização acelerada e fragmentada, nos altos índices de desemprego e governos não-participativos prioritariamente em territórios marcados pela pobreza.

Dinâmicas ambivalentes entre o discurso tradicional e o discurso atual associadas à mobilidade, ao individualismo e à emancipação geraram formas de hibridismo cultural e, conseqüentemente, diferentes arranjos de poder em atuações orientadas à aceitação, negação e/ou resistência de modelos adultocêntricas e de gênero. As atividades dos jovens com ênfase em processos colaborativos, ambientes seguros e performances narrativas respeitando seus interesses e autoria demonstra inclinação e capacidade de examinar coletivamente questões sociais e formular modos de reflexão pessoal e pública que, entre forças estruturais e orientações, podem gerar respostas mais resilientes e críticas diante as adversidades dos contextos de existência.

2.1.4 Narrativas de jovens em contextos de pobreza

A ênfase na diversidade de modos de sociabilização e desenvolvimento de recursos socioculturais oportunizam reflexividade. A diversidade no enfrentamento às exigências cotidianas adversas, entre recursos sociais disponibilizados e elaboração de estratégias-*coping*, necessárias a auto-regulação e reconstruções particulares de vida, implica considerar

que reflexividade media experiências com pessoas e lugares específicos em produção de significados, em atividades multiplanos. Na juventude, a reflexividade é centrada em atos de deliberações de evitação e/ou engajamento em processos de ruptura e estratégias de enfrentamento-*coping* a situações adversas como precarização socioeconômica, discriminações e estigma social, violência, drogas, gravidez na adolescência e fixidez discursiva em padrões hegemônicos adultocêntricos e de gênero. O desenvolvimento do posicionamento ético como ato responsável (Sobral, 2013b), em atuações concretas, geram sentido nos processos de co-produção de conhecimento experiência dos com outros, entre perspectivas, por exemplo, do policial e o jovem; a mãe e o filho; o traficante, o avião e o consumidor; o companheiro e a mulher, entre ausências e presenças, mais ou menos seguros, de modo a incluir a voz da juventude. Em experiências concretas, dialógicas e abertas, o confronto com temas e vivências de pobreza, insegurança física e emocional, desigualdade e discriminação podem gerar resiliência e criticidade orientados a transformações, entendendo que os jovens não são repositórios passivos, mas descobridores e coprodutores de conhecimento.

O desenvolvimento da agencialidade inter-relacionado à resiliência e crítica é mediado por fatores de risco e protetores orientados à ação transformadora (Gallego, 2014; Gillespie, 2007; Glăveanu, 2016; Johnson & Easterling, 2015; Lesch e Furphy, 2013; Maclure, 2017). Os jovens em espaços colaborativos, seguros e rico em diversidade evidenciam atos de reconstruções particulares, em esforços para gerenciar o estresse, através de atividades como o esporte, leitura, terapia e ajudando os outros compartilhando suas experiências, atividades estas que oportunizam sentimento de confiança, exteriorização de emoções negativas e vivência com pares.

Os textos dialogam ao considerar que os significados são produzidos no conjunto de ações, em um quadro discursivo de mundo, em que a cultura media as produções de

significados. O comportamento humano é culturalmente organizado. Reflexividade como princípio e processo psicológico inscreve o sujeito cultural, em desenvolvimento, como marca da dependência e independência simultâneas da subjetividade e contextos específicos na produção de trajetória de vida. A valorização da fala e da experiência da juventude implica reconhecê-los como protagonista, em espaços de convivência e decisão e a participação, em pesquisa aplicada pode contribuir para armazenar evidências úteis para o direcionamento e realinhamento de políticas públicas direcionadas a condições dignas de existência e relações equânimes. As relações interpessoais fundadas em respeito, tolerância, empatia e equidade são potenciais de transformações de identidades e realidades à medida que os jovens interagem em contextos dialógicos. Os estudos reforçam, portanto, que jovens são atores sociais que possuem habilidades afetivo-cognitivas singulares, quando oferecido oportunidades e recursos econômicos e semióticos revelam percepções e soluções, em colaboração com pares, em seus espaços sociais.

Os textos avançam na leitura das dinâmicas de reflexividade em produções de si, social e historicamente, e apresentam contribuições quanto a análises das experiências subjetivas mediadas por fatores étnicos, econômicos, familiares, e ambientais que geram crenças e valores e orientam comportamentos e expectativas (Lesch & Furphy, 2013; Gallego, 2014; Johnson & Easterling, 2015; Maclure, 2017). No entanto, os estudos apresentam uma leitura da reflexividade, prioritariamente, como produto e pouca ênfase à relação dialógica eu-outro, entre ambivalências e incertezas, produtora de cultura pessoal e coletiva enquanto princípio psicológico. A dialogicidade como constitutiva dos fenômenos humanos revela assimetrias eu-outro, espaços-temporais e objeto simbólico-concreto que funda o sujeito sociocultural em desenvolvimento orientado a metas. Carecem análises que dialetizam produções culturais, agencialidade e criatividade humana, particularmente, se considerada a dimensão microgenética do fazer humano na produção da realidade entre pessoas e seus contextos.

A cultura como sistema aberto, dinâmico e multideterminado estabelece-se como um campo de lutas entre discursos valorados, em atividades multiplanos, que abrem brechas para seu questionamento e hibridizações (Valsiner, 2012; Harré, 2012), radicalizando a interdependência entre estrutura e agência (Caetano, 2011; Peters, 2013), entre mesmidade e criticidade na produção dos fenômenos humanos em desenvolvimento. Os textos analisados referem poucos estudos e avanços sobre a reflexividade centrados na narrativa de jovens, em contextos de pobreza ou baixa renda, quando em vivência de situações críticas indicando a necessidade de investimento futuro em pesquisas. O diálogo com a psicologia cultural é uma importante ferramenta teórico-metodológica no estudo dos fenômenos humanos de uma abordagem intersubjetiva, pragmática e temporal, em que reflexividade apresenta-se como princípio e processo psicológico. A condição disjuntiva da produção de significado, em atualizações, é central em estudos do desenvolvimento humano avançando na agencialidade como atuação reflexiva orientada a tomada de decisões na vida comum diária e no campo da ciência psicológica.

2.2 O caminhante jovem nas experiências da rua em formação de autoria de pensamento e emancipação

O estudo da produção de significados, em interações, permite direcionar a atenção para as interpretações da juventude sobre trajetórias de vida (Barbato et al., 2016), marcada por eventos de rupturas biográficas, com foco no desenvolvimento humano em que há múltiplas possibilidades de respostas ante a diversidade que está exposta cotidianamente. O sujeito cultiva biografias, em negociações eu-outro, entre memórias do passado, imaginações do possível e antecipações do futuro. Mudanças históricas pessoais e coletivas produzem mudanças em consciências, modos de socialização e atuações humanas. O desenvolvimento da reflexividade na experiência humana oportuniza processos de formação-produção de autoria de pensamento e emancipação como ato histórico e ético do estar-junto, inscrevendo o

sujeito responsável e participativo. Atuar eticamente é atuar com e para o outro como condição de emergência de subjetividades sociohistóricas.

Ao instituir o sujeito da história dialeticamente institui a história como realização de consciências e devir estético, “o trabalho do interprete não é simplesmente reproduzir o que realmente diz o interlocutor [...], mas tem que fazer valer a opinião daquele assim como lhe parece necessário, tendo em conta como é autenticamente a relação dialogal na qual ele se encontra como conhecedor de duas línguas que estão em comércio” (Gadamer, 1999, p. 460). A emergência de subjetividades faz-se no momento do encontro, em negociações eu-outro, mediado pela linguagem como ‘médium’ (Gadamer, 1999) na concretização da experiência humana, de modo que a linguagem “leva consigo sua própria verdade, isto é, revela ou deixa aparecer algo que desde este momento é... A linguagem é o meio em que se realiza o acordo dos interlocutores e o entendimento sobre as coisas” (Gadamer, 1997, p. 559 e 560). A linguagem é a corporificação da história.

O sujeito se desenvolve nos processos de interação, tornando-se singular em sua historicidade. A movimentação humana faz-se entre movimentos geográficos e semânticos em descontinuidade e dialogia (Gillespie, Kadianaki, & O’Sullivan-Lago, 2012) e ainda constitui-se como um valor em si que organiza a experiência humana (Garcia, 2013). Os deslocamentos se apresentam como necessidade, experiência adaptativa e habilidade simbólico-concreta na concretização do sujeito sociocultural. Os níveis da ecologia humana, biológico, cultural e histórico estão integrados e em relação dialética assim como diferentes níveis temporais, filogenético, ontogênico, cultural, e microgenético localizam o sujeito em dada temporalidade, concretizados nos encontros, compondo biografias culturais (Valsiner, 2012). O humano, em desenvolvimento, com a liberação das mãos, aquisição da postura vertical e o desenvolvimento do sentido da visão estabelece outra relação com o objeto e o mundo (Garcia, 2013), projetado em processos semióticos, como atividade exploratória

intersubjetiva, pode gerar reflexividade em novas linguagens e experiências (Beraldo, 2017; Gillespie, 2007). Humanos se movem de um lugar para outro ao encontro de alteridades, que pode ser abraçada ou resistida, produzindo identificações.

Constata-se que a movimentação humana assume especificidades ante “a velocidade e o imediatismo oferecidos pelos meios de transportes tecnológicos e mecânicos contemporâneos” (Garcia, 2011, p. 108) que coadunam com o projeto da sociedade capsular (Schvartsberg, 2012). Em decorrência do capital suprime a interdependência e coprodução do ato de pensar, de modo que “todo processo possível de auto-formação é relegado em um plano pouco relevante ou marginal” (Garcia, 2011, p. 108).

A multiplicidade de encontros sociais que integra o ato de caminhar o torna autêntica experiência estética (Garcia, 2013). A experiência como ser-no-mundo é constitutiva da consciência. Experiência e consciência estão em relação de co-construção, co-determinação e co-desenvolvimento (Overton, 2015), em que a consciência se estrutura sob a forma de experiência hermenêutica. O saber não coaduna todo o campo experiencial e o sujeito abre-se a outras experiências em atividades específicas, forjado na finitude e inacabamento como ser social. A hermenêutica da experiência fornece consciência histórica, de modo que a tradição se encontra em permanente diálogo com o futuro, em negociações intersubjetivas (Gadamer, 1999; Beraldo, 2017).

Os sujeitos em movimento entre experiências proximais e distais (Zittoun & Gillespie, 2014) se produzem na intertextualidade das zonas de contato como, por exemplo, nos quintais da infância (Reis, Santos, Bastos, Marsico, & Rabinovich, 2018), migrantes em deslocamentos (França, 2019), passagens por aeroportos ou rodoviárias (Augé, 2012) e jovens pelas ruas das cidades, expressões da diversidade e riqueza da experiência humana entre pessoas e lugares. Situações específicas em que memórias pessoais e coletivas se chocam orientam seleção e avaliação de eventos na produção de biografias (Habermas & Hatiböghu,

2014) na interdependência de vínculo e diversidade de trocas de conhecimentos, valores e intencionalidades. O grau de complexidade e heterogeneidade do *self*, constituído nos deslocamentos por diferentes cronotopos, com qualidade de narração e atualizações inter/intrageracional, estabelece o discurso em coexistência de significados ambivalentes ora com pouca ou nenhuma consciência crítica ora como dispositivo para lidar com as adversidades com resiliência e crítica.

O movimento dos jovens pelas ruas da cidade dá-se no ‘entre’ experiências socialmente estruturadas e, estes deslocamentos entre culturas, em processos de diferenciação e integração, produzem espaços significativos, de forma que experiências de outros tempos e lugares podem entrar em contato com experiências proximais (Zittoun & Gillespie, 2014), oportunizando reflexividade (Gillespie, 2007) no choque entre práticas canônicas e inovadoras de historicidades (Barbato et al., 2019). A semiótica da rua a institui como fronteira e lócus de emergência de subjetividades e pressupõe relações de inclusão e exclusão enquanto terreno de contradições, movendo-se ora para diminuir ora para aumentar a ambiguidade em direção ao mesmo e/ou diferente (Marsico & Varzi, 2015; Reis et al., 2018). Portanto, é um lugar de tensão e negociação, de encontro e conflito, materializando temporalidades pela lógica da separação inclusiva (Valsiner, 2012).

Na adolescência a capacidade reflexiva ganha um salto qualitativo. Condição esta, qualificada com a emergência de compreensão biográfica em complexidade e expansão de senso crítico sobre a realidade. Mudanças no desempenho da posição social, com diferenciação da atividade afetivo-cognitivas (Facci, 2004; Souza & Silva, 2018), particulariza transições em meio a novas exigências e demandas societárias. A emergência de compreensão e produção biográfica exige esforços específicos de negociação, participação e compartilhamento de formas-conteúdos culturais orientados a identificações. Na medida em que o adolescente ganha maior domínio sobre a formação dos conceitos em articulação com

afetividade, imaginação e criatividade organiza e expande o *self* como totalidade sistêmica, em desenvolvimento de maior ou menor agencialidade, em práticas discursivas, de resistência↔resignação, aceitação↔negação, emancipação↔sujeição. Circunstância que ganha impactos específicos se associado a contextos de pobreza em restrições de recursos concreto-simbólicos. Há que considerar que em sociedades desiguais social, política e economicamente, (des)vela-se um sistema de distribuição de bens materiais e simbólicos em que a assimetria é capturada em crenças e valores de um campo ideológico pautadas em relações de menos-valia e discriminações.

A juventude em situações de vulnerabilidade e risco pessoal e social, muitas vezes, concretiza discursos em práticas de exclusão-inclusão perversas que antecipam vivências que, a priori, compõem o quadro de normativas definidas e negociadas culturalmente entre ciência e senso comum. Especificamente no Brasil, “a fase maturacional tem... um período mais curto no desenvolvimento daqueles pertencentes à classe trabalhadora, especialmente pelas duras condições de vida e pela necessidade de inserção laboral precoce (...) esses fatores influenciam mais fortemente o desenvolvimento do intelecto, pois esse corpo adquire modos de atuar que é produto da socialização do pensamento” (Souza & Silva, 2018, p. 28). Vivências que, no entanto, exigem esforços excedentes por parte dos jovens, responsáveis, cuidadores e comunidade em geral, como possibilidade de ampliar possibilidades de existência.

Discursos oficiais e alternativos são tecidos com os mesmos fios semióticos (Rosa & Castro, 2007) em que o sujeito elabora e atualiza em atos de comunicação. Movimentar-se entre experiências, em cronotopos, oportuniza reflexividade geradas em processos de convencionalização, “direcionados à conservação seletiva de materiais antigos, em suas relações com o novo” (Barbato, et al. 2019), com organização e auto-regulação do *self* (Valsiner, 2002) em atuações diferenciadas daquelas conhecidas. Mover-se entre perspectivas

cultiva a alternância discursiva, como princípio de desenvolvimento reflexivo orientado a organização, auto-regulação, planejamento e ação criativa (Gillespie, 2006 & 2007; Harré, 2012; Glăveanu, 2015a, 2015b; & 2016; Kadianaki, & Gillespie, 2014).

A reflexividade potencializa novos entendimentos de si mesmo e da situação e leva a pessoa a imaginar e a agir de acordo com as possibilidades, em experiências com os outros (Glăveanu, 2015 & 2016). Complexos de significação mudam quando se tornam objeto de discurso interpelado pelo outro, oportunizando novos sentidos às situações vividas. Dinâmicas de reflexividade são efeito de compromisso que (com)porta a perspectiva do outro como marcação da diferença no si-mesmo (Gadamer, 1997, Bruner, 1997) que oportuniza integrá-la na produção de novo entendimento como ato genuíno (Gillespie, 2007, Glăveanu, 2015a). As perspectivas dos outros são internalizadas de acordo com padrões de interação institucionalizados, compartilhados a partir de scripts culturais abertos e em transformação (Gillespie, 2006). O eu e o outro têm posições intercambiáveis, em ações que definem a maneira como as pessoas se relacionam com o mundo (Gillespie, 2006). Eus (singulares-múltiplos) ocupam perspectivas em desenvolvimento da agência, processos estes intimamente relacionados à emergência da novidade, em processos de reflexividade.

A produção do *self* é um artifício, no *inbetween* (Barbato, et al. 2019), a partir do *ground* de compreensão social compartilhada e processos de mudança. A alteridade constitutiva da estrutura do significado é fundante da dialogicidade (Kadianaki & Gillespie, 2014; Rosa, 2015) e os enunciados, enquanto fenômeno social e histórico são ações energizadas pela emoção que qualificam e atualizam raciocínios e atuações, em experiências, com novos contextos sociais (Forcione, 2018). A compreensão reflexiva de estratégias discursivas, constituídas em processos afetivo-cognitivos, orienta diferentes modos de relacionamentos, em experiências comuns cotidianas, em dinâmicas de afetação (Reis, et al., 2018) que inter-relaciona pessoas e lugares em ações de afetar e ser afetado, no e pelo

diálogo, em produção de sentidos. Pelo afeto, positivo ou negativo, estabelecem-se relações entre pessoa e seu ambiente (Reis, et al., 2018, p. 63), que relacionados às rupturas autobiográficas do jovem, em condições de existência marcadas pela desigualdade social, entre vivências de sofrimento, medo, humilhação↔recomeço e esperança, sustentam práxis ora de submissão ora ético-estética de transformação social (Sawaia, 2009).

A juventude em experiências da e na rua produz cultura, que dialeticamente a produz. O jovem como autor e ator, é coproduzido na relação entre pessoas e lugares, mediados pela ação, através da participação em várias instituições sociais (Grossen & Orvig, 2011), “marcado por ligames entre ideologias e emoções vivenciadas no cotidiano, que marcam a introdução de novidades no em-sendo das experiências” (Barbato, et al. 2019, p. 25), em dinâmicas de reflexividade. O diálogo eu-mim-outro gera o *self*, em dinâmicas de reflexividade, oportunizando narrativas emancipatórias (Oliveira & Satriano, 2014) como desenvolvimento potencial de criatividade, a “criatividade (...) está presente sempre que a imaginação humana combina, muda e cria algo novo” (Mozzer & Borges, 2008, p. 2).

Entende-se criatividade como uma ação que os sujeitos movimentando-se entre diferentes posições, integrando e diferenciando perspectivas, produzem imaginativamente novas ações com menor ou maior reflexividade. Condição esta, em função da relação entre restrições↔possibilidades, acessibilidades↔exclusões no uso e participação dos recursos concreto-semióticos, em circulação, no contexto em que o sujeito está imerso (Gillespie, 2006, Valsiner, 2012). Portanto, em reciprocidade com a dialogicidade dos contextos sociais pelos quais o sujeito se desloca geográfico-simbolicamente (Gillespie, et al. 2012).

Criatividade pressupõe relações de aprender e transformar-se a partir do(s) outro(s). Incluir o outro-diferente na produção de conhecimentos oportuniza análises criativas e emancipatórias como “modificação construtiva no curso natural das coisas” (Valsiner, 2012, p. 21). A imaginação gera criatividade e, assim expande a experiência humana desencadeada

por rupturas e quebras de significação, em encontros com o outro. A imaginação potencializa movimento de *loop* presente-passado-futuro como um salto qualitativo de preenchimento da lacuna, '*the gap*' (Zittoun, 2013), na produção de uma imagem de acabamento necessária a permanente percepção incompleta do mundo.

A imaginação e criatividade, em reciprocidade, implicam na emergência de um novo modo de ver as coisas por meio da mediação semiótica (Valsiner, 2012; Zittoun, 2013), ativamente criada, por exemplo, em jogos de criança que, prototipicamente, indica o desenvolvimento do *self* em interações sociais. O *Self*, em processos de reflexividade, é desenvolvido através da participação do sujeito em e através de instituições, entendidas como uma série de regras, normas, regulamentos, valores, procedimentos, rotinas e práticas, que pressupõe que regulam condutas. Por sua condição de estabilidade e continuidade regulam relações interpessoais, mas participar dos códigos institucionais implica reconhecer perspectivas com orientações diferentes que formam sua totalidade, inscrição da descontinuidade que abre possibilidades para seu questionamento (Gillespie, 2006).

O sujeito por meio da mediação semiótica localiza-se, ao mesmo tempo, “imerso em dado contexto de atividade situada e como agente reflexivo que está distanciado do cenário do qual está imerso” (Valsiner, 2012, p. 32). Reciprocidade que inscreve o sujeito sociocultural em desenvolvimento de autonomia. Nesta condição, o sujeito não desaparece em abstrações, visto que sua singularidade é produzida na totalidade concreta em que está inserido não pertencente a nenhum outro sujeito. Processo de interpretações de si, do outro e mundo, entre a cultura pessoa e coletiva, em que revisita contextos do passado, imagina contextos no futuro e assume perspectivas do(s) outro(s) em produção de sentidos.

Situações de quebra de comunicação podem gerar reflexividade, como operação dialógica, na circularidade entre a experiência vivida e produção de significados enriquecida pela imaginação que orienta ações e pensamentos criativos. O processo de imaginação

encontra-se aliado a cinco aspectos de desenvolvimento (Zittoun & Gillespie, 2016). Pode fazer parte de uma esfera de experiência na vida cotidiana como imaginar um copo de água fresca para suportar a sede e o calor; pode ser a atividade principal dentro de uma determinada esfera de experiência como a leitura de um livro vivenciando suas aventuras e emoções; pode ser o que conecta ou relaciona duas esferas de experiências como receber a aprovação pelo trabalho que ainda encontra-se em andamento; pode ser ativo em pontos de ambivalência ao criar novos caminhos e por fim pode realmente desempenhar um papel importante no surgimento de novas esferas de experiências, muitas vezes, distais como elaborar sonhos em realidades.

A imaginação é um processo cognitivo complexo, socialmente desenvolvido, usado para se desprender do concreto e gerar mundos possíveis, geradora de criatividade oportuniza soluções inventivas de problemas cotidianos e abstratos. Diante das demandas sociohistórica e institucionais, os jovens se veem diante a tarefa de (re)descreverem suas histórias. Situações inesperadas e críticas, experiências de pontos de viragem (McLean, 2008; Habermas & Köber, 2015), podem interromper a ação contínua e oportunizar reflexividade na produção de raciocínio autobiográfico (Habermas & Köber, 2015; Pasupathi, 2015) em desenvolvimento de coerência temporal, causal-motivacional e temática em processos de mudanças, orientados ao desenvolvimento humano e social. Processos de reflexividade, em produção de raciocínio autobiográfico, envolve imaginação e criatividade como possibilidades de inovação e tomada de decisão resilientes e criticidade como estratégias de enfrentamento à situações adversas.

O deslocamento de interesses na adolescência qualifica relações interpessoais e posicionamentos ideológico-institucionais podendo levá-los participação ou não na distribuição social que se estabelece entre o poder hegemônico e contra-hegemônico em práticas equânimes↔desiguais. Processos que oportunizem autoria de pensamento e emancipação é a ponte para o debate inclusivo de diferentes segmentos historicamente

segregados da sociedade. Processos de formação-produção centrados no imperativo dialógico, como estatuto ético-estético-político, faz-se em movimento entre audiências e contextos específicos qualificando a si e a situação em valor de dignidade, equidade e sensibilidade porque aberto a humanidade do outro. Se posicionar na intertextualidades e estar junto implica considerar ideias↔valores juvenis com ênfase em participação colaborativa na produção de si, do outro e situação. Reconhecer o protagonismo juvenil em sua trajetória de vida, do bairro e da cidade requer abertura para apreciar as possibilidades plurais de participação a nível local. Condição de desenvolvimento de senso crítico e contextualizado situando o sujeito como produtor e produto da cultura.

2.3 Contextualizações: projetos de vida juvenis pelas ruas da cidade

Produções em psicologia cultural (Carlucci, Barbato, & Carvalho, 2011; Reifman, Arnett, & Colwell, 2007) estabelecem que o conceito de adolescência refere-se a pessoas de 14 a 16 anos e adulez em emergência as de 18 e 25 anos de idade, considerando o período entre o final da adolescência e início da fase adulta em que os jovens não se sentem adultos, caracterizando um período distinto de países industrializados. Enquanto um fenômeno construído social e historicamente estabelece-se o conceito juventude para dialogar com o campo das ciências sociais. Assim, como a escolha do termo juventude dá-se por operar como metáfora que qualifica assimetrias e diversidades, o que torna necessário o conhecimento sobre a condição juvenil e os jovens brasileiros. Trata-se de um momento de vida em uma variedade de experiências, em transição, no campo da aprendizagem e tomada de sentido mediada por aquisições e sofisticação de recursos semióticos e a complexificação da organização dinâmica do *self*, momento que novas demandas e sugestões sociais são materializadas (Zittoun, 2007 & 2012; Zittoun, Duveen, Gillespie, Ivinson, Psaltis, & Charis, 2003).

A construção do fenômeno da adolescência esteve centralizada a estados de instabilidade e crise vinculados a paixões, excitações, agressividades; estados intensos em função de determinantes biológicos e de condutas de ajustamentos e adaptações ao mundo adulto. O conceito de adolescência historicamente foi construído sob a lógica adultocêntricas. O trabalho de Erikson (1976) se destaca no avanço de leitura da adolescência desde uma abordagem psicossocial, em que as dimensões institucionais, socioculturais, históricas e biológicas estão em interação, mas ainda sob a direção de desenvolvimento em fases ou etapas em que estão em jogo conflitos de identidade e difusões de papéis. De uma leitura do desenvolvimento da adolescência (Lopes de Oliveira, 2006) orientada a transformações qualitativas, no espaço-tempo, alicerça-se a abordagem narrativista e dialógica em que se estabelece a interdependência da subjetividade e cultura, mediadas pela linguagem, e modificadas em ações nos contextos das práticas sociais, em dinâmicas intersubjetivas, como princípio de produção do psiquismo (Souza, & Silva, 2018).

A adolescência é um momento de transformações qualitativas afetivo-cognitivas em desenvolvimento da cultura pessoal e social, em processos de transição. Em termos dinâmicos os processos de transições, em desenvolvimento, envolvem três fluxos interdependentes de processos na juventude (Zittoun, 2007): novos posicionamentos em encontros com novos interlocutores e contextualizações; novas formas de conhecimento e habilidades sociais e cognitivas e o compromisso na construção de significados, em produção de narrativa que forneçam senso de continuidade e coerência entre esferas de experiência (Habermas & Bluck, 2000; Habermas & Hatibõghi, 2014; Zittoun, 2007) e organização e auto-regulação na formação hierárquica de valores pessoais para produção do mundo adulto.

Neste debate faz-se necessário deslocar as representações de pobreza de discursos homogeneizantes, que segue a lógica do comércio-consumo para efetuar um deslocamento com foco nas significações cotidianas entre manutenção e resistência ao pré-estabelecido. O

sujeito produz-se, entre canalizações e orientações, e a radicalização do projeto neoliberal impõe restrições materiais e complexos de significados que reconhecidos e internalizados promovem e mantêm a pobreza como uma realidade social construída (Bourdieu, 2010; Bruner, 1997). As bases históricas do conceito pobre vêm do latim mendigo, que significa pequeno e que associado como atributo simbólico de sujeitos, especialmente os que vivem em territórios marcados por desigualdades e injustiças sociais, respondem aos interesses, em jogos de poder, de tempos históricos específicos. Os significados carregam as suas histórias e sua polissemia incorporada, em multiplanos, negociados e atualizados, na relação eu-outro, valoram lugares e seus sujeitos.

Os processos de inculcação como produto de aceitação e reconhecimento “dos princípios de um arbitrário cultural” (Almeida, 2005, p.144), do poder dominante, dependem do desconhecimento de seus processos e relações para legitimação da violência simbólica (Bourdieu, 2010). Envolve processos cognitivo-afetivos que ora aceitam e ratificam os processos sócio-políticos e econômicos desiguais ora resistem ou negam nos tensionamentos, entre crenças e valores, em vivências de deslocamento pelos contextos sociais. No entanto, o projeto de fixidez e massificação das classes sociais (Bourdieu, 2010) produz hibridizações (Canclini, 2013) que oportunizam questionamentos em estratégias resilientes. Importante considerar que a resiliência não configura processo de restauração da estabilidade mental ou das relações, mas de transformação orientada ao cultivar e à vontade do bem estar, do bem comum e da justiça social.

O estado de violação de direitos atua como obstáculos ao desenvolvimento humano e social. As condições de vida da juventude em contextos de pobreza implicam em ausência de Proteção Social e suas respectivas seguranças socioassistenciais (UNICEF, 2011; Brasil, 2005). É deflagrado um estado de privação às necessidades básicas como também e significativamente a diminuição da confiança dos jovens em seu futuro e no futuro de suas

comunidades e país, trata-se de “umavulnerabilidade que se transmite de geração a geração, criando ciclos intergeracionais de exclusão. No Brasil, a pobreza e a pobreza extrema têm rosto de criança e de adolescente” (UNICEF, 2011, p. 29). Desigualdades aprofundam vulnerabilidades e indicadores como a cor da pele, ser adolescente homem ou mulher, ter algum tipo de deficiência e o local onde vivem revelam que as situações de vulnerabilidades não atingem os jovens da mesma forma, processos que historicamente constituíram-se em fatores de desigualdade. O desafio de ser adolescente nos grandes centros urbanos ante um cenário de disparidades sócio-políticas e econômicas impacta em vivências de exclusão e privação de oportunidades, principalmente aqueles que “vivem em comunidades populares e têm seus direitos fundamentais constantemente violados... vulneráveis à violência e à entrada precoce no mundo do trabalho, os serviços de infraestrutura e saneamento em suas comunidades são precários ou inexistentes, suas condições de moradia são muitas vezes insalubres” (UNICEF, 2011, p. 70). A convivência familiar e comunitária como garantia de recursos sócio-afetivos é um direito e uma necessidade humana e sua privação deixa os adolescentes desprotegidos como também alvo de situações de riscos. Tal situação pode significar encaminhamentos para abrigos ou situação de moradia ou permanências prolongadas nas ruas da cidade. Destarte, esses espaços não apresentam necessariamente escassez de alternativas se promovidas estratégias de valorização do espaço como promotor de oportunidades sócio-afetivas e cognitivas.

A vivência de jovens em contextos de pobreza demanda produção de ferramentas para sobrevivência e poética (Bastos & Rabinovich, 2012) em circunstâncias adversas e paradoxais, considerando a capacidade de resposta do sujeito e a variabilidade dos modos de vida centrados na dialogicidade do *self* como potência. O jovem em relação dialética e dialógica com os contextos nos processos de interação concretiza seu desenvolvimento em trajetórias não-lineares. Entre descontinuidades da cultura pessoas e social, em interdependência,

rupturas e pontos de viragem orientados a transformações qualitativas (Chen, Neha, & Wang, 2017; Reese, Myftari, McAnally, Chen, & Neha, 2017; Zittoun, 2007;).

O estudo empírico nos aproxima de questões quanto à singularidade de ser jovem, ao interrogar se estes sujeitos vivenciam e experienciam este momento de vida nos contextos de exclusão. Pesquisa realizada (UNICEF, 2011) com ênfase na percepção de jovens, considerando classes sociais, etnias e gênero, indica diferentes formas de viver a adolescência. Tais estudos apresentam percepções da juventude quanto a modos de viver. Em classes sociais de maior poder aquisitivo os jovens relatam viver despreocupados porque recebem amparo de adultos, e em contraponto em classes sociais de menor poder aquisitivo as falas evidenciam carência e abandono por não ter vivido o que parece ser a adolescência. Realidades como começar a trabalhar precocemente e/ou cuidar da família impactam as vivências.

Tem-se enfatizado “como uma das principais características da contemporaneidade um processo de descronologização e desinstitucionalização da sociedade, no qual as idades deixariam de se constituir como marcadores a assinalar diferenças e posições ocupadas pelos indivíduos na estrutura social” (Sposito, Souza, & Silva, 2018, p. 20), considera-se que tais mudanças demandam nova cronologização da vida. Testemunhamos a passagem por ritos de iniciação cada vez mais precocemente, particularmente, de jovens em condição de pobreza; se casam, tomam decisões sem o acompanhamento dos pais ou outro adulto de referência, trabalham, cuida dos adultos como resposta às demandas sociais, econômicas e políticas.

Os discursos hegemônicos e as políticas indicam vivências da juventude pelo viés da idade e maturação e, deste feito naturalizam diferentes contextos de vivência e condições de socialização. As diferenças evidenciadas, em modos de ser e viver da juventude têm bases sociohistórica na produção de sociedades de classes (Bourdieu, 2010) em atos de discriminação, classificação e estigmatização, de modo que a violência simbólica veiculada

nos discursos, que posicionam uma pessoa ou grupo social no lugar da menos valia, concretiza-se, muitas vezes, em atos de violência física diária. Portanto, as relações que envolvem violência juvenil demandam entendimento e contextualização do fenômeno. A compreensão psicossocial da violência (Fraga, 2004) contribui para identificação de seus processos em diferentes modos de interação social, suas manifestações constituem e indicam relações de poder que implicam, reciprocamente, sociedade e juventude, de modo que são direcionadas ações de fomento e/ou coerção como investimento político-econômico em consonância aos interesses em jogo de cada contexto social. Dado este quadro, estudo estatístico (UNICEF, 2011) apresenta aumento de cenários recessivos e, conseqüentemente, da desigualdade social (Sposito, et al. 2018) no Brasil que demandam enfrentamento das situações de vulnerabilidade e risco social como a pobreza, a violência, a exploração sexual, a baixa escolaridade, a exploração do trabalho, a gravidez, as DST/aids, o abuso de drogas e a privação da convivência familiar e comunitária como garantia para nortear e realizar direitos.

O estudo da produção de significados sobre a rua subentende os jovens como sujeitos na e da cultura e, a contemporaneidade vem nos desafiando a teorizar sobre os processos de exclusão social como espaços de isolamento (Brum, 2015), considerando que diferentes arranjos de territórios se organizam enquanto espaços identitários, relacionais e históricos (Augé, 2012; Santos, 1998) em que a solidão não se refere somente a quem está desacompanhado. A solidão que conduz o sujeito ao isolamento se manifesta mais nitidamente quando na presença de outras pessoas. (França, 2004). Tal processo indica que o sujeito é, então, convocado a se posicionar entre estratégias de exclusão e inclusão perversa, seja na assunção do outro em sua diversidade e historicidade constituído nos processos coletivos, seja em estratégias discursivas de fragilização dos laços sociais concretizadas na solidão do humano atual e naturalização de práticas excludentes.

A desigualdade, social e humana, constitui-se em diferentes grupamentos humanos e com diferentes expressões de inclusão-exclusão, preconceito e discriminação como inerente ao processo de diferenciação na construção de identidade (Silva, 2000). A desigualdade produzida que alimenta o sistema neoliberal estrutura-se em classes sociais que determina posições e fomenta a exclusão social (Lucas, 2010). Produções acadêmicas recentes (Negreiros, Gomes, & Colaço, 2018) vinculam o tema juventude a categorias de vulnerabilidade e risco social e sinalizam suas armadilhas, de uma leitura crítica e contextual, que orientam a desconstrução de saberes que fixam conceitos de crise, ruptura e transições associadas à produção de subjetividades desviantes e perigosas. Deste enquadre institui a juventude, como alvo de políticas sedimentadas, no ethos do controle social (Madureira, 2007). Analisar contextos da juventude, em situação de pobreza, há deter cautela para não reforçar conceitos hegemônicos de menos-valia ou deficiência, sejam elas pessoais ou socioculturais.

A noção de risco social refere-se aos condicionantes socioculturais que incidem sobre o sujeito e o expõe a situações de vulnerabilidade (Janczura, 2012). Vulnerabilidade consiste na relação entre condições sociais, políticas e econômicas dos territórios de existência e o arsenal de respostas do jovem, mobilizadas quando exposto a situações de risco, “as características dos diferentes contextos de desenvolvimento promovem variadas formas de viver a adolescência, as quais marcam as trajetórias de vida de cada indivíduo e definem vulnerabilidades e potencialidades (Zappe & Dell’Aglia, 2016, p. 100). A pobreza representa uma exposição a riscos associado a “um repertório mais reduzido para enfrentar as adversidades”(Janczura, 2012, p. 304), expondo a juventude a situações de vulnerabilidades concretizadas em processos de exclusão social que impactam processos de desenvolvimento.

A exposição a situações de vulnerabilidade e risco pessoal e social marcam as histórias de vida de jovens por rupturas nos vínculos familiares, da escola, dos espaços culturais e da

participação coletiva. A percepção de risco encontra-se na transversalidade de questões culturais, políticas, econômicas e subjetivas que perpassam o espaço público e privado, definindo diferentes posicionamentos na interação de adultos e crianças. Deste feito, este texto relaciona os conceitos de vulnerabilidade e risco pessoal e social associados ao vínculo cognitivo-afetivo com o grupo, a família e a comunidade para uma discussão acerca da exclusão social enquanto um fenômeno sociocultural.

Risco é um conceito polissêmico associado, muitas vezes, à falta de controle do futuro e mudanças históricas que implicam em vivências de incertezas (Negreiros, et al. 2018). Ao contextualizar a noção de risco importante considerar à exposição da juventude brasileira a situações de violações de direitos para deslocar a noção de uma leitura focada em culpabilizações e fracassos. Os jovens se veem, muitas vezes, vulneráveis em face à falta ou escassez de recursos socioculturais para lidar com as adversidades. Deste feito, a vulnerabilidade social é tratada como resultado da falta de recursos materiais ou simbólicos dos atores em consonância com a precarização da estrutura de bens, serviços e oportunidades sociais, econômicas e culturais que, articuladas a noção de risco, podem lançar a juventude à fixidez de noções hegemônicas na categorização de jovens em situação de risco de um caráter negativo, portanto, como uma característica *sui generis* da juventude. Deste enquadre, a discussão da juventude, em contextos de pobreza, pode redundar em viés abstrato e não como fenômeno de produção social. Fora de uma compreensão contextualizada (Negreiros, et al. 2018) e crítica fomenta-se noções de risco e vulnerabilidade associadas à noções de periculosidade, fracasso ou incapacidade (França, Dimenstein, & Zamora, 2002). Apropriações das situações adversas como potencialidade no manejo e elaboração de estratégias pessoais e coletivas de resistência e emancipação são desconsideradas. Assim como, a possibilidade de fomentar elaboração de projetos de vida como prática estética de (sobre)vivência e formação do sujeito cidadão. Estar atento as múltiplas possibilidades de

respostas dos sujeitos, em vivências de exclusão social, seja positiva ou negativamente para o desenvolvimento; necessário “refletir o quanto a concepção de risco vem sendo utilizada em processos moralizantes de culpabilização dos sujeitos pelos seus próprios infortúnios” (Aguinsky, Fernandes, & Tejadas, 2009, p. 69). É necessário contextualizar que práticas de segregação que geram exclusões sociais foram empreendidas, no campo da Saúde, na patologização do espaço social e, no campo da Assistência Social, na estruturação de noções de periculosidade e incapacidade que recaem e responsabilizam o sujeito.

O fenômeno de crianças/jovens que ocupam as ruas não é novo. Pelas ruas do Brasil colônia, sob a designação de vagabundos e perigosos (Barker & Rizzini, 2002; Rizzini, 2005; Rizzini & Rizzini, 2004) foram investidas estratégias discursivas de institucionalização e táticas de disciplinarização, controle e punição (Foucault, 1987; Rizzini & Rizzini, 2004), atualizados em relações nos macro e microterritórios sob o imperativo de uma violência simbólica pelo processo de inculcação (Bourdieu, 2010), mecanismos de internalização e reconhecimento como algo dado e natural. Categorias de desvalorização e desqualificação são construídas em uma lógica de segregação e exclusão social. Estratégias de cuidado e assistência foram dirigidas às crianças e adolescentes que vagavam pelas ruas do Brasil colônia na construção de uma nova ordem societária, a da sociedade burguesa. A concretização dos padrões hegemônicos higienistas de cidade limpa e civilizada está, em um primeiro momento, sob a tutela das irmãs das Santas Casas de Misericórdia sob a lógica da caridade e benemerência (Barros, 2014). Deste feito, foram endereçadas ações de evangelização junto aos desafortunados e abandonados de toda sorte. Posteriormente vê-se a prática do recolhimento institucional (Rizzini & Rizzini, 2004) de crianças e adolescentes sob a intervenção dos juristas visando o controle das condutas ditas perigosas, com o aval da classe científica por justificarem em seus manuais a necessidade de ações de recuperação e regeneração (Barker & Rizzini, 2002; Barros, 2014). Vale ressaltar que “o Código Criminal

do Império (1830) e, posteriormente, da situação irregular (Códigos de Menores de 1927 e 1979, respectivamente), estiveram voltadas, durante décadas, a regular a situação daqueles, como em situação de abandono ou sob conduta antissocial (Murat-Duarte, 2010). A este é conferido o lugar de problema social, radicado na perda de identidade e capacidade de projeção de um futuro melhor, produzindo por parte dos adolescentes a necessidade de reconhecimento social. O primeiro e segundo Códigos de Menores se legitimaram sob a lógica da disciplinarização e do controle (Souza, 2008). O Estatuto da Criança e adolescente – ECA (1990) apresenta-se como virada epistemológica no cuidado socioassistencial direcionada a atenção integral e integrada na construção da cidadania e dos direitos fundamentais.

A exclusão de jovens, dos espaços de negociação, imprime suas marcas ora reproduzindo ora transgredindo suas leis. A leitura sociocultural e dialógica do desenvolvimento humano pressupõe vivência, em processos descontínuos, geradores de crises como transformações qualitativas orientadas a metas (Valsiner & Connolly, 2005), o que implica em dinâmicas de fatores de risco e estratégias de resolução de conflitos (Assis, Avanci, Pesce, & Njaine, 2008), acionados em zonas de desenvolvimento proximal (Vigotski, 2003), que situa o sujeito em relação com seu futuro, mediado pela cultura, que implique em expansão de habilidades como possibilidade de melhor manejo às situações adversas. Rompe-se, assim com uma visão estigmatizante e conclusiva do sujeito para situá-lo de um lugar de agência (Cole & Gajdamashko, 2009; Glăveanu, 2015b); “os seres humanos têm uma independência considerável das demandas situacionais imediatas porque, por um lado, são capazes de se distanciar da atividade em andamento e refletir sobre ela, enquanto, por outro lado, são capazes de se identificar com outras pessoas em diferentes situações. Argumenta-se que essa forma de agência surge por meio da intersubjetividade, porque permite ao ator ter uma perspectiva fora da situação imediata e, assim, libertar o ator (Gillespie, 2009 & 2012).

A adversidade pode dinamizar a habilidade de resiliência (Assis, Avanci, Pesce, & Njaine, 2008) do sujeito em que envolve aspectos sociais, culturais e psicológicos na relação entre vulnerabilidades e proteção de si na (re)significação da realidade. Trata-se de mobilização de recursos semióticos (Zittoun, 2007), internos e externos, que contribuam nos processos de avaliação e reavaliação de si e do outro, em processos de reflexividade, em que o sujeito não é reflexo, mas autor-ator, culturalmente mediado, participante ativo do processo de negociação e construção de realidades. Não se trata de competência do indivíduo. Deste enquadre o sujeito desvincula-se do estatuto de objeto, como ser passivo e imutável, que orientou tradições históricas do saber filosófico e psicológico e instaura o estatuto dialético e dialógico sujeito-objeto/eu-outro, mediado pela cultura, como ser de agencialidade, porque histórico e social. De uma virada epistemológica e paradigmática institui-se o sujeito como um fenômeno cultural (Overton, Molenaar, & Lerner, 2015; Rosa, 2000).

A partir desta problematização justifica-se falarmos de juventudeS dada a complexidade e contextualização do fenômeno, que se tratando de um processo envolvendo transições no percurso global do desenvolvimento humano, possui características genuínas vivenciadas no encontro de Aion, Chronos e Kairos (Kennedy & Kohran, 2008). No percurso da vida, a juventude estabelece-se como tempo de intensidades e abertura ao novo que não prescinde da continuidade marcada pelo tempo cronológico, mas orientado ao devir como ser de historicidade. Deste feito estabelecemos a juventude em caráter de agência, em que atua como parceiro social na construção de realidades e de si mesmo, em que diferentes modos de ser e realização são incorporados. A juventude institui-se como uma experiência específica do tempo, em vivência de transição e ruptura, como condição de sua diferenciação e, portanto, de singularização. Jovens caminhantes definem os usos e apropriações da rua em sociabilidades que se concretizam como territórios de produção de conhecimento e formação. O sujeito define o espaço e é definido por ele ao colocar-se em movimento, explora o conhecimento e

suas formas de interpretar e atuar no mundo. O caminhar amplia a territorialidade e as possibilidades do humano como expressão de resistência e emancipação no agir ético em processos de identificações e estilização.

A cidade é o lócus de experiência e agência individual e coletiva com produção de múltiplas (inter)textualidades. A experiência emerge na relação sujeito-contexto e transforma espaços em lugares significativos. O urbano se apresenta como espaço-tempo de disputas e tensões entre a cidade concebida e a cidade praticada (Delgado, 2007). Ante esta descontinuidade a cidade dispõe de estratégias de separação e especialização localizando os sujeitos em espaços correspondentes classificatórios (Martins, Salem, Pereira, & Santos, 2017). A malha urbana é hierarquizada e descontínua e sua expansão atual segue os interesses do capital, demarcada “pelo afastamento das camadas pobres da população para as periferias, pela racionalização e especialização da área central via processos de implantação, ampliação e reestruturação de ruas e avenidas de rápido acesso que priorizam o fluxo cada vez maior de veículos” (Loboda, 2009, p. 3). As periferias encapsuladas pela mídia, muitas vezes, serve de material para a produção da civilização do espetáculo (Llosa, 2012) e do escândalo a fim de entreter o público ávido de diversão ante seu tédio e angústia resultante de relações superficiais, materiais e formatadas nas peças publicitárias que influenciam sensibilidades, imaginação e costumes; “a verticalização do controle dos fluxos comunicacionais e a centralidade da produção de conteúdos midiáticos tem alimentado o paradoxo da proliferação de textos sobre atividades localizadas em espaços periféricos (...) como espaço de periculosidade, caótico e incompleto” (Silveira & Guimarães, 2016, p. 2). A urbanização capitalista promove uma disposição espaço-temporal desigual que nos faz interrogar o futuro das formas de assentamento humano e os padrões de mobilidade humana (Kharlamov, 2012). A premissa de que estamos vivendo em um tempo globalmente conectado e localmente desconectado define o espaço contemporâneo em fluxos e redes (Martinho, 2011).

O cronotopo periferia atualiza relações e imprime, na materialidade do espaço, o desígnio neocolonial de forma contundente, mas inerente a dialogicidade dos acontecimentos e valência dos afetos necessário olhar a re(in)sistência por parte dos jovens de preencherem as ruas de vida que apontam para uma redefinição constante das práticas sócio-espaciais cotidianas e nos interrogar sobre suas manifestações. A experiência de viver na cidade, em processos de urbanização próprios à contemporaneidade, requer analisar a produção de lugares significativos como resultado do uso e apropriações do espaço no cotidiano (Kharlamov, 2012). A experiência espacial produz uma semiótica urbana que media e regula condutas em seus lugares habitados, compondo uma totalidade orgânica e sistêmica em relação de interdependência de suas bases material, imagem sintética e atividade, historicamente formada em uma paisagem urbana. A partir da perspectiva da psicologia sociocultural orientamos o estudo sobre interpretações de jovens sobre o estar na rua como um elemento formador da cidade e do (si) mesmo como totalidade relacional. Entre a cidade e o urbano (Delgado, 1999) há o encontro desconcertante das produções culturais, lugares múltiplos, materializados em monumentos históricos convivem com signos indexados; como exemplo, cartazes e emblemas da mídia contemporâneas, pichações e a movimentação das pessoas portando seus objetos eletrônicos, que juntos, expõem a (inter)textualidade da cultura contemporânea. O cruzamento da transnacionalização dos mercados simbólicos, com os movimentos migratórios forçados, desenha a desterritorialização da atualidade, em que sujeitos e objetos disputam categorizações em valores de importância, onde nem sempre é o sujeito que ganha destaque.

Verifica-se o movimento de gentrificação (Ribeiro, 2018) da cidade que consta de utilização de espaços da cidade e a subsequente retirada de seus moradores por interesses imobiliários, empurrando-os para áreas afastadas quando não para fora de suas fronteiras. Esse movimento explica em parte o surgimento de bairros afastados de periferias e

consequente abandono, segregação espacial, social, política e econômica. O espaço da rua e da casa, o público e o privado (Matta, 1997) historicamente constituem-se em dramas e manifesta a forma como a sociedade capitalista forjou o seu eu intimista, distante de suas condições de produção. A modernidade diluiu a diferença entre as esferas do público e privado e as ressignificou em estratégias de oposição social x privado, de modo que o Estado ganhasse preponderância ao oferecer a imagem de satisfação das necessidades, próprias da esfera privada, esvaziando, ou mesmo anulando, a vida pública de sua espontaneidade como força geradora de diferentes modos de socialização, produzindo uma “sociedade menos humanizada, pois a liberdade, elemento qualificador da atividade humana, é subsumida” (França, 2004, p. 93).

A fronteira casa-rua, de tal forma dicotomizada, estabelece a casa como reduto da intimidade e proteção dos seus moradores e a rua como lugar de perigo e exposição de condutas livres, em muito, imbuído de conotações negativas. Estratégias eficientes de despolitização da vida doméstica encerram o indivíduo em si mesmo, o afasta do coletivo e, em contraponto, expõe o caminhante como enigma e/ou em suspeição. Mas o projeto de suprimento das necessidades humanas, não sendo possível, expõe os paradoxos da sociedade contemporânea neoliberal. A casa e a rua se estabelecem, assim por oposição, mas impossível de se estabelecer como categoria rígida e invariante (Matta, 1997). A rua como espaço público garante visibilidade e não está dissociado do espaço privado da casa, pois que contínuos em interação dialética e dialógica situam o lugar de produção do sujeito, na interdependência da cultura pessoal e coletiva, em desenvolvimento de fronteiras (Valsiner, 2012).

A produção do sujeito se faz na totalidade dialógica da subjetividade, em contextualização (Auer, 1995), em experiências com alteridades como condição de emergência do novo. O sujeito atua no mundo e é por ele modificado, em interações, espaços

de experiência, mediado pela cultura, produz realidades. Em dinâmicas de interpretações de si, em intenções orientadas a objetivos gera a movimentação como possibilidade de produção de si pela produção de conhecimento e formas de atuar no mundo.

No interstício do tradicional e o moderno, o qual não comporta espaços e identidades estanques, o andar nômade, aquele que transita entre circuitos simbólicos expõe a trama complexa e interdisciplinar das cidades do mundo atual (Canclini, 2013; Hall, 2006). As interferências dos discursos do capital e os atos de resistência na superação das desigualdades atuam em hibridizações, nas condutas e relações cotidianas. Canclini (2013), ao focar a hibridização da cultura, apresenta como uma de suas forças constituinte a expansão urbana. Pelas ruas da cidade, as enunciações se fazem entre o caminhante e os percursos em desenvolvimento de afetos e memórias. A vida urbana é transgressora do discurso progressista e civilizado como também do devir humano. Naqueles espaços convivem o harmônico e o desarmônico, o belo e o feio, o certo e o errado, espaço de carnavalização, constitutivos de um mesmo fenômeno que, mediado pelo signo-axiológico, carregam valorizações e julgamentos (Souza, 1994) que, por sua vez, geram signos promotores que mediam e regulam as relações e, por elas podem ser transformados, em atividade (Leontiev, 1972). Os jovens transitam pelos espaços: ruas, vielas, travessias e becos, desenham e (re)descrevem suas histórias e derivam a contar tantas outras que lhe dão sentido e organização.

Riscando os espaços entre a cidade e o urbano, as ruas apresentam-se como espaços de encontros, em tensão. Rua em Latim significa ruga e sulcos (Rodrigues, 2014), recebe conotação de travessias preenchidas de história(s) em experiência com alteridades. Em italiano significa via e viagem que pressupõe passagens, caminhos e seus caminhantes. Em espanhol temos uma estreita relação com o português como, caminho, passagem e via, mas a rua também recebe sentido peculiar na cultura brasileira e ganha significado como atalho,

alameda e vereda (Palombini, 2009). Ressaltamos, assim que tais expressões informam do caminho e do caminhante, concretizados em espaços de experiências e vivências e, como tal, a rua apresenta-se como lugar onde cada sujeito, grupo social ou comunidade, em interações, ganha espessura de vida e geram mobilidade de sentido e significados às cidades e seus agentes. A rua possibilita discontinuidades, processos de mudanças (Barbato, et al. 2016) que, em movimentos de resistência e emancipação, o jovem pode vir a romper com categorizações associadas a noções de risco e vulnerabilidade de uma leitura descontextualizada. Expor os paradoxos da sociedade de classes (Bourdieu, 2010) concretizada em discurso utópico e urbanístico da cidade planejada e higienizada da cidade capsular, que sustenta a estética do invólucro, ensimesmado e centralizada, faz-se em contraposição ao ‘estado da rua’ (Scharsberg, 2012), este que organiza seus movimentos semióticos, em atos de negociação, mesmo que provisório, em autenticidade porque coletivo. Entre a cidade capsular e o estado da rua (Scharsberg, 2012), em seus interstícios, espaços da rua, constrói-se narrativamente o texto urbano, entre forças antagônicas e ambivalentes que geram movimentos plurais e singulares.

A contextualização e historicidade do fenômeno jovens, em contextos de pobreza, nos fazem focar a rua como lugar de convívio e, portanto, de produção subjetiva. Instituído-se como atividade cotidiana como preenchimento do tempo livre ganha contornos específicos, entre forças de permanências, em categorias de periculosidade e incapacidade (Rizzini & Rizzini, 2004, Rizzini, 2005), e mudanças, em processos abertos e de atualização (Valsiner, 2012).

A contemporaneidade expõe as especificidades de sua era entre forças de permanências e mudanças, vivemos um momento de intensas mudanças e rupturas paradigmáticas em um mundo móvel e virtual, onde se delineiam novos processos interacionais e zonas de contato e a conseqüente tradução, como o desafio no encontro de

diferentes línguas, das interpretações de si, do outro e do mundo. A movimentação humana ocorre em níveis planetários por uma geografia analítica, viva e de fronteiras, concretas e simbólicas, que expõe os paradoxos e complexidade da atualidade em processos societários e de construção de identidades (Augé, 2012; Hall, 2006; Santos, 1998). Assistimos movimentos migratórios e deslocamentos por guerra, fome, projetos urbanos e projetos de vida; expressivo de demandas, em muito, fundadas em radicalismos e pelo valor do capital monetário. A caracterização da contemporaneidade figura-se em fluxos e redes a mobilidade humana (Augé, 2012; Hall, 2006), o que ganha destaque na mídia e interesse de centros de pesquisa. O corpo em movimento é esquadrihado em uma arquitetura e investimento biopolítico, na ordem vigente, dispositivos disciplinares e vigilantes, ao mesmo tempo em que insiste em romper com a lógica determinante nos espaços de micropoderes em que sua reverberação produz possibilidades de mudanças. Chama atenção, no cenário atual a vigência de interrogações e pesquisas que indagam sobre a humanidade nas ações cotidianas. Parece, a princípio, um contrassenso, mas inquietante dadaàs produções humanas nem sempre serem orientadas a processos de subjetivação em que o coletivo é constituinte e potência para novidades e habilidades humanas emergentes.

A heterogeneidade dos centros urbanos agencia e dinamiza os processos interacionais e os produtos culturais que circulam pelas ruas compõem o cenário de nossa pesquisa. A contemporaneidade e globalização definem seus arranjos em consonância com a especificidade do contexto brasileiro e as vivências cotidianas face-a-face dos sujeitos da pesquisa, jovens residentes de um bairro pobre do interior do Estado do Rio de Janeiro, entrelaçando assim as diferentes vozes que constituem o contexto urbano no encontro dos jovens com a rua. O contexto da pesquisa é marcado pela carência de ações e investimentos das agendas políticas num quadro de desigualdade social e pobreza com indicadores de vulnerabilidade e risco pessoal e social materializados na fragilização dos vínculos familiares

e comunitários e vivências de violação de direitos, com destaque para o segmento jovem da população. Que enquanto momento de vivências em transições, que oportuniza novidades, em desenvolvimento, requer, portanto, destinação de recursos e investimentos.

A juventude em situação de risco e vulnerabilidade pessoal e social agencia um campo de lutas, onde profissionais, movimentos organizados e população em geral, atuam em defesa dos direitos das crianças e adolescentes. Em prol da redemocratização do país, que ganhou vulto no final dos anos 80, com a concretização do ECA (Brasil, 1990) configurou-se em conquista pelos direitos humanos e um desdobramento no campo Legal de uma virada epistemológica: da nomenclatura de sujeitos tutelado para a de sujeitos de direitos. Atualmente, assistimos a retomada de discursos naturalizantes, dicotômicos e pré-concebidos que relegam a juventude ao status único de periculosidade, indisciplina e fracasso. Mas não sendo a história linear, o tempo está em intensa produção entre hegemonias e contra-hegemonias, sem, no entanto, deixar de promover desalento e sentimento de descrédito aos diferentes segmentos democráticos da sociedade brasileira.

É atual e também necessário o contínuo questionamento sobre a concretização de políticas públicas conhecerem de fato as significações produzidas em situação de vulnerabilidade e risco social. Pois, que é deste conhecimento que se podem abrir brechas para promoção de respostas que impactem nas condições e necessidades humanas (Pereira, 2008). Atentos às narrativas vislumbram-se a realidade produzida na interface da dimensão cognitiva, econômica, política, econômica e social e concretizada nos espaços de interação.

O Brasil estabelece política de assistência ao segmento juventude. A Rede de proteção social definida pela Política Nacional de Assistência Social -PNAS (Brasil, 2004) institui o Sistema Único de Assistência Social – SUAS, preconizado na Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS (Brasil, 1993) e organizado político-administrativamente pela Norma Operacional Básica do Sistema Único de Assistência Social - NOB/SUAS (Brasil, 2005) para

gestão, distribuição de serviços e recursos financeiros e regulação da rede social direcionadas a territórios, em que cidadãos e grupos se encontram em situação de vulnerabilidade e riscos, definidas como: “famílias e indivíduos com perda ou fragilização de vínculos de afetividade, pertencimento e sociabilidade; ciclos de vida; identidades estigmatizadas em termos étnicos, cultural e sexual; desvantagem pessoal resultante de deficiências; exclusão pela pobreza e, ou, no acesso às demais políticas públicas; uso de substâncias psicoativas; diferentes formas de violência advinda do núcleo familiar, grupos e indivíduos; inserção precária ou não inserção no mercado de trabalho formal e informal; estratégias e alternativas diferenciadas de sobrevivência que podem representar risco pessoal e social” (Brasil, 2004, p. 33). Os dispositivos e estratégias visam garantir a segurança socioassistencial de sobrevivência (de rendimento e de autonomia); de acolhida e de convívio familiar e comunitária articulada às políticas de saúde, educação e previdência social inseridos no sistema de bem-estar social brasileiro. Estabelecem como princípios o atendimento as necessidades de rentabilidade; universalização; respeito à dignidade e autonomia na garantia de benefícios e serviços; acessibilidade e informação orientadas por uma política descentralizada, participativa, de responsabilização do estado e centralização das ações na família e comunidades (Brasil, 2005).

Embora, constata-se avanços no campo legal e mudanças na promoção de serviços e bens equânimes, o cenário aponta para uma lacuna entre necessidades humanas e suprimentos destas necessidades. O campo de pesquisa para a realização deste estudo atualiza em suas práticas discursivas essa lacuna quando veiculam, por exemplo, que no território nada brota e presta, nada brota a não ser violência, drogas e miséria, encerrando um destino à vida daqueles que moram no bairro e a cidade pouco ou nunca circula por suas ruas. Quando o faz é para cumprir a função de bons cidadãos em atividades beneméritas. Discursos monológicos eugênicos fixam os jovens a noções negativas e de menos valia que demarcam um lugar,

concreto e simbólico, na circulação, arquitetura e funcionamento do conjunto da cidade. Este estado de coisas é representativo quando nos propomos analisar vivências de ruptura, ao identificar que eventos que tornam as pessoas vulneráveis afetam, vinculando aspectos econômicos, de fragilização afetivo-relacionais e de pertencimento, à violência, ao território, à representação política, podendo ter sua gênese nos modos como as pessoas lidam com perdas, conflitos e rupturas (Almeida, 2005).

Em cenários de pobreza marcados pela desigualdade social as relações instituem-se em uma pedagogia da violência (Cano, 2007), de modo que ser temido pode ser preferível a ser ignorado, opera-se assim a distinção entre visibilidades e invisibilidades em marcações da diferença. Mas este cenário radicaliza fronteiras entre o centro e a periferia instituindo regras de convivência, onde “as cidades são espaços cada vez mais privatizados [...] restringe-se horários e espaços e mudam seus costumes” (Cano, 2007, p. 45-46), em que os processos de identificação definem lugares e pessoas. A radicalização atual da violência, muitas vezes, encontra legitimidade sob certas condições de contratos sociais, e sua disseminação consta em projetos de fomento ao medo e a insegurança como estratégias de controle e disseminação de quem são os alvos da ilegalidade e atos de violência (Cano, 2007). Verifica-se um aumento no quadro nacional da violência, em que as taxas de homicídio envolvendo jovens alcançam a 56,5% da causa de óbito de homens entre 15 a 19 anos no ano de 2016 (IPEA, 2018), com destaque para mortes por raça/cor que chegam a 71,5% dos assassinatos e para violência dirigida as mulheres negras por crimes sexuais em que 68% dos registros, no sistema de saúde, se referem a estupro de crianças e adolescentes em sua maioria pessoas do convívio e vizinhança (IPEA, 2018). Em pesquisa realizada (IPEA, 2013) sobre temas de interesse, preocupações e valores dos jovens destaca-se que as duas maiores preocupações estão relacionadas à segurança/violência e emprego/profissão; constam ainda que 56% desconhecem programas de governo dirigido a juventude, que 51% dos jovens já vivenciaram

perda de pessoas próximas por morte violenta em que o assassinato aparece em segundo lugar com 21%, e, que em contrapartida a pesquisa demonstra que os jovens reconhecem a educação como possibilidade de crescimento e desenvolvimento, orientado a perspectivas de elaboração de projetos. Documentos como estes se destacam por constituírem instrumentos de informação e recurso na elaboração de estratégias de enfrentamento as situações de risco, direcionando um olhar para as vulnerabilidades sociais e pessoais na condicionalidade de disponibilização de recursos políticos, sociais, econômicos, culturais e afetivos ao povo para que de fato o país se estruture sob os princípios dos Direitos Humanos.

O fenômeno movimento da juventude nas e pelas ruas da cidade expõe os paradoxos da sociedade de classes, a agencialidade humana rompe com a lógica, ideologicamente pré-concebida, e situa suas produções na afirmação da identidade e marcação da diferença. A rua estabelece-se como um campo de forças, assimétrico e hierárquico, fronteira que media a cultura pessoal e social como entidades interdependentes e constituintes do sujeito.

Os jovens são potência a desestabilizar o projeto de fixidez e inculcação das identidades (Bourdieu, 2010; Hall 2006) circunscritas aos contextos de pobreza e que materializam mecanismos da exclusão social em estratégias de negação. A identidade e a diferença constituem-se como significado cultural associado a sistemas de representação na sustentação da sociedade de classes (Bourdieu, 2010), sua desconstrução impõe considerar que o desenvolvimento humano se faz na fronteira, eu-outro, em que o jovem possa desenvolver novas análises criativas, tendo como suporte pessoas, em um diálogo para o futuro (Cole, & Gajdamashko, 2009).

As ruas são espaços de enunciados emergentes, a juventude sinaliza questões éticas e políticas nem sempre em diálogo. A ordem social cotidiana e as tensões ideológicas expõem seus espaços a processos de carnavalização (Magalhães & Queijo, 2015) nas manifestações, roupas, cortes de cabelo, atividades culturais que, em muito, fazem contrastes como narrativas

hegemônicas, gerando um modo particular de existência. Neste contexto, o jovem e a rua se produzem mutuamente entre diferentes vozes que compõem a realidade, seja da casa, da escola, da Lei, dos governos, dos partidos políticos, das igrejas e tantas outras. A rua e o jovem instituem-se, mutuamente, como lugar de investimento expõe jogos de interesses e orientam negociações na produção de realidades. A promulgação de uma agenda da juventude para a ação implica em mudanças paradigmáticas nas relações exclusão-inclusão sociais orientadas a participação dos jovens na produção de contextos inclusivos e equânimes. Ouvir a voz dos adolescentes como protagonistas dos acontecimentos é fortalecer o direito de ser adolescente, reconhecendo seu status de cidadão e sujeito de direitos (UNICEF, 2011; Brasil, 2004, 2005).

2.4 Narrativas como elemento organizador e fonte de estudo da subjetividade

A narrativa instaura-se como meio de acessar e interpretar a cultura enquanto princípio organizador da experiência humana e ainda como uma importante fonte de estudo da mente. Bruner (1997) é enfático ao considerar que só nos é possível falar em realidades psicológicas. Assim sendo, é pelos diferentes modos de narrar a história que os sujeitos organizam uma determinada forma de se expressar e constrói realidades. Bakhtin (1993) nos fala que a obra humana, sua produção, é acima de tudo pluralidade de vozes nos fazendo pertencer a uma história, a uma cultura. Estudos com ênfase em narrativas requer considerar que qualquer voz é sempre um diálogo que envolve outras vozes, em negociação, entre polifonias e heteroglossias (Bakhtin, 1993). Os sujeitos são contadores de histórias e, ao contar, dirige suas mensagens ao outro e a si mesmo como plateia, que oportunizam reflexividade em (re)descrição de mensagens (Gillespie, 2007; Marsico, et al. 2015). A ênfase em narrativas como campo teórico-metodológico para o estudo do desenvolvimento humano situa a pesquisa em diálogo com a condição nãofinalizada do participante como compromisso ético.

Sob as bases da filosofia hermenêutica (Gadamer, 1999) entende-se a narrativa em sua dialogicidade, tendo como pressuposto que o pensamento é metafórico, imaginativo e intencional, materializada na linguagem que não sendo reflexo da realidade trata-se de sistema de co-produção, em práticas discursivas. (Fontes, 2006).

O estudo do desenvolvimento humano está orientado à produção de significados, em narrativas, sobre eventos de transição que geram instabilidade, mudança e produção de novos conhecimentos. Vivências de rupturas, em transição, geram novidades e auto-regulação, em encontros com alteridades, e enquanto momento crítico interroga-se como é possível para o jovem (re)significar os processos de exclusão social, ampliar suas perspectivas e sua capacidade de resiliência na elaboração de projetos de vida. O processo de significação implica em como os sujeitos interpretam e transformam realidades, de modo que revela a condição situada e negociada em identificações, em diferentes condições de socialização. A narração produz histórias incorporadas às atividades cotidianas em encontros e desencontros entre jovens nas ruas da cidade. Brincadeiras, jogos, namoros, disputas, brigas, em encontros nas ruas traduzem em relações de poder, em negociações e contestações, sobre quem fala, o que fala e quando fala, em relação dialética e dialógica, com o microsistema político-institucional (De Fina & Georgakopoulou, 2015). O foco na reflexividade implica considerar as narrativas em alternância de endereçamento-responsividade como ato ético, em reconhecimento às diferenças.

Entende-se a narrativa como forma de construção do conhecimento indissociável da experiência, organizando os eventos em uma dimensão de continuidade, em processos de mudança, intrínseco ao desenvolvimento humano. Dinâmicas de estabilidade e descontinuidades produz o *self*, em processos de reflexividade (Marsico, et al. 2015), e instaura o sujeito histórico em habilidades de avaliação e elaboração da experiência, em relação de interdependência entre cultura pessoal e coletiva. As narrativas são dinâmicas e

fluidas; mudam contextos, tempos e a própria narrativa em processo de negociação, contestação, negação e confirmação (Pasupathi & Fivush, 2016; Bakhtin, 2013).

As dinâmicas de intersubjetividade posicionam os sujeitos da relação em espaços de negociação, espaço de tensão, entre as significações partilhadas e o sentido único que resulta em realidade coproduzida (Zittoun, Mirza, & Perret-Clermont, 2007). As narrativas criam sequências significativas de eventos, integrando o que aconteceu em diferentes perspectivas, sendo o *self* a instância de mediação entre cultura pessoal e coletiva e o diálogo condição de integração e constituição do sujeito (Valsiner, 2012). O *self* é um fenômeno sociocultural. É no momento da narração que se constrói realidades orientadas a plateia, o ato de narrar muda as histórias e seu interlocutores, mudam consciências.

O conceito de *self* tem como metáfora uma conversa, realizada em repertórios de posições (Raggatt, 2014) construídas histórica e culturalmente com o(s) outro(s) significativo(s). O *self* é dialógico e social (Bruner, 1997; Bakhtin, 1993). O *self* é composto de múltiplas vozes, estabelecidas por relações dialéticas e dialógicas que resultam em diferentes posições sociais, organizadas hierarquicamente, nas narrativas e concretizadas nos diferentes contextos. (Souza Ew, Castro, & Rocha, 2017). O *self* neste texto produz-se na perspectiva das interpretações de si em narrativas de história de vida (Bruner, 1997; Habermas & Bluck, 2000; McAdams & McLean, 2013; McLean, 2008;), que se constitui como totalidade da existência empírica do indivíduo e as dinâmicas de interpretações entre forças centrípetas, como continuidades, e forças centrífugas, como descontinuidades, em diferentes temporalidades (Barbato, et al. 2016), promovendo deslocamentos e mudanças orientados ao futuro. O conceito de *self*, portanto, implica a noção de processos de estabilização e desestabilização em narrativas que fornecem seu caráter dinâmico e desenvolvimental.

O *self* se constitui como matriz espaço-temporal (Raggatt, 2014) em totalidade dinâmica, múltipla e polifônica. O *self* é narrador (Bruner, 1997) que estabelece lugar de

estabilidade provisória ao sujeito e o situa como agente, autor e ator, de sua história, “se apresenta em posições relativamente autônomas, com habilidade de mover-se de uma posição à outra de acordo com mudanças na situação e no tempo” (Souza Ew, et al. 2017, p. 30).

A identidade é qualidade do *self*, ao fornecer sentidos de organização e integração sincrônica e diacrônica às experiências do sujeito, sendo possível perceber-se como se mantendo o mesmo no tempo, reconhecer-se na fala e posicionar-se nos diferentes contextos (Vieira & Henriques, 2014). O paradigma narrativo estabelece, portanto, as relações sociais como constitutiva do sujeito, que envolve um repertório de posições valoradas que designam o caráter dialógico e sociocultural do *self*; “o indivíduo consiste de uma multiplicidade de autores em uma mútua relação dialógica... relativamente autônomos (...) é ainda capaz de dotar imaginariamente cada posição com uma voz (...), resultando em um *self* complexo e narrativamente estruturado” (Vieira & Henriques, 2014, p. 165).

A adolescência é um momento crítico de construção e organização de narrativa autobiográfica coerente, trata-se de mudança qualitativa frente às mudanças biopsicossociais em exigências socioculturais. É momento no desenvolvimento humano em que “se inicia um processo de revisão do passado, compreensão do presente e planificação do futuro” (Vieira & Henriques, 2014, p. 166) na produção de si. Estabelecemos assim a ponte com nosso estudo ao investigar dinâmicas de interpretações de si, em processos de reflexividade, como fenômeno constituinte no tornar-se sujeito singular e plural e que na adolescência ganha um salto qualitativo em expansão de habilidades que complexifica o *self* (Souza & Silva, 2017). A adolescência é marcada pela emergência de uma compreensão biográfica (Habermas & Hatiböghi, 2014) em coerência e continuidade, em contexto, socialmente compartilhada com outros significativos. A habilidade de construir histórias produz e é produzida por processos altamente específicos que envolvem relações de coerência global (Habermas & Buck, 2000) na emergência de continuidade, espaço-temporal, orientado a produção de um roteiro de vida

que forneça sentido em coerência temporal, localização de eventos na narrativa; coerência causal-motivacional, sentido aos processos de mudanças orientados a valores; e coerência temática que enlaça elementos heterogêneos em uma história conexa e contínua. Estabilidade e mudança são, portanto, processos interdependentes orientados ao desenvolvimento humano e a coerência narrativa depende, pois de compreensão social compartilhada de biografias, de modo que a narrativa atue como ferramenta cultural na interpretação da ação humana, um *medium* (Gadamer, 1999) que envolve avaliação, em processos de reflexividade, na produção de significados e sentidos.

O estudo com foco em narrativas de rupturas biográficas permite analisar a produção de mudanças, em interpretações de si, em processos de desenvolvimento do adolescente (Chen, McAnally, Wang & Reese, 2012; Habermas & Köber, 2015; McLean, 2008; Negele & Habermas, 2011; McLean, Wood & Breen, 2013; Pasupathi & Fivush, 2016; Pasupathi & Weeks, 2010; Weeks & Pasupathi, 2011; Wainryb & Pasupathi, 2010;). A produção de significados em eventos de ruptura biográfica gera mudanças de posicionamento (Harré, Moghaddam, Cairnie, Rothbart & Sabat, 2009) e oportuniza reflexividade quando em vivência de pontos de viragem (McLean, 2008), momento que exige um trabalho subjetivo dispendioso, a fim de estabelecer uma história contínua e coerente, em sistema aberto e complexo, na organização e regulação do eu em encontros com alteridades (Habermas & Bluck, 2000; Habermas & Hatiböghi, 2014; McLean, 2008; Valsiner, 2012).

A adolescência como fronteira, espaço-temporal, figura como momento crítico de negociação de significados orientado a um futuro como adulto. Em transformações qualitativas, o *self* adolescente organiza diferentes eu(s) em si mesmo; filho, estudante, trabalhador, e, por vezes, responsável por outras crianças, famílias assim como se envolve com questões de fé, amor, justiça e política. A adolescência como tempo de experiência vivida é o momento em que o eu, temporariamente contínuo, começa a se organizar em

complexidade. O *self* constrói histórias pessoais seletivamente, a partir de experiências, integrando seus eu(s) em uma narrativa coerente. Histórias de vida são organizadas narrativamente, em dinâmicas de interpretações de si, em que Chronos, Aion e Kairos (Kennedy & Kohan, 2008) atualizam e potencializam a vivência em diferentes modos de subjetivação, gerado em meio a novas demandas sociais, em contextualizações.

O estudo das narrativas, em sociabilidades juvenis, permite concentrarmos em processos de reflexividade na produção de histórias de vida, de modo que a memória de ponto de viragem é o relevante no processo de percepção de si (McLean & Pratt, 2006). Este trabalho delinea análises sobre desempenhos e performances narrativas do adolescente em contextos de risco e vulnerabilidade social. O foco em narrativas da juventude, em contextos de pobreza, desloca-se para vivências de ruptura biográfica que envolve raciocínio autobiográfico (Habermas & Bluck, 2000, Habermas, 2011; Habermas & Köber, 2015) em processo de reflexividade, orientado a incorporar elementos novos ao passado, em atualizações, que forneça coerência e continuidade em processos de identificações e estilização. Focar o estudo em vivências de ruptura pode introduzir novidades quanto o processo de produção de narrativas emancipatórias (Oliveira & Satriano, 2014) como posicionamento ético-estético.

Localizar os eventos em sequência espaço-temporal orienta o sujeito na emergência de significados, fornecendo um senso de continuidade a histórica. A paisagem narrativa como início, meio e fim não obedece somente a linearidade da história, mas também o tempo das intensidades e emergência dos eventos, em experiências com alteridades, de modo que o raciocínio autobiográfico (Habermas, 2011; Habermas & Köber, 2015) inscreve-se como ponte-loop entre eventos crítico-relevantes ao conjunto de eventos que compõem a narrativa como totalidade dinâmica. Três aspectos do raciocínio autobiográfico traduzem sua processualidade: condição de formação e interpretações em atividade; condição cognitivo-

comunicativa; e aspecto normativo ao fornecer coerência e continuidade a narrativa. Embora, o estudo do raciocínio autobiográfico apresente vinculado às tradições da psicologia cognitivista (Habermas, 2011), interessa-nos analisar sua função na seleção de eventos para construção de narrativas em: coerência causal-motivacional que pese considerar propósitos; coerência temporal, que situa o sujeito da história e coerência temática em que a história constrói enredo, portanto, singularidades. O raciocínio autobiográfico fornece elementos para construção de coerência orientada a processos de mudança, instituindo o sujeito sociocultural, entre forças de permanências e mudanças. Sob a orientação de scripts de vida cultural, organiza eventos, em uma temporalidade, gerado e orientado à propósitos em uma hierarquia de desejos, objetivos e valores. Deste feito o raciocínio autobiográfico constrói uma ponte ante as vivências de ruptura biográfica compondo uma narrativa pessoal criativa que fornece continuidades em processos de mudança (Habermas & Köber, 2015; Pasupathi, 2015).

A narração pressupõe (re)construção entre experiências passadas e incertezas (Wertsch, 1993; Gillespie, 2007; Pasupathi, 2015) desde o olhar do presente, relacionando, dialética e dialogicamente, os sujeito a seus contextos sociais e históricos. A produção da história de vida ou identidade narrativa envolve raciocínio autobiográfico (Habermas & Köber, 2015; Pasupathi, 2015) como habilidade em organizar diferentes esferas de experiências do tempo vivido à antecipação em projetos de vida. O raciocínio autobiográfico, em processos de reflexividade (Gillespie, 2007; Glăveanu, 2016^a; Habermas & Köber, 2015; Pasupathi, 2015), oportuniza resoluções de problemas, em vivências de ruptura e quebra de significação, orientado a produção de sentido e estabilidade, em processos de mudança. Conforme os sujeitos constroem narrativas sobre suas vidas se localizam em diferentes posições-eu, dada sua historicidade praticada e concretizada com pessoas e lugares, em ações. A produção do sentido de continuidade em mudanças dá-se, em atos de memória (De Saint-Laurent, 2017), baseada em scripts culturais praticada com outros, presentes ou imaginários,

em atualizações porque dialetizada com antecipações e planejamentos futuros. Desta abordagem, o conceito de memória coletiva (De Saint-Laurent, 2017) torna-se ferramenta importante para entender como os sujeitos e seus grupos interpretam e interagem com os contextos sociais. Os sujeitos constroem ativamente sua história e quando em vivência de ruptura autobiográfica interessa-nos focar em como os discursos são forjados, visto que a complexa dinâmica de lembrar-esquecer transforma significados, através do tempo.

Narrativas desenvolvem-se, portanto, em perspectivas, as quais organizam, integram e diferenciam posicionamentos em sistemas de direitos e deveres (Harré, 2012). O raciocínio autobiográfico (Habermas, 2011; Habermas, Köber, 2015; Pasupathi, 2015) organiza eventos em explicações e argumentos na produção de si, em processos de mudanças, na produção de um conceito cultural de biografia. O raciocínio autobiográfico, em processos de reflexividade, fornece organização ao *self* mantendo a dialogicidade entre os diferentes eu(s) da experiência e oportunizando sentido temático que enfatiza semelhanças no tempo; sentido motivacional que enfatiza a mudança e o desenvolvimento, e sentido temporal para formar um *self* contínuo e organizado dialogicamente.

O tensionamento gerado, em encontros com alteridade, o eu-‘I’ conhecedor presente na voz avaliadora e reflexiva do narrador dialoga com o eu-‘me’ como protagonista no tempo passado, presente ou futuro da história da vida. Nesta dinâmica do *self*, ‘I’-‘Me’ se retroalimentam, como processo de endereçamento-responsividade, em transformações qualitativas produzindo, em processos de reflexividade, raciocínio autobiográfico como possibilidade de continuidade, mesmo que provisória, em integridade dinâmica do *self*. O sujeito integra perspectivas, entre liberdades e restrições (Glăveanu, 2015b), ao mover-se entre diferentes contextos sociais que oportuniza reflexividade e, por conseguinte, a produção de raciocínio autobiográfico, em negociação intersubjetiva.

A assimetria e disjunção eu-outro, presente-passado-futuro e simbólico-material (Gillespie, Glăveanu, 2015a; 2015b, & Glăveanu, 2018; 2006; Zittoun & Gillespie, 2014) gera raciocínio autobiográfico que fornece organização, continuidade e auto-regulação, em tomada de perspectiva (Gillespie, 2006; Glăveanu, 2016b).

A descentralização humana é da ordem espaço-temporal, o discurso comporta vozes em múltiplos planos, e o encontro materializado na linguagem, campo de batalhas e diálogo, é possibilidade de produção de conhecimento e avaliações. Raciocínio autobiográfico, em diálogo com abordagem sociocultural, implica mudança subjetiva na formação de argumentos-atualizações, em história narrativa, orientados a autoria de pensamento e emancipação. O raciocínio autobiográfico (Habermas & Köber, 2015) ao interligar sincrônica e diacronicamente os eventos, em narrativas, amplia as habilidades do sujeito no planejamento de ações futuras e fornece um senso de relativa estabilidade sob condições de mudança biográfica. Em processo de raciocínio autobiográfico o *self* é modificado qualitativamente. Narrativas reivindicam continuidade, mas em emergência do elemento novo promovem expansão do *self*, aquisição e ampliação de habilidades humanas em um tempo irreversível (Volochínov, 2006). Experiências com alteridades possibilitam raciocínio autobiográfico, em processo de reflexividade, que envolvem imaginação e criatividade dada a condição ambivalente e disjuntiva dos processos humanos (Gillespie, 2007; Glăveanu, 2015 & 2016a; Habermas, 2011; Habermas, Köber, 2015; Zittoun, & Cerchia, 2013; Zittoun & De Saint-Laurent, 2015; Zittoun, & Gillespie, 2016).

Interessados nos processos do raciocínio autobiográfico como meio de estabelecer pontes em eventos críticos, a discussão centra-se no conteúdo negociado nas práticas sociais. O raciocínio autobiográfico (Hermans, 2011) ganha centralidade na adolescência, dada suas especificidades em construção de relações significativas entre o senso de si e suas experiências (Pasupathi & Weeks, 2010). Um desafio, portanto, para jovens em contextos de

risco e vulnerabilidade ao significar mudanças entre o desenvolvimento pessoal e social orientados a um senso de mesmidade. A relação entre recursos sócio-comunitários e desenvolvimento humano é dialógica, de modo que a língua como lócus de conhecimentos entre gerações atua como força motriz de aprendizagens, em atualizações. Estudos (Pasupathi & Weeks, 2010; Wainryb & Pasupathi, 2010) demonstram que criar relações entre *self* e experiência, em complexidade e riqueza, se concentra no conceito de responsividade (Volochínov, 2006). Os interlocutores-ouvintes são responsivos e, com atenção, fazem perguntas e contribuem para uma narrativa de história de vida mais elaboradas e carregadas de significados e afetos que oportunizam responder às adversidades da vida, em diferentes contextos. A escuta responsiva de eventos de ruptura biográfica orientada a novos significados promove integração de eventos na percepção de si, formando um sujeito cômico, ético e crítico.

O raciocínio autobiográfico designa processos de pensamento verbal que integram diversos eventos do *self* hierarquicamente em dinâmicas de interpretações de si. Este processo é relevante em ruptura e mudança biográfica e expande no período da adolescência quando as questões de identidade, e especificamente questões de continuidade, se tornam prementes dada as demandas sócio-temporal e discursivas que colidem entre cultura pessoal e social (Habermas & Köber, 2015; Pasupathi, 2015; Valsiner, 2012). Os adolescentes adquirem novas habilidades cognitivo-comunicativas quanto as formas e conteúdos possíveis da história de vida e de raciocínio autobiográfico, entre permanências e mudanças.

Retomamos a ideia de que histórias narradas fornecem organização e sentido ao sujeito em vivências de eventos de ruptura biográfica, de modo que o adolescente, em atividade de raciocínio autobiográfico, em processos de reflexividade, oportuniza mudanças de percepção e interpretações de si, gerando coerência temporal, motivacional e temática como habilidade para orientar e regular o eu da experiência, em cronotopo negociando, com

outros significativos, realidades. A produção de si em vivências de bem viver oportuniza sentido e unicidade ao sujeito, em especial em momentos de transição como a adolescência, quando demandas pessoais e sociais ganham relevo e geram quebras de significações com possibilidade de vivência de sofrimentos, mas também bem estar. A identidade narrativa se organiza entre a coerência sincrônica e diacrônica do *self* que fornece algum senso de continuidade em processos de descontinuidades e rupturas. O raciocínio autobiográfico, em processos de reflexividade, modifica o *self* em qualidades. Somos autor e leitor da própria vida, no sentido de que é “cultura poderia ser tratada como um texto que os participantes lêem para sua própria orientação” (Bruner, 2002, p. 9). Reconhecimento e pertencimento implicam em contextualizações como oportunidade de emancipação e resiliência na promoção de autoconsciência e criticidade no desenvolvimento do protagonismo juvenil.

3. OBJETIVOS

Objetivo Geral

Analisar a produção de significação sobre o estar/permanecer na rua, mediados por fatores de vulnerabilidade-risco e protetores pessoal-social, do jovem morador de bairro pobre, em dinâmicas de reflexividades, na produção de si

Objetivo específico

Analisar a emergência e transformação de significados em processos de exclusão social, em desenvolvimento de resiliência e crítica, orientado à ação transformações em singularizações, avançando na compreensão da agencialidade humana.

4. MÉTODO

A pesquisa é orientada pela epistemologia qualitativa e fundamentada na abordagem sociocultural e dialógica, em estudo de caso, com uso de multimétodos. As narrativas e argumentações foram submetidas à análise dialógico-temática (Barbato, et al. 2016; Forcione & Barbato, 2018; Mieto, Barbato, & Rosa, 2016; Silva & Borges, 2017) com foco em processos de reflexividade em interpretações dos jovens, em contextos de pobreza, que ampliam perspectivas em habilidades de resiliência e crítica orientada à ação transformadora como posicionamento ético-estético-político, avançando na compreensão da agencialidade humana.

As adolescentes participaram de entrevista narrativa (Jovchelovitch & Bauer, 2002), entrevista de história de vida (Atkison, 2002; McAdams, 2008), entrevista mediada por música (Caixeta, Silva, Lima, & Alves, 2017) e para fins de contextualização realizamos observações e atividade de roda de conversa (Moura, & Lima, 2014), primando por uma postura responsiva (Forcione & Barbato, 2018; Barbato, et al. 2016; Silva & Borges, 2017).

A transcrição para organização dos significados foi desenvolvida em temas como expressão do sentido na composição da enunciação, atentos a totalidade de palavras e recursos extralinguísticos como pausas, interjeições, silêncios (Souza, 2018). Este procedimento objetivou identificar, então, temas e significados/sentidos reconhecidos em redundâncias, ênfases, similaridades e ambivalências produzidas no discurso em relação situada pesquisador-participante, com ênfase em experiências de transformações de si como indicativo de reflexividade. Os episódios experienciais demarcam a dinamicidade entre pessoas e lugares, em ações.

A ênfase na ação humana como unidade irreduzível de análise fundamenta-se como mediação entre pessoas e lugares, em produção de reciprocidade, orientadas a produção de sentido e significações. “Narrativa é fala significada pela ação” (Souza, 2018, p. 51) orientada ao outro. A ação humana media as relações sociais, em contextualizações, em uso de

ferramentas e signos que transformam o próprio sujeito, a ação e a situação. Deste feito, o estudo centrado na ação humana como locus de produção de sujeitos e realidades requer analisar processos de semiose, considerando que o uso de signos transformam interpretações e a própria ação (Wertsch, 1993) e o processo de reflexividade instaura-se como princípio psicológico.

4.1 Contexto sociocultural

A pesquisa foi realizada no bairro de periferia em uma cidade de porte médio, no eixo Rio-São Paulo, com vocação econômica para fábricas automotivas, mas com significativa tradição agropecuária. A fronteira cidade x campo, embora mais tênue com as mudanças contemporâneas, resiste em discursos e práticas, prioritariamente, na geração de avôs que buscam manter contato espaço-afetivo. A pesquisadora já havia desenvolvido ações socioassistenciais como psicóloga junto às crianças e jovens do bairro através do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), serviço que compõe a Rede de Proteção Especial (PSE) do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), vinculado a Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos (SMASDH). O vínculo entre pesquisadora e bairro já havia, portanto, sido estabelecido norteando as primeiras indagações sobre histórias de vida marcadas por sofrimentos e fragilização dos vínculos familiares e comunitários. Inquietação que promoveu o retorno ao bairro para desenvolvimento de trabalho voluntário junto a ONG e imersão no território para realização do doutoramento.

O retorno ocorreu em campo de lutas entre os interesses da pesquisadora e os interesses do território marcado pela escassez de recursos materiais e simbólicos e o domínio do tráfico nas ruas do bairro. Este cenário nunca permitiu uma entrada no bairro sem tensionamentos, orientando tanto a conduta da pesquisadora quanto o realinhamento constante dos instrumentos de pesquisa para preservação da segurança da pesquisadora e participantes. Foram duas as tentativas de imersão no campo, primeiro utilizando o próprio espaço da rua

como espaço de encontro em parceria com o Programa Consultório de Rua vinculado a Secretaria Municipal de Saúde. Estivemos no bairro por dois meses, mas tivemos que encerrar as atividades após comunicado do tráfico de que o bairro entraria em disputa decorrente da venda de drogas. Determinaram nossa saída preservando nossas vidas. Quatro meses depois, inicio trabalho como voluntária na ONG e também o laboratório de investigação para desenvolvimento de pesquisa empírica.

O bairro em questão conta com apenas dois equipamentos do serviço público, uma escola estadual e um posto de atendimento do Programa de Saúde da família. Ambos funcionam com recursos precários que limitam os investimentos dos profissionais que ali desenvolvem suas atividades. A vontade de promover impactos na qualidade de vida intercalados com desesperança é presente nos discursos tanto dos profissionais quanto dos moradores.

Entre movimentos de defesa do bairro e falas de descrédito busca-se fazer frente ao discurso dominante que circula pela cidade de que lá nada presta. O bairro tem uma topografia rebaixada formando um vale, esta característica recebe conotações de que lá é um barraco que vivem ratos. Crianças e jovens trazem em suas narrativas, carregadas de intensa carga afetiva, que são nomeadas de ratazanas. É comum observar crianças e jovens que se ferem com objetos cortantes como respostas a provocações desta ordem.

Entramos no bairro por uma rua mais tranquila, mas logo e, rapidamente, acionamos o alerta interno que ali há um código de conduta e silêncio. Observam-se ruas na maioria das vezes cheia, principalmente de jovens e as esquinas são lugares de investimento de encontros. É rotina a polícia fazer rondas o que não ocorre sem suspense e apreensão. Muitas crianças e jovens assumem as responsabilidades pela casa e irmãos mais novos e os pais e avôs trabalham como empregados domésticos ou em comércios como faxineiros ou cozinheiros. Como estratégia de enfrentamento do preconceito, pessoas que desenvolvem trabalhos

voluntários emprestam seus endereços para que moradores tenham mais chances de obter emprego, é comum serem eliminados da vaga, mesmo habilitados, quando informam o bairro onde moram. Neste espaço objetos de consumo são desejados, roupas são de segunda mão e alimentos na quantidade necessária ou mínima para sobrevivência.

Estabelecemos a rua como fronteira de produção de conhecimento e campo de pesquisa mediada pela ONG. Sua missão é o acolhimento e atenção direcionada a crianças e adolescentes em vivência de pobreza e exclusão social através de ações de autonomia pelo trabalho, especialmente na recuperação de objetos reutilizáveis e oficinas de reforço escolar, dança, violão, capoeira, atividade física, leitura e discussão. Tem seus portões abertos para trânsito das crianças e adolescentes da comunidade. Visa à construção de um acordo de interesses entre instituição e jovens, com o envolvimento da família, a fim de estabelecer-se como referência de apoio na promoção de projetos de vida. A entidade possui convênios com setores do município para doações financeiras e parcerias através de trabalho voluntariado, por manter suas atividades na dependência dessas contribuições gera descontinuidades no trabalho, no entanto, tem reconhecida sua contribuição pelos jovens e comunidade. A instituição possui um espaço grande, mas com poucos recursos e sem finalização das obras. No último ano com investimento de uma fábrica local adquiriu um pequeno campo de futebol, duas salas para as oficinas e atendimentos, varanda e banheiros. Os diretores são pessoas acolhedoras e cumprem um importante papel afetivo junto aos jovens, familiares e comunidade.

4.2 Fundamentos éticos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília sob o registro CAAE: 89942318.9.0000.5540. Cumprimos as exigências que versam sobre ética: 1) consentimento livre e esclarecido dos participantes; 2) proteção a grupos vulneráveis, respeitando os princípios de dignidade e o

caráter de autonomia dos sujeitos; 3) avaliação de riscos e benefícios na eliminação ou amenização de prejuízos ao participante e; 4) relevância social da pesquisa.

4.3 Critérios de seleção

Foram incluídos adolescentes moradores de um bairro de periferia de um município no eixo Rio-São Paulo, expostos a situações de vulnerabilidade e risco pessoal e social. Adolescentes que não participassem de atividade contínua da rede de proteção social governamental, tendo vínculos frágeis com a escola e a casa, que não estivessem engajados em uma atividade reconhecida de formação profissional e que não atuassem em trabalho remunerado. Alcançamos jovens que faziam do espaço da rua sua maior atividade no dia-a-dia.

4.4 Colaboradores da pesquisa

Foram contatados cinco adolescentes para participar da pesquisa, por meio da roda de conversa, inicialmente cinco jovens aceitaram participar, mas três conseguiram estar em todas as etapas da pesquisa. Contamos assim, com três adolescentes, todas do sexo feminino. Abaixo, na Tabela 3, estão apresentados os nomes fictícios dos participantes.

Tabela 1: Perfil dos participantes nos estudos de caso

| Pseudônimo | Idade | Perfil |
|------------|-------|--|
| Bela | 18 | Mora no bairro desde que nasceu. Foi criada junto com os irmãos pelo pai em terreno com casas dos tios. Todos usuários de drogas. Em função dos maus-tratos e uso de drogas vivia nas ruas. Encaminhada pelo Conselho Tutelar para o abrigo aos 10 anos ficando até os 16 anos. As fugas e retornos para o abrigo foram uma constante. O conselho, a ONG e tia Esperança vão compor a vida de Bela como referência de proteção. Esperança é a família co-construída por Bela. Bela frequenta a ONG uma vez por semana, frequenta o EJA no sexto ano do ensino fundamental e deseja trabalhar. |
| Iza | 14 | Mora com os pais, avó, tio e irmã de 1 ano e três meses. Tem duas irmãs por parte do pai que são casadas, tem filhos e moram em casas separadas. Frequenta a ONG diariamente e sempre solicita a ajudar na distribuição do lanche e outras tarefas. Relacionamentos conflituosos na escola. Não diz que mora no bairro. Reclama que recebe pouco carinho da mãe, apanha com frequência. Passa boa parte do tempo na rua com grupos reconhecidos como usuários e agressivos. Seu tempo é dividido entre a ONG e a rua. Embora pouco carinhosa e, por vezes, desafiadora busca estar perto da pesquisadora. Participa das etapas da pesquisa porque gosta de falar, embora o silêncio atravesse os encontros. |
| Nina | 16 | Mora no Bairro desde os cinco anos. Mora com os pais e seis irmãos, três do sexo feminino com 12, 19 e 21 anos e três do sexo masculino de 7, 15 e 17 anos. Moram também três sobrinhos filhos das irmãs mais velhas com 4, 2 anos e um bebê de oito meses. Com 12 pai iniciou uso de drogas, época que era muito agressivo. Com a morte da irmã bebê o pai deixa de usar drogas e entre pra igreja evangélica. A casa conta com uma sala, um quarto, cozinha e banheiro. Os pais dormem no quarto e todos os outros na sala onde tem beliches. Suas saídas para rua são frequentes, o que gera brigas em casa. Iniciou atividade de 'avião' (entregar droga), mas nega uso. O tempo na rua tem sido mais frequente e falta as atividades da ONG com frequência. |

4.5 Abordagem e produção de dados empíricos

Os jovens foram acessados por meio da ONG, onde a pesquisadora realizou trabalho como voluntária mantendo atividades de oficinas e roda de conversa. A aproximação aos jovens foi cautelosa, iniciamos o contato participando de atividades já existentes como aula de desenho e dança com objetivo de estabelecer relação de confiança. Esta etapa durou por três meses, os jovens e parte dos funcionários se mostraram desconfiados, mas gradativamente a relação foi estabelecida e a pesquisadora começou a ser solicitada para atividades e conversas. Através destes contatos convidamos os jovens a participar da roda de conversa com dia e

horário combinado, o que exigiu atenção e respeito quanto ao tempo necessário para construção de vínculos e motivar os jovens para participar de espaço mediado também pela fala. Necessário entender que esta aproximação que exige construção de um vínculo de confiança não é fácil em se tratando de vivências marcadas, por exemplo, por abandonos e violência. Importante considerar também que é frequentes profissionais ou voluntários que iniciam atividades na ONG e que em pouco tempo abandonam.

No primeiro encontro da atividade-roda de conversa explicamos o motivo de nosso encontro enquanto espaço de fala e conhecimento, a fim de subsidiar a pesquisa. Neste encontro realizamos um primeiro esclarecimento sobre os objetivos da pesquisa e convidamos para um segundo momento contando com a presença dos interessados em participar das entrevistas, acompanhados dos pais ou responsáveis.

Combinamos dia e horário e através de bilhete, que foi entregue pela diretora da instituição, convidando os responsáveis. Ao final da roda de conversa cinco jovens se prontificaram a participar, mas no dia acertado três compareceram com seus respectivos responsáveis. Neste encontro procedemos a esclarecimentos mais detalhados sobre os objetivos da pesquisa e acordamos os encontros subsequentes para realização das entrevistas com os jovens bem como uma entrevista com cada responsável, separadamente, com a finalidade de subsidiar a leitura dos dados. A participante de 18 anos teve acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o dois jovens com idade inferior a 18 e seus responsáveis tiveram acesso ao termo de assentimento. Ao final deste encontro agendamos o dia e horário para a primeira entrevista e a cada etapa era acordada a subsequente.

O método para produção de dados empíricos com multimétodos qualitativos, como triangulação de instrumentos, possibilitou a composição de caleidoscópios multifacetados (Barbato, Mieto, & Rosa, 2016). Para coleta de informações procederemos: roda de conversa

para contextualização, entrevista aberta; entrevista episódica; entrevista de história de vida; entrevista mediada por música; e diário de campo.

Não obtivemos autorização dos jovens para utilização do gravador o que foi aceito, entendendo e respeitando o receio pela insegurança vivida. Acordamos, então, a fim de nos manter o mais fiel possível aos dados que faríamos anotações das narrativas e posteriormente leitura para comentários e reflexões sobre os temas elencados. Acertamos também que incluiríamos a entrevista da linha da vida, utilizando para tanto folha de papel ofício com uma linha reta desenhada com demarcação de pontos para anotações dos eventos da vida. Estas estratégias, portanto, cumpriu a função de contornar a ausência da gravação, buscando garantir a qualidade dos dados e, ainda, provocar reflexões por parte dos jovens, no momento da entrevista, sobre suas lembranças, o que cumpriu uma importante etapa no estudo de processos de reflexividade.

4.6 Procedimentos e instrumentos

Após a seleção inicial dos participantes e realizados os acordos com os jovens e responsáveis iniciamos as entrevistas, obtivendo sucesso na adesão. No período em campo, a pesquisadora esteve em contato direto com os participantes em seu contexto, o material produzido na roda de conversa, entrevistas e anotações em diário de campo subsidiaram a posterior análise. O estudo dos fenômenos humanos implica posicionar-se diante “diálogos [...], suas histórias. Momento central desse “encontro com o outro”, onde se busca, além de olhar, ver; além de ouvir, escutar; além dos fatos, sentido” (Maluf, 1999, p. 70), produzidos na experiência da narração em que envolve responsivamente de participante e pesquisador.

4.6.1 Roda de conversa

A roda de conversa cumpriu a função de estabelecimento de vínculo de confiança dos jovens para com a pesquisadora e ainda para contextualização na leitura dos dados, de modo que “a conversa é um espaço de formação, de troca de experiências, [...] de produzir dados

ricos em conteúdo e significado” (Moura & Lima, 2014, 98) em que nos interessa os estudos da produção de significados. Constitui-se em um método de participação coletiva e dialógica e atua como promotor de socialização de saberes, troca de experiências e de conhecimentos e fortalecimento dos vínculos. A roda se constitui como importante ferramenta de estabelecimento de rapport que facilitou o desenvolvimento da pesquisa.

4.6.2 Entrevista Aberta

O uso de histórias de vida oportuniza um espaço de cultivo e produção de si em sua singularidade dado o caráter ativo do sujeito. A entrevista aberta permite aproximação da experiência humana concretizada em narrativas relevantes com uma sequência seletiva de eventos, explicações e interpretações na produção de uma história pessoal e coletiva, em que experiências emergentes são indexadas a acontecimento orientadas a ação, em avaliações, como ato de fala e produção do sujeito; “a narração reconstrói ações e contextos: ela mostra o lugar, o tempo, a motivação e as orientações do sistema simbólico do autor” (Jovchelovitch & Bauer, 2002, p. 92). O encontro com o participante e a provocação para emergência da história, ‘conte-me sua história’, ocorreu em encontro pautado pelo esforço dos jovens em falar sobre si, mesmo que em momentos a dificuldade em relatar eventos dolorosos e os receios por viver em território marcado por código de conduta não impediu se apresentasse espontaneidade e interesse em dividir com a pesquisadora, que ofereceu escuta atenta e interessada pelas experiências relatadas, incentivando-as a falar.

A entrevista aberta é um meio de extrair os dados ao dar ênfase a experiência vivida, a partir das próprias associações e encadeamos, no tempo, pelo entrevistado. A direção da entrevista não dirigida confere ao participante o máximo de liberdade no que diz respeito à maneira de tratar o tema de estudo, a nos apresentar os temas que lhe são significativos. Em ambiente propício, o participante encontra possibilidade de construção de um enredo, através do qual articula os personagens e suas ações oferecendo-lhes uma estrutura de sentido no

tempo e no espaço (Vieira & Henriques, 2014). A sequência dos eventos não configura escolhas aleatórias e arbitrárias o que faz da narrativa um método e um produto de análise.

4.6.3. Entrevista Episódica

A entrevista episódica visa aprofundar dados da entrevista aberta e contextualizar a história de vida (Flick, 2002). O roteiro é fornecido pela entrevista aberta em direção aos eventos elencados pelo participante em seu aprofundamento no encontro com o objetivo da pesquisa.

4.6.4 Entrevista mediada por música

A entrevista mediada por objeto e, para o empreendimento desta pesquisa, a música funcionou como importante ferramenta no estabelecimento de aproximação com a realidade e interesses dos jovens favorecendo associações e espontaneidade ao narrar estórias carregadas de intensa carga afetiva (Souza, 2018). A proposta foi oportunizar que o jovem se dedicasse a falar de si e seu cotidiano com ênfase em processos de reflexividade, “utilizamos instrumentos e símbolos para romper limitações biológicas, sociais e mentais como incentivo para a construção de significados” (Caixeta, et al. 2017, p. 271). Deste feito, após realização de entrevistas aberta, episódicas e da linha da vida, a música objetivou gerar contextos intencionais em que falar de si, gerada por lembranças evocadas em atualizações pela interação, possibilitasse conduzir a análise como unidade de significação do discurso (Penn, 2002) integrando a (inter)textualidade do seu autor, nosso participante da pesquisa.

4.6.5. Diário de campo

O diário de campo é o instrumento de registro dos dados pertinentes a todo processo de coleta de dados. São anotações de percepções, perspectivas e perguntas que subsidiaram as etapas da pesquisa. Cumpriu importante papel na condução da entrevista episódica e forneceu elementos para análise do processo de reflexividade, considerando-se a impossibilidade de

neutralidade científica na análise dos dados. O diferencial foi manter a postura ética em atos responsivos e concretização da pesquisa de uma leitura crítica contextualizada.

4.7 Análise dos dados

As análises foram orientadas para responder aos objetivos da pesquisa: Analisar a produção de significação sobre o estar/permanecer na rua, no encontro com situações de risco e vulnerabilidade pessoal e social, do adolescente morador de um bairro pobre em suas interpretações de si. No primeiro momento cumprimos um trabalho cuidado e repetido de leituras das etapas metodológicas: leitura contextualizada e intensiva das informações obtidas nas rodas de conversas; entrevistas aberta, episódica e mediada por música; leitura intensiva das anotações das entrevistas e caderno do pesquisador.

Em segundo momento as entrevistas foram transcritas e todo o material colhido compôs um texto único que, lidas e relidas, passou pelo trabalho de identificação e sistematização dos dados em significados e temas da narrativa com ênfase nos processos de reflexividade em interpretação dos jovens em contextos de pobreza. A atenção esteve direcionada ao discurso contextualizado e análise microgenética, em mudanças na paisagem dinâmica do eu. Empreendemos a análise a partir da identificação de redundâncias, ênfases e força de significantes e significados, em posicionamentos, produzidos em turnos de enunciados em tema, significação e acento apreciativo (Barbato, et al. 2016). Sendo assim, orientados pela narrativa dos sujeitos, os dados estão submetidos a análise dialógico-temática. O uso de multimétodos orientou a proposta dialógica favorecendo a combinação e alternância de instrumentos, uma triangulação para uma leitura descritiva e aprofundada do fenômeno estudado.

5. RESULTADOS

Os resultados indicam que a coexistência de vivências de precarização concreto-simbólica e atos dialógicos de respeito, empatia e equidade ora reforçam relações de poder desiguais ora a reflexividade em que o compartilhamento de experiências e interpretações de forma íntima e afetiva, com outros significativos, oportunizam discursos alternativos e (re)construção de realidades.

Os jovens, com relevância a biografias marcadas por violências e violação de direitos, em contextos de pobreza, nos deslocamento pelos espaços cotidianos da rua negociam e produzem culturas geradas em quebra de comunicação e ambivalências. Vivências de transição regulam dinâmicas de produção de si inseparáveis da experiência e recursos socioculturais disponíveis que o causam e o mediam. As práticas sociais e modos de socialização oportunizam diferentes graus de reflexividade que expõe o processo de negociação e atualização, entre restrições e o potencial transformador na relação dos sujeitos com seus contextos sociais, orientados a reproduções e ou ações transformadoras com novas formas de atuação como frequentar atividades expressivas de dança, música e espaços de fala da ONG. Dinâmicas ambivalentes entre ‘acostumar↔fugir’, ‘segredo↔fala’ e ‘agressão↔silêncio’ localizam os diferentes jovens da pesquisa entre processos de integração como, por exemplo, buscar nas ruas amigos-moleques porque reconhecidos como parte de um grupo social de pertença e processos de diferenciação como buscar alternativas aos perigos da rua, mantendo-se vinculada a espaços de acolhimento como a ONG, o CRAS/Jovem Aprendiz, a escola, mesmo que, muitas vezes, sejam serviços que não respondam suas demandas afetivo-cognitivas.

As trajetórias de vida atualizadas nos encontros pesquisador-participante demandaram atenção em contextualização e criticidade como dispositivo ético no fazer pesquisa. A aproximação da pesquisadora junto aos participantes ocorre de modo a respeitar as decisões verbalizadas. Prioritariamente, que os encontros não se restringissem unicamente as

demandas, critérios e interesses da pesquisadora, mas que os jovens fossem reconhecidos em sua voz. Atentos aos perigos quanto a morar em uma comunidade sob o domínio do tráfico respeitamos a solicitação de que as entrevistas não fossem gravadas, havendo a necessidade de, no momento da coleta dos dados, adequação de instrumentos e coleta, respeitando os adolescentes e garantir fidedignidade aos dados. Seguimos o acordo de que o espaço fosse também prazeroso com fala, música, dança, desenhos e jogos.

A seguir apresentamos os estudos de caso e os de dinâmicas de reflexividade geradas e orientadas por: a) cronotopo das ações com outros significativos: em que o jovem se produz entre pessoas e lugares, em atividade; b) dinâmicas ambivalentes em produção de si: geradoras de diferentes graus de reflexividade em coexistência com os recursos cognitivo-afetivos disponibilizados nos contextos; c) dinâmicas temporais de produção de si: deslocamento entre perspectivas em diálogo como possibilidade de inovações; d) narrativas da linha da vida em processos de mudança; e) tornar-se música como possibilidade de produção ético-estético-política;

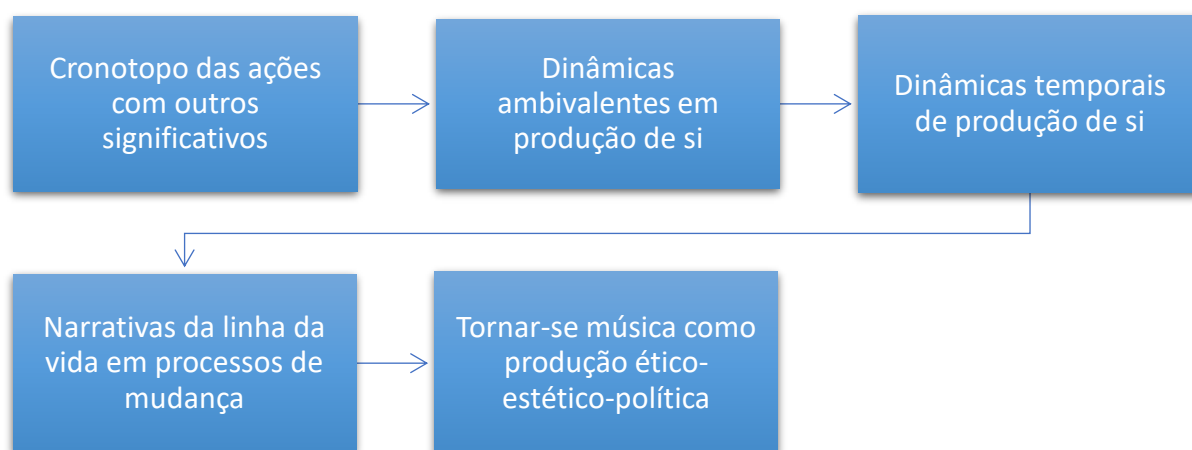


Figura 1: Indicadores de reflexividade

Posteriormente, os resultados são apresentados de forma descritiva e dialógica. os resultados são organizados em tabelas e figuras organizados em cronotopos, que importa considerar os jovens em deslocamentos geográficos e psicológicos, indicados por setas bidirecionais com ênfase na dialogicidade do *self* e desenvolvimento de reflexividade gerada em ambivalências. Apresentamos separadamente os estudos de caso e discussão para posteriormente apresentar discussão que envolva proximidades e distanciamentos, dos três casos, para análise dos indicadores de reflexividade. Ao final tecemos considerações finais que enlace teoria e empiria como possibilidade de um diálogo para o futuro em pesquisas sobre reflexividades juvenis.

Estudo de caso 1: Bela

A reflexividade implica em interpretações ético-estéticas, geradas no entre eu-outro em cronotopos situados, em diferentes ambivalências, em trajetória de acostumar↔fugir/modificar-se, abandono-acolhimento-vontade de mudar. O confronto instaurado entre os cronotopos do beco, da rua/bairro, do conselho/abrigo, casa Esperança e ONG, em dinâmicas ambivalentes, entre vivências de violência-violação de direitos e vivências de cuidado-acolhimento traduziram esforços psíquicos entre se subjugar e transgredir, mesmidade e crítica.

Entre experiências de abuso sexual, agressões e ameaça de morte, nos cronotopos do beco e da rua, e vivências de cuidado e atenção, do conselho/abrigo, casa de Esperança e ONG, esse fluxo dialógico compõe a dinâmica do *self* das narrativas de cuidados de si. Assim, os deslocamentos por diferentes cronotopo orientaram Bela a produção de estratégias de resiliência e criticidade. O enfrentamento as situações de violência e violação de direitos são concretizadas, por exemplo, no abandono da prostituição e drogas, que a deixaria ‘seca’ para “ter uma vida boa, uma família, alguém que gosta de mim (...) ter felicidade”.

Movimentar-se entre espaços compartilhados com outros significativos possibilitou desenvolvimento de raciocínio autobiográfico, em evento de ruptura, quando diante à possibilidade da morte física e concreta, “quero viver e pensar no futuro... agora acho que o amor não está proibido, está livre... Eu pensava que o problema era comigo... aprendi e não quero repetir tudo”, vislumbrando um futuro de possibilidades. A produção de senso de continuidade como voltar para o abrigo enquanto espaço de proteção dos perigos da rua, buscar a casa de Esperança, em cultivo de receber↔dar cuidado, para fugir das agressões do pai e ainda buscar a ONG para conversar organiza a narrativa de Bela na produção de trajetória de vida. Trajetória, em descontinuidades, entre vivências de perigo como a venda do seu corpo e a função de avião no tráfico em deslocamento para trabalhar como babá, estudar e ter um novo amor indica acontecimentos abertos a questionamentos, no confronto com alteridades. Vivências de rupturas, em processos de transição, que orientaram tomadas de decisão como sair das ruas e concretizar desejos como ter uma vida melhor e ser feliz.

Assim, vivências mediadas por fatores de risco como as drogas, o tráfico e a prostituição e fatores protetores nos espaços de acolhimento destinados a crianças e adolescentes oportunizaram diálogos reflexivos. A relação de Bela com a rua, em processos de convencionalização, é qualificada “porque não joga tudo no lixo” na expectativa de ser feliz, trabalhar e “ser eu mesma”.

Contexto cultural e das narrativas

Bela tem 18 anos, mora no bairro desde que nasceu. Foi criada pelo pai em terreno com outras casas, onde moram os tios, todos eles usuários de drogas. Em função dos maus-tratos, negligência, abuso, convivência com drogas e permanências prolongadas pelas ruas em situação de violação de direitos recebeu atenção do estado com intervenção por parte dos equipamentos da Rede de Proteção a Criança e Adolescente do município, respaldados pelo ECA, resultando em encaminhamento pelo conselho tutelar para o abrigo. Permaneceu no

abrigo dos 10 aos 16 anos de idade. As fugas eram constantes e sempre retornava para o bairro, transitando entre a casa do pai e a rua até a entrada dos profissionais da ONG que realiza trabalho com jovens em situação de vulnerabilidade e risco social, intermediando estratégias de proteção e relação de convivência com tia Esperança.

Esperança é moradora do bairro e sensibilizada pela situação acolhe Bela em diferentes momentos, desde quando ainda morava com o pai e mesmo depois quando fugia do abrigo e permanecia pelas ruas do bairro. Bela, em suas fugas do abrigo, nunca foi para outro destino que não os espaços do bairro. A rua figurava como espaço ambivalente de acolhida e perigo e sua trajetória foi inscrita entre os parceiros da rua, do Conselho e abrigo, da ONG e Esperança. Bela, assim foi compondo o projeto da família de Esperança que já acolheu outras crianças em situações parecidas e enxerga nelas um passado também experimentado por Esperança. Bela e Esperança se escolheram e após momentos de tensões, diálogos e decisões judiciais decidiram pela guarda legal.

Atualmente, a família de Bela é a da Esperança. O contato, acordos e todos os encontros com Bela para realização da pesquisa aconteceram na ONG em diferentes espaços, na varanda, no campo de futebol, em baixo da árvore ou na sala de atividades de grupo. Desde o início houve boa receptividade e interesse em participar alegando que poder “conversar é bom”. Nos encontros sempre se mostrou carinhosa e, por vezes, triste. Dizia ser difícil falar sobre sua vida e, aos poucos, após silêncios prolongados, debruçava-se sobre sua história preenchida de interrogações e receios quanto suas atitudes e decisões para o futuro. Realizamos entrevista com Esperança, também no espaço da ONG, quando obtivemos informações sobre a trajetória de maus tratos graves cometidos pelo pai não relatados ou parcialmente relatados por Bela. O conteúdo da entrevista é também sobre a história de vida de Esperança e sua decisão de reportar ao Conselho Tutelar o desejo pela guarda. Esperança deixa claro o rigor com que ‘cria’ Bela. Bela frequenta a ONG uma vez por semana.

Frequenta o EJA no sexto ano do ensino fundamental e deseja trabalhar para garantir uma vida segura e de acordo com os seus sonhos.

a) cronotopo das ações com outros significativos

A produção de significados e sentidos, em negociação intersubjetiva, organizaram cronotopos da atividade como vivências no beco, vivências rua/bairro, vivências conselho/abrigo, vivências casa tia Esperança e vivências ONG, tematizados a partir de relatos espontâneos da participante. Considerando que o tempo condensa-se no espaço da enunciação organizando acontecimentos, em desenvolvimento, diferentes cronotopos coexistem entre práticas de permanência em que Bela reproduz vivências de abuso físico e sexual em que fora submetida e insiste ao fazer parte do mundo da prostituição e das drogas. Cronotopos coexistem, em descontinuidades, no confronto e oposição de práticas que, mesmo errante, busca rotas alternativas às situações de violação, ruptura em transição, nas idas-e-vindas do beco↔rua e do abrigo↔rua↔casa de Esperança orientada a não querer mais correr os riscos que o tráfico, a prostituição e as drogas oferecem. Frente o medo da morte, Bela escolhe a vida.

A vivência da possibilidade da morte, atualizada na narrativa, de que estaria 'seca' subjetiva e fisicamente a posiciona como 'ser indiferente' para o outro que deveria cuidar. Mas, nos confrontos entre os espaços monológicos e dialógicos, por onde Bela se deslocou, experiências não foram subtraídas, mas compõem uma totalidade narrativa dinâmica, em organização e auto-regulação eu-outro, produzindo habilidades resilientes e criticidade.

Tabela2: Temas e significações em dinâmicas de interpretações de si orientadas a reflexividade: Bela

| Temas e Significados | | | | | |
|--|--|--|---|--|---|
| Temas | Vivências no Beco | Vivências na Rua/bairro | Vivências no conselho/abrigo | Vivências casa/Tia Esperança | Vivências ONG |
| S I G N I F I C A D O S | Morava no beco... meu pai é usuário, também. | Morar... desde pequena acostuma. | Não sabia... não lembro... não sei como fui parar no abrigo... o conselho me pegou e levou para o abrigo e era pra ficar... estava no colégio, veio uma moça nem sei de onde, me levou e depois... não voltei mais pra casa. | ... quando apareceu tia Esperança, comecei ir pra casa dela... eu ajudava porque estava doente, arrumava as coisas... foi indo e eu ia todo dia... | A ONG entra na minha vida, encontrei os tios que me ajudaram a voltar pra tia |
| | Meu pai cuidava... usava drogas... batia na gente... | ...é um bairro bom, mas perigoso também | ...fiquei bastante tempo, nem lembro quantos anos. Fui com 10 anos | ... para fugir disso (pai) ia dormir na casa da tia, mas nen sempre conseguia | vim conversar com o tio pra ele me ajudar, a tia de lá me ajudou, ela chamou tia Esperança pra conversar. |
| | Até ir para o abrigo sempre morei com o meu pai... fugia de lá (abrigo) e voltava pra ver minha família... ficava com saudades | ... a rua era o meu lugar.. encontrava amigos, alegria, não jogo tudo no lixo. Mas tem também o perigo...de fazerem algo pra mim...ameaçaram cortar meu pescoço | ...fui crescendo, ai fugia... trazia mais gente... juntava as muchilinhas, jogava pro outro lado de fora, pulava o muro | ...ela não é parente, não é nada minha... ela me pegou pra morar com ela | Esperança pra conversar. |
| | Fugia de novo (abrigo)... sempre voltava... | ...usava cocaína que faz efeito, mas não faz esquecer o sofrimento | ... o conselho ia bater lá na casa com a policia e pegava a gente... esperava mais um pouco e fugia de novo. | já estava morando com a tia, e acabei saindo de lá, briguei, havia bebido, escolhi a rua... fui usar drogas, imagreci, fui indo... | Me ajudou para sair das ruas... ser feliz |
| | Eu gostava dele, né?!... porque era pra cá que eu voltava, né?!... | ... com o tempo passei a me vender para eu usar a droga | O conselho me tirava dele (pai) por tudo que ele fazia. | me arrependi de ter saído, chorava muito, sentia falta, gostava muito deles.... me arrependi | ... porque quero trabalhar e ser eu mesma |
| | Sentia falta dele... foi ele que me criou desde pequenininha... eu acostumei ficar com ele. | ...minha mãe anda pelas ruas do bairro, encontro com ela... usa porcaria... me esqueceu numa caixa de papelão, pode isso?... eu tenho dó... queria fazer o melhor... trazer pra perto de mim. As vezes me dá raiva, mas deixa... | ...14 anos fui para abrigo para maiores... fugia, ia para o mesmo lugar, voltava (Beco). Mas recebia carinho, alimentação... gostei desse abrigo. conversaram com ela (Esperança) e comigo, perguntaram o que eu queria, ficar na rua ou voltar pro abrigo... preferi voltar... perguntaram se tia Esperança queria ficar comigo. Eu aceitei e ela aceitou... | (depois da conversar com a ONG)... pedi pra voltar. Tia Esperança falou que era pra conversar com o tio, pedir perdão. Falei com ele, chorei.. disseram que se eu melhorasse e não ficasse na rua, me aceitavam. | |
| quem ajudou me criar foi minha avó e tias, mas não sei... recebia pouco cuidado... se eu continuasse na casa do meu pai estaria seca... até morta, não era pra estar aqui... As vezes tenho raiva do meu pai... me vendia por droga... quando falava que não queria, me xingava, me batia. | | ... só usando drogas... mas nunca ia subir, só me destruir... Voltar para o abrigo... era essa a realidade que eu queria. Eu vivia fugindo, ia morrer | Sempre quis morar com a tia... hoje estou na casa dela.. Sair da casa da tia foi o mais difícil da minha vida | | |
| | | | Ela é muito importante, me ensinou muitas coisas, aprendi muitas coisas... a arrumar a casa, ... a cozinha, respeitar os outros, ajudar o próximo, essas coisas... | | |
| | | | ... sei que tia Esperança gosta de mim de verdade... Antes ninguém ... silêncio ... ligava pra mim... a minha morte era indiferente | | |
| Acostumar | | | | | |
| Fugir | | | | | |

O quadro foi organizado em cronotopos, a fim de apresentar a narrativa em deslocamentos multiplanos, entre permanências e discontinuidades, gerando negociações e atualizações no encontro pesquisador-participantes. Bela em deslocamento pelos cronotopos do beco, da rua, do conselho/abrigo, tia Esperança e ONG expressa a dinâmica polifônica em produção de si.

Bela no confronto entre significados reguladores de cuidado como receber carinho, alimentação, ensinar ‘muitas coisas’ e significados reguladores de abandono/violência como ‘ser indiferente’ porque “ele (pai) me vendia por droga, xingava, batia” assim como “ela (mãe) me esqueceu numa caixa de papelão” orientaram Bela à ações entre o perigo e a preservação. Dinâmicas ambivalentes entre prostituir-usar drogas e estudar-trabalhar indicam processos de ruptura, em transição, de “querer sair da rua... ter uma vida melhor”. O deslocamento intra e intercronotópica em fluxo dialógico, entre vivências da morte ante a indiferença do outro que a deixaria “seca” e vivências de vida como acolhimento, ensinar e gostar projeta Bela a desejar “... ser eu mesma”.

O posicionamento-eu adolescente que ajuda em casa, estuda, trabalha como babá, namora menina e ajuda na ONG foi negociada, em dinâmicas de reflexividade, com posicionamento-eu abusada que sofria violência física e sexual e usuária de drogas em espaços que, “conversaram comigo, perguntaram o que eu queria”, oportunizando posicionamento-eu feliz “... porque tudo que eu quis eu tenho agora”, de modo a projetar um futuro em ter uma vida boa, ter uma pessoa legal e gostar de si. Dinâmica materializada em espaços de ‘conversas’ no abrigo, casa de Esperança e na ONG direcionadas a “ser eu-mesma”.

Em experiências com alteridades que circulavam no beco como o pai, avó e tios, alteridades da rua como os amigos bons, amigos perigosos e a mãe, alteridades do abrigo como os conselheiros e os profissionais, alteridade da casa Esperança e alteridades da ONG

como os tios, vozes em coexistência, indicam a organicidade da dinâmica e processos sociais em que Bela é constituída como uma organização do *self* em fluxo heterogeneidade que orientam conflitos e sofrimentos entre ‘acostumar’ e ‘fugir’ das vivências de violação.

Bela interroga-se como possibilidade de romper o ciclo ‘acostumei-fugir’ ao (re)conhecer que “ficava com saudades... gostava dele, né!? Era pra cá que eu voltava, né!?!... sentia falta... ele que me criou... acostumei” confrontado, em diálogos reflexivos eu-outro, que de fato “recebia pouco cuidado... as vezes tenho raiva... antes ninguém... [silêncio]... ligava pra mim... a minha morte era indiferente”. Afetos como falta↔raiva na relação pai↔Bela; dó↔raiva na relação mãe↔Bela; destruição↔arrependimento na relação eu-abusada↔eu-adolescente; abandono↔carinho na relação eu-abusada↔Esperança; silêncios relacionados a “tudo que ele (pai) fazia”; esquecimentos relacionados ao primeiro abrigo e as pausas relacionadas ao esquecimento da mãe que a esquece em uma caixa de papelão no bar bem como as violências sofridas na rua atualizam, no momento da entrevista, interações eu-outro do passado indicando reflexividade orientada a querer ‘uma vida melhor’ concretizada em decisões de estudar, trabalhar e também permitir-se ao romance. Mudança de posicionamento, por exemplo, diante o pai em que não deixou-buscou ajuda para não ser abusada e o abraço possível na mãe que projetaram Bela a uma adolescência de responsabilidades-responsividade lhe confere lugar de cuidado consigo e com o outro.

Bela estabelece o diálogo entre o cuidado e o perigo ora acostumando ora fugindo das situações de violência, mas seu deslocamento entre diferentes cronotopos e alteridades constitutivas do eu e dos vínculos sociais, oportunizaram desenvolvimento de imaginaçãorientada a criatividade na produção de sensibilidade para si e para o outro. Relações dialógicas com o espaço abrigo, casa de tia Esperança e com a ONG em vivências de respeito, troca de conhecimento e cuidado fizeram contraponto as vivências nos espaços do beco e da rua. A indiferença encarnada na representação de morte física quando era agredida e

violentada pelo pai; na ameaça de lhe cortarem o pescoço por desconfiança de atuar como X9, pessoa que delata, na comunidade e quando exposta aos perigos da rua foram motivadores de mudança, pontos de viragem, em tomadas de decisões como retornar ao abrigo e procurar os tios da ONG como meio de concretizar, “era essa a realidade que eu queria”, voltar para Esperança e, assim poder sair das ruas.

Bela interroga; “... se eu continuasse na casa do meu pai estaria seca” porque quando emitia a voz “... que não queria” era subtraída em práticas discursivas autoritárias, tornada monológica, porque “ele (pai)... xingava, me batia”. A agressão é um silêncio ensurdecedor. ‘Acostumar’ e ‘fugir’ da situação coexistem, ora rompendo com a mesmidade ora negando-lhe ela mesma atitude de cuidado, de modo que a enunciação “eu me vendia para usar drogas” e “ser usuário, também” comporta o eu e o tu da relação passada, atualizadas em momentos de ruptura, em transição de produção de si.

Suas interpretações emergem na intertextualidade dos encontros da rua, onde o “bom, mas perigoso” êxtase, em abstrações, que as drogas oferecem é efêmero porque “... faz efeito, mas não faz esquecer o sofrimento” de quem questiona se ser-abusada física e sexualmente e esquecida numa caixa de papelão no bar “...pode isso?”. Da rua, no entanto, “não joga tudo no lixo” porque “encontrava amigos e alegrias”, mas conhecedora que é precisa encontrar outras formas de posicionamentos-eu. Reconhecida sua situação de vulnerabilidade e risco pessoal e social pelas instituições que formam a Rede de Garantia de Direitos e a rede de proteção de vizinhança no bairro, Bela tem novos começos ao participar também do abrigo, da casa de Esperança e da ONG, incorporando a sua própria palavra, outras perspectivas, que em desenvolvimento complexifica e expande o repertório do *self* como filha adotiva, estudante, trabalhadora, namorada. Em seus deslocamentos renitentes entre o beco e a rua, entre ‘acostumar’ e ‘fugir’, o segundo abrigo canaliza dinâmicas, entre forças centrípetas e centrífugas, no presente em posicionamento-eu adolescente, iluminando o passado em

posicionamento-eu abusada orientada à posicionamento-eu feliz, em dinâmicas de reflexividade.

As dinâmicas ambivalentes entre fugir e voltar para o abrigo são sintetizadas no cronotopo conselho/abrigo', em processos de convencionalização, em que Bela pensa "no que passei, mas tem momento bom... tendo consciência boa na rua não encontro o que foi ruim, porque não procuro mais, hoje procuro a rua para ir atrás do que quero... escola e encontrar meu namorado". Embora o primeiro abrigo tivesse a função de romper o estabelecido, verifica-se a manutenção de atitudes conhecidas como as fugas, as brigas e o não cumprimento das regras da instituição. O segundo abrigo, no entanto, atua como um marco no desenvolvimento de resiliência e criticidade. A abertura de espaços dialógicos oportunizou a compreensão ativa e responsiva, de modo que aceitar, discordar ou negar implica emergência de fala autoral. A conversa interessada e atenta ao que Bela interroga; "... ficar na rua ou voltar para o abrigo" orienta sua decisão "... preferi voltar" para o espaço onde "recebia carinho, alimentação" afirmando que "gostei desse abrigo" sem as dúvidas recorrentes que marcaram sua narrativa nas dinâmicas afetivas ambivalentes, vividas, por exemplo, no cronotopo 'beco' e canalizadas aos que institucionalmente são posicionados e recebem a tarefa de cuidadores.

Bela experimenta cuidar e ser cuidada, incorporando tons e ecos de enunciados alheios como, por exemplo, respeitar os outros e ajudar o próximo, atualizados pelos novos contextos do abrigo, da casa de Esperança e da ONG. Espaços que diversificaram sua trajetória de vida, da vivência de "ser indiferente" em direção a estudar, trabalhar, namorar e querer ser feliz. Entre "não lembro... não sei como fui parar no abrigo" e "ninguém... ligava pra mim... a minha morte era indiferente" compreende que "o conselho tirava dele (pai) por tudo que ele fazia" e "voltar para o abrigo" revela reflexividade orientadas a expectativa de "é essa a realidade que (eu) queria". "Aparecer" tia Esperança na vida de bela e a experiência de ajudá-

la “porque estava doente” atualiza a relação cuidar e ser cuidado, em reciprocidade. Bela, então, experimenta diferentes lugares institucionais que a modifica. Mover-se entre perspectivas cultiva a alternância discursiva entre a rua que destrói e deixa seca e a rua que procura para ir atrás do que deseja, integrando perspectivas orientadas à auto-regulação e ação criativa como ir a escola, trabalhar e encontrar a namorada.

Se em um primeiro momento sofria violência física, sexual e psíquica por terceiros, a posteriori era ela mesma seu próprio algoz porque também, em muitos momentos não encontrou saída-alternativas socioculturais. Saídas que ganharam sua atenção quando a própria dor foi ressignificada em que “é difícil pensar... mas quero viver e pensar no futuro agora” e porque “teve um momento que você diz não quero mais isso... eu vivia fugindo, ia morrer... me afastei... agora acho que o amor não está proibido, está livre e tem gente se aproximando... eu pensava que o problema era comigo... aprendi e não quero repetir tudo”. No encontro com outros significativos, mediados em encontros pelas ruas, Bela elabora saídas resilientes e críticas orientadas a um futuro onde ser feliz faça parte de sua história de vida.

b) Dinâmicas ambivalentes em produção de si

O mapa semiótico indica as dinâmicas ambivalentes em reflexividade, evidenciando a tensão entre o conhecido e o inesperado, oportunizando dinâmicas reflexivas entre ‘acostumar↔fugir’ das situações de maus tratos, violência e violação como possibilidade de produção de novidades.

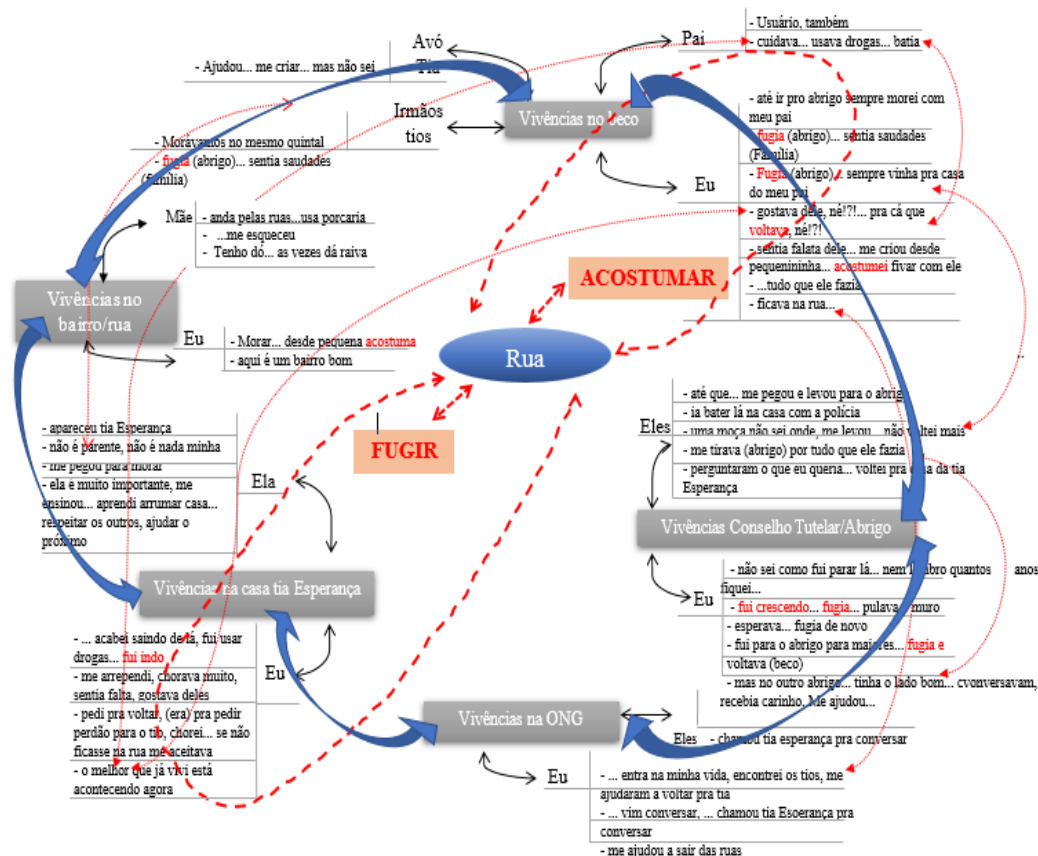


Figura 2: Mapa semiótico de Bela

A narrativa organiza e regula a história de vida em deslocamento pelos diferentes cronotopos, entre continuidades e discontinuidades. Em cada cronotopo Bela se posiciona diferente, no cronotopo Beco como observadora eu-abusada orientada ao sentido de ‘ser indiferente’ atualizada em idas-e-vindas que a deixaria ‘seca’. No cronotopo rua como personagem descreve e explica as transformações vivenciadas entre ser avião ↔ se prostituir e contar com os amigos legais, usar cocaína embora não faça esquecer o sofrimento e o abraço possível na mãe entre a ‘dó’ e a ‘raiva. Bela expande seus movimentos geográficos e psíquicos ao participar dos cronotopos conselho/abrigo, casa de Esperança e ONG como observador-participante, em dinâmicas de reflexividade, em desenvolvimento de percepção de si, auto-regulação e auto-avaliação, orientada a planejar ter uma vida boa, família, ver o futuro da irmã que foi se prostituir e “gostar de mim”.

Na cidade como um todo há práticas discursivas canalizadas em significados reguladores de que lá, no bairro, é um lugar que nada presta, organizando modos de socialização, em reciprocidade de internalizações↔externalizações como totalidade, que impactam na história de vida de Bela e do bairro. Condição esta que cristaliza uma imagem do espaço e seus personagens que exigem esforços extras por parte do sujeito e do coletivo, em contextualização e criticidade, para romper com o pré-estabelecido e produzir brechas de emergência de diferentes modos de subjetividades.

A rua localiza Bela diante a possibilidade da morte, mas encontra na ONG um lugar de endereçamento de sua fala, onde ostios atuam como ponto de reaproximação dela com os profissionais do abrigo e Esperança. Instituição do diálogo que gera possibilidades de atuações responsivas de proteção a si na tomada de decisão de sair das ruas, voltar para o abrigo e de lá aguardar todos os trâmites legais pela guarda definitiva por Esperança. Mover-se entre perspectivas cultivou reflexividade em novas atuações de cuidado a si em posicionamento eu-adolescente que estuda, trabalha e namora sem que para isso precise abandonar as ruas e os amigos.

c) Dinâmicas temporais de produção de si

A narrativa se apresenta em diferentes planos discursivos: narradora↔outras pessoas, tempos↔eventos↔lugares, enredos que do presente ilumina o passado orientado ao futuro. As dinâmicas de produção de si são mediadas por ações geradas em relação dinâmica em diversidade de pessoas-vozes como pai ↔ mãe ↔ tios ↔ amigos ↔ inimigos da rua ↔ profissionais do conselho tutelar e abrigo ↔ tios da ONG em lugares específicos como beco ↔ rua ↔ conselho/abrigo ↔ casa Esperança ↔ ONG, em coexistência e dialogicidade. Diferentes espaços-tempos qualificam a história de vida e orientam narrativas para pensamentos e atuações reflexivas em desenvolvimento de resiliência e crítica como expressão da agencialidade humana em vivência de ruptura autobiográfica.

Tabela 3: Dinâmicas temporais de produção de si orientadas à pensamentos e atuações: Bela

| Estudo caso Bela | | Dinâmicas espaço-temporais | | |
|--|----------------------------------|---|--|---|
| | | Presente | Passado | Futuro |
| Dinâmicas de produção de si mediadas por ações entre pessoas pessoas e lugares | Pessoas (relação si mesmo-outro) | <p>- PESSOAS DO BAIRRO: são legais</p> <p>- MÃE: É usuária e usa porcarias... encontro com ela na rua, ela me dá um abraço e eu dou... tenho dó... queria fazer o melhor... trazer pra perto de mim. As vezes me dá raiva, mas deixa...</p> <p>- TIA ESPERANÇA: ... ela não é parente, não é nada minha... Ela é muito importante</p> | <p>- PAI: usuário, também... cuidava...batia... Ficava com saudades... gostava dele, porque era pra cá que eu voltava, né!?... Sentia falta dele... foi ele que me criou desde pequenininha... acostumei! recebia pouco cuidado, pouca atenção...tudo que ele (pai) fazia...</p> <p>- AVÓ / TIAS: quem ajudou... me criar... mas não sei!?</p> <p>- MÃE: ... me esqueceu numa caixa de papelão, pode isso?...</p> <p>- CONSELHO/ABRIGO: - me pegou e levou (abrigo)... era pra ficar (não sabia)... Ia bater lá na casa com a policia e pegava a gente... me tirava dele (pai)... - eles (abrigo para maiores) conversaram... perguntaram o que eu queria... recebia carinho, alimentação</p> <p>- TIA ESPERANÇA: ... (ela) apareceu... me pegou pra morar com ela ..., eu ajudava ela..., me ensinou muitas coisas... aprendi muitas coisas... a arrumar a casa... a cozinha, respeitar os outros, ajudar o próximo</p> | <p>... Eu queria ter uma vida boa, uma familia que gostasse de mim, ver o futuro de minha irmã que foi se prostituir</p> <p>... queria felicidade... quero gostar de mim... e ter uma pessoa legal</p> <p>... eu gosto de meninas... as pessoas aqui (bairro) falam... não quero perder tia Esperança</p> |
| | Lugares (contextos) | <p>- BAIRRO: Moro na rua 1 (onde fica a casa do pai e de Esperança)... morar desde pequena... acostuma!... aqui é um bairro bom e perigoso também</p> <p>- RUA: não jogo tudo no lixo. Mas tem também o perigo... pelas ruas do bairro, encontro com ela (mãe)... Hoje fico pouco na rua.</p> <p>- CASA ESPERANÇA: hoje eu estou na casa dela (Esperança)... Ela é muito importante</p> <p>- A ONG entra na minha vida... me ajuda ficar fora da rua... venho conversar com os tios</p> | <p>- CASA PAI: Até ir para o abrigo sempre morei com o meu pai... voltava pra casa do meu pai</p> <p>- ABRIGO: - não sei como fui parar no abrigo... era pra ficar... Fugia... fugia novamente... - fui para abrigo (para maiores)... fugia novamente... conversaram... perguntaram... recebi carinho... voltei para poder ir para casa de tia Esperança</p> <p>- RUA: ...era o meu lugar... todo dia, virava a noite usando cocaína que faz efeito, mas não faz esquecer o sofrimento. Encontrei companheiros pra levar pra furada, mas encontrei os tios que me ajudaram a voltar pra tia Madalena.</p> <p>- ONG: ... me ajudou a sair das ruas...</p> | <p>... Não posso fazer isso aqui (bairro), mas quero viver isso... estou encontrando uma pessoa escondido e está muito legal, sem medo.</p> |
| | Ações | <p>... morar desde pequena acostuma...</p> <p>... ela (mãe) me dá um abraço e eu dou um abraço nela, só isso...</p> | <p>- ... quando morava com meu pai vivia na rua porque recebia pouco cuidado, pouca atenção</p> | <p>.. quis ir para o abrigo para sair das ruas... só usando drogas, ia acabar com a minha vida, nunca ia subir,</p> |

| | | | | |
|--|---|---|---|--|
| Dinâmicas de produção de si mediadas por ações entre pessoas pessoas e lugares | Ações | <p>... quando penso em mim as vezes eu fico com a consciência pesada, mas depois fico tranquila.</p> <p>O melhor que já vivi está acontecendo agora</p> <p>... Eu sempre luto para não voltar para tras</p> | <p>- Fugia de lá (abrigo) e voltava pra casa do meu pai... ver minha familia... Fugia de novo (abrigo)... sempre vinha pra casa do meu pai... acostumei ficar com ele.</p> <p>- fiquei bastante tempo... fui crescendo, ai fugia... trazia mais gente... juntava as muchilinhas, jogava pro outro lado... pulava o muro... (me pegavam)... esperava mais um pouco e fugia de novo</p> <p>- comecei ir pra casa dela... ajudava... arrumava... foi indo, eu ia todo dia...</p> <p>...acabei saindo de lá (Casa Esperança), briquei com tia Esperança, escolhi a rua, fui usar drogas, imagreci, fui indo...</p> <p>Sair da casa de tia Madalena foi o mais dificil da minha vida... foi minha escolha</p> <p>- me arrependi de ter saído... (depois da conversar com a ONG)... pedi pra voltar... conversar com o tio, pra pedir perdão...</p> <p>- conversaram (conselho/abrigo) com ela (Esperança) e comigo... preferi voltar... eu aceitei e ela aceitou...</p> <p>- ... aprendi que nada valia a pena</p> | <p>só ia me destruir, ia ficar devendo os outros até me matarem.</p> <p>... quero trabalhar e ser eu mesma</p> <p>... viver e pensar no futuro agora...</p> <p>... estou encontrando uma pessoa...</p> |
| Narrativas orientadas para pensamento e atuação reflexiva | <p>... ela (mãe) me dá um abraço e eu dou um abraço nela, só isso...</p> <p>... Ela (Esperança) é muito importante</p> <p>... venho conversar com os tios (ONG)</p> <p>quando penso em mim as vezes eu fico com a consciência pesada, mas depois fico tranquila.</p> <p>O melhor que já vivi está acontecendo agora</p> <p>Eu sempre luto para não voltar para tras</p> | <p>... tudo que ele (pai) fazia. (pai)</p> <p>... mas não sei!?</p> <p>... pode isso!?</p> <p>... Conversaram (abrigo)... perguntaram... recebi carinho... voltei para poder ir para casa de tia Esperança</p> <p>... cocaína que faz efeito, mas não faz esquecer o sofrimento.</p> <p>... Sair da casa de tia Madalena foi o mais dificil da minha vida... foi minha escolha... me arrependi de ter saído... pedi pra voltar... eu aceitei</p> <p>... aprendi que nada valia a pena</p> <p>...quis ir para o abrigo para sair das ruas... só usando drogas, ia acabar com a minha vida, nunca ia subir, só ia me destruir, ia ficar devendo os outros até me matarem.</p> | <p>... Eu quero ter uma vida boa... familia que gostasse de mim, ver o futuro de minha irmã que foi se prostituir</p> <p>... quero felicidade... quero gostar de mim... e ter uma pessoa legal</p> <p>... eu gosto de meninas... não quero perder tia Esperança</p> <p>... Não posso fazer isso aqui (Bairro) , mas quero viver isso... estou encontrando uma pessoa escondido e está muito legal, sem medo.</p> <p>...eu queria...</p> | |

Verifica-se na dinâmica narrativa de Bela um presente que revisita o passado em possibilidade de fazer um balanço do que foi feito e refletir sobre as etapas futuras, de modo a imprimir especificidades aos acontecimentos. Indicativo de reflexividade em desenvolvimento de emancipação como produção ético-estética. Tal processo teve como causa-motivacional condições de socialização, em qualidade e diversidades de recursos cognitivo-afetivos, pelo acúmulo de experiências com outros significativos, oportunizando conhecimento para lidar com novos contextos sociais. As relações estabelecidas, em situações extremas de violação de direitos, com agentes que cumpriram a função de protetores e cuidadores oportunizaram integridade do *self* em expansão dinâmica de diversidade e complexidade.

Os interlocutores do passado e seus contextos são revisitados entre marcações de esquecimentos, silêncios e dúvidas no confronto, em espaços dialógicos, com o acúmulo de experiências que oportunizaram desenvolvimento de habilidades para lidar com as adversidades. Há que consideraras especificidades do desenvolvimento do jovem em contextos de pobreza, em sua grande maioria, biografias marcadas por violências e violação de direitos. Mas, não se tratando de realidades estanques e sujeitos acabados, pois que se constituindo em um fluxo contraditório de significados culturais, a ruptura instalada na própria constituição sîgnica, produzida coletiva e historicamente, é potência de inovações e responsividade.

O presente de Bela marcado pelas pessoas legais do bairro, pelos encontros com a mãe no espaço da rua entre a raiva e o desejo de vê-la melhor que faz síntese no abraço, pelo movimento nas ruas intencionadas à casa de Esperança que mesmo não sendo parente, alterna posições entre cuidar e ser cuidada, integra perspectivas gerando habilidades para enfrentamento-coping das adversidades e vivenciar encontros genuínos.

Bela só falou um pouco mais sobre os abusos físicos e sexuais sofridos pelo pai e a vida na prostituição no último encontro, obteve-se dados destas experiências em entrevistas realizadas com diretores da ONG e Esperança para contextualização. No entanto, os não-ditos, silêncios, pausas rítmicas da respiração e o olhar que foge do encontro com a pesquisadora indicam o desconforto daquilo que não tem escapatória - “ah... tudo que ele fazia”, mas para rapidamente se envolver em habilidade de resiliência crítica, em desenvolvimento, de modo que aprendeu a olhar a rua de outros e novos ângulos, a receber carinho, cuidar, arrumar a casa, respeitar o próximo abrindo possibilidades para projetar “ter uma vida boa... família que gostasse de mim, ver o futuro de minha irmã que foi se prostituir... ter felicidade... gostar de mim... e ter uma pessoa legal”.

Entre vivências de negligência-maus-tratos e os questionamentos oportunizados nos encontros com o abrigo onde “... recebia carinho, alimentação”; encontros com esperança onde aprendeu “... muitas coisas” e encontros com a ONG que a ajudou ficar fora da rua, Bela “luta para não voltar pra trás”. A rua, no entanto, não deixou de ser “o lugar” de identificações, mas por não “... esquecer o sofrimento” em que poderia estar “... até morta”, Bela negocia, na intertextualidade, o respeito como princípio dialógico. Desta forma, os encontros com a ONG, o conselho, o abrigo e Esperança concretizaram-se espaços dialógicos que oportunizaram um loop exploratório de si de um lugar de exterioridade; “quando penso em mim às vezes eu fico com a consciência pesada, mas depois fico tranquila... o melhor que já vivi está acontecendo agora... sempre luto para não voltar para trás”.

Bela atualiza conflitos e tensões “... sempre luto”, entre ambivalências e incertezas, em processos de negociações eu-outro em que, por exemplo, afirma gostar de meninasciente que sustentar seu desejo implicará novos posicionamentos frente à contradição de Esperança que muito acolhedora mostra-se também rígida em seus padrões do que é certo e errado. Bela narra suas “fugidinhas... para encontrar um novo amor” e, concomitante enfrenta suas

inseguranças porque “não posso fazer isso aqui (Bairro), mas quero viver isso... estou encontrando uma pessoa escondido e está muito legal, sem medo”. Medo aprisiona, monologiza o discurso. Bela busca parcerias para conversar, desejar e ter felicidade e, assim ‘não voltar pra trás’, de modo que o futuro antecipado oportuniza processos de mudanças de pensamento e ações orientadas “... a ser eu mesma”.

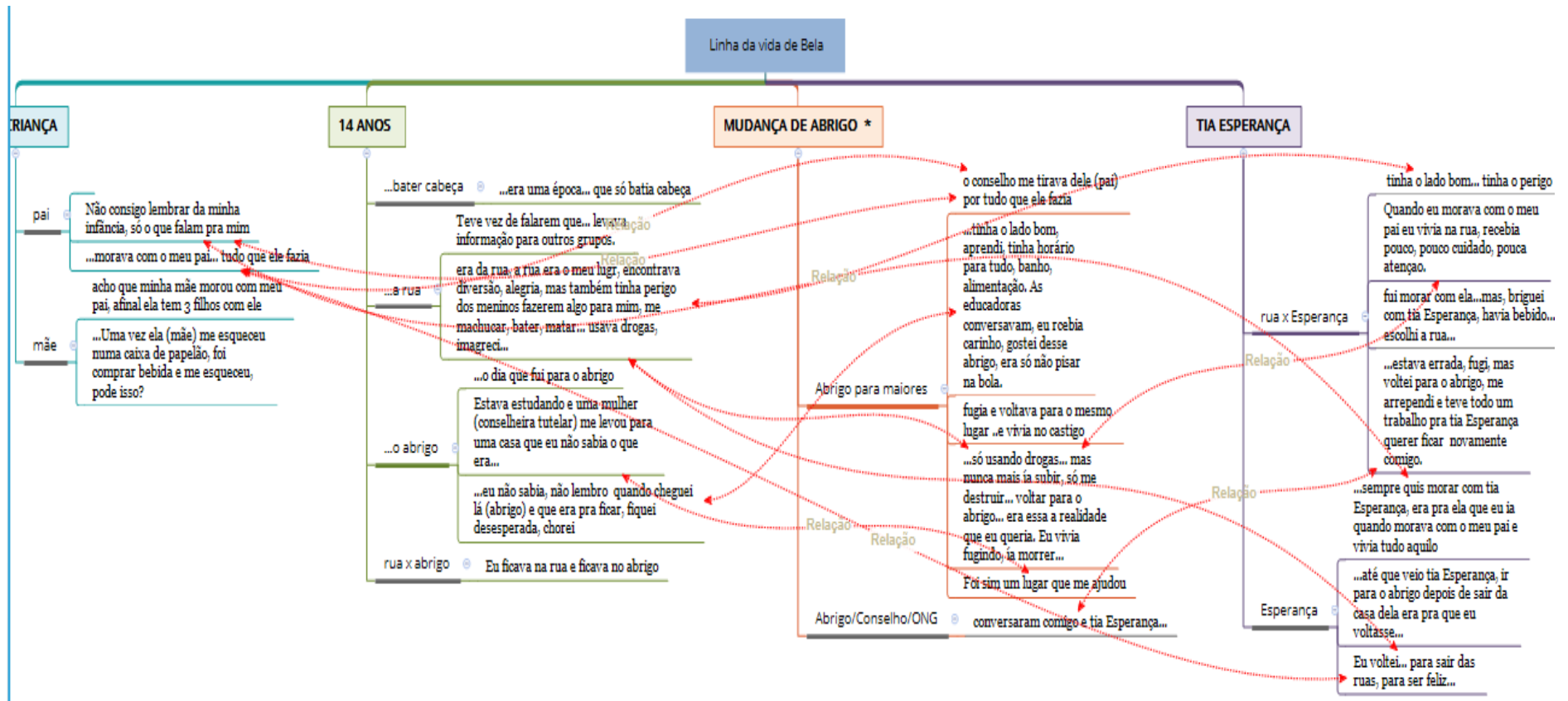
d) narrativa da linha da vida em processos de mudança

A narração, para além de uma contação linear, cronológica, é organizada e significada em ambivalências, gerando processos de reflexividade em desenvolvimento de resiliência e crítica orientada a inovações. O relato evidencia negociações, no espaço do segundo abrigo, como posicionamento-eu adolescente em diálogo com o futuro em ter casa↔amor, distanciada do passado de vivências de abusos↔negligências. O acolhimento e o respeito a sua voz, a integridade físico-emocional nos espaços do abrigo, Esperança e ONG permitiram deslocamentos entre cronotopos, gerando novas narrativas, entre imaginação e criatividade, em tomada de decisão de sair das ruas e receber atenção e carinho de uma família.

Bela produz diferentes respostas às demandas psicossociais, seja nos enfrentamos aos abusos cometidos pelo pai, pela negligência da avó, tios e mãe, materializados nos esquecimentos que precisa manter, mas que não deixando de existir vive “uma época... que só batia cabeça”. Bela em muitos momentos mantém-se perigosamente em contato com os riscos que a prostituição e as drogas implicam. Bela vai costurando sua vida no espaço rua, um espaço ambivalente em que reconhece que ‘ali é o meu lugar’ porque, diferente do que hegemonicamente se espera de uma casa, foi o lugar onde encontrou também proteção, mas em coexistência com o medo de “... cortarem meu pescoço”. Se posicionar como reclusa↔abrigada↔protegida, no cronotopo conselho/abrigo; cuidar e ser cuidada, aprender a arrumar, cozinhar, respeitar e ajudar o próximo no cronotopo casa Esperança e ainda ser assistida↔conversar↔ajudar no cronotopo ONG, em deslocamentos, gerou e orientou

dialogicidade do *self*. O *self* como totalidade dinâmica e aberta, indicada pelas setas bidirecionais na linha da vida, oportunizou atuações resiliente e críticas orientada a sair das ruas, se afastar do perigo e desejar ter felicidade.

Figura 3: Narrativa da linha da vida em processos de mudança: Bela



As pessoas, o enredo e o ritmo dos eventos orientam comportamentos psicológicos e emocionais específicos. A narrativa estrutura a experiência perceptiva, organiza e selecionam os eventos intencionalmente produzindo sentido a si, o outro e as experiências. No deslocamento entre o beco e a rua o discurso do conselho/abrigo orienta jogos de posicionamento entre cuidar e ser cuidado. O muro da instituição abrigo é representativo como fronteira entre o conhecido e o desconhecido e quando “juntava as mochilinhas, jogava pro outro lado de fora, pulava o muro” revela a ruptura em transição, entre idas e vindas, permanências e mudanças, entre se proteger e se colocar em risco, atualizados, em zonas de contato, a cada nova experiência em processo de interpretações de si orientados a expectativa de ser “eu mesma”. Esperança “aparece” oportunizada pelos discursos com outros interlocutores, o segundo abrigo atua como quebra na comunicação e síntese do acúmulo de experiências, em multiplanos, instaurando e potencializando dinâmicas reflexivas em desenvolvimento de resiliência e crítica. O abrigo figura, assim como experiência fronteira oportunizando rota alternativa gerada e sintetizada, em dinâmicas ambivalentes entre dúvidas, silêncios, vivências de negligência, maus-tratos e encontros dialógicos com outros significativos, expressando a distância entre o posicionamento-eu passado e presente orientado ao futuro.

A rua embora perigosa porque encontrou “companheiros pra levar pra furada” também foi o lugar onde encontrou “amigos” e os “tios da ONG” que a ajudaram voltar pra esperança; “voltar para o abrigo... era essa a realidade que eu queria” e conversar para “voltar pra tia... e ser feliz” porque “o melhor que já vivi está acontecendo agora”. Os pontos de viragem, gerados em ambivalências e incertezas, oportunizaram organização e auto-regulação, negociada em jogos de posicionamentos-eu↔outro entre a possibilidade da morte quando “ameaçaram cortar meu pescoço” e as conversas ressignificaram as relações entre ‘acostumar’ e ‘fugir’ bem como qualificaram ‘aceitar’ Esperança porque “foi sim um lugar que me

ajudou”. As dinâmicas da relação de endereçamento e responsividade entre contextos sociais oportunizaram novas formas de ser.

A experiência de relacionamentos seguros e incentivos a reflexividade, em atos de fala, apoiada por interlocutores em espaços de acolhimento e garantia de direitos direcionados ao trabalho com jovens em situação de vulnerabilidade e risco pessoal e social, possibilitou desenvolvimento de raciocínio autobiográfico na produção de continuidade, em processos de mudança. Diante a ameaça de morte concreta “... ameaçaram cortar meu pescoço” e simbólica “... (eu) era indiferente” configurou como causa-motivacional, em encontros com alteridades, para o “momento que você diz não quero mais isso” em referência as experiências vividas. A totalidade inclusivo-dialógica destas experiências, atualizadas em encontros com outros significativos em seus contextos específicos, oportunizaram integridade-dinâmica do *self*. Por meio de um *loop* exploratório em avaliações de si entre sincronia e diacronia, integração e diferenciação, Bela estabelece pontes imaginárias em produção de narrativas que indicam criatividade em produção de si em meio as vivências de violação de direitos. Movimentar-se entre historicidades e campos geográficos e semânticos possibilitaram aquisição e expansão de conhecimento.

e) tornar-se música como produção ético-estético-política

As dinâmicas polifônicas, em atos de comunicação, concretizadas na música cantarolada expõe o trabalho de síntese semiótica que orienta tomada de perspectiva. A música atualiza no encontro pesquisadora-participante um salto imaginativo, ato criativo, em que Bela revela sua singularidade. A música, portanto, organiza a síntese psíquica em processos de identificações, no movimento entre experiências significativas intra e intercronotópica, que gera e é gerada em reflexividades orientada a transformações.

Tabela 4: Tornar-se música: Bela

| ‘Malandro também ama’ | |
|-----------------------|--|
| Música | <p>Ele é favela, mas foi por essa donzela que ele se apaixonou Eu fui deixando pra lá pra ver se ia passar, mas não adiantou E que nunca pensei sofrer por amor E que nunca pensei sofrer assim por amor</p> <p>Me entreguei pra você, você não se entregou Pelo meu jeito você vem me julgas, mas vou falar Será que o amor pra mim é proibido Eu não mereço esse castigo meu Deus me ajuda</p> <p>Ou será que o problema mesmo é comigo Dependente de você eu vou ter que te falar</p> <p>Que malandro também ama (também ama, também ama, também ama) Meu coração por ti chama (por ti chama, por ti chama, por ti chama) Que malandro também ama Que malandro também ama</p> <p>Será que o amor pra mim é proibido Eu não mereço esse castigo Deus me ajuda Ou será que o problema mesmo é comigo Dependente de você eu vou ter que te falar</p> <p>Fiz tudo por você, você não deu valor Minha mente tá um labirinto e não se acostumou O que me resta agora é seguir adiante Foi só aprendizado evoluir alto e avante</p> <p>Não queria perder, mas foi assim Você nem ao menos se quer, olhou pra mim Por você fiz mais, eu me doei bem mais Mas fui até o fim, sem pensar em mim</p> <p>O que há de errado comigo, o que que há? Malandro também ama, deveria respeitar Essa sua atitude até tentei assimilar Já parti vários corações que é até difícil acreditar</p> <p>De vez enquanto me encontro só, olhando o teto do quarto Ficar lembrando é pior, aqueles nossos laços Amor de maloqueiro ninguém acredita, é fato Mas se um se declarar para você, repense os fatos ...</p> |

A apropriação de músicas em contextos locais é um elemento importante do trabalho de identidade, elaboração e projeções futuras. Bela revela-se em tensão...

... Essa música fala tudo, penso no que passei, mas tem momento bom. É difícil pensar, sair da mente, mas quero viver e pensar no futuro agora. Queria ter uma vida boa, uma família que gostasse de mim, ver o futuro de minha irmã que foi se prostituir... Teve um momento que você diz não quero mais isso. Tinha a possibilidade da morte... Voltar para o abrigo era essa a realidade que eu queria. Eu vivia fugindo, ia morrer... estava tão envolvida que poderia não mais sair... ameaçaram cortar meu pescoço... me afastei de tudo... Agora acho que o amor não está proibido, está livre e tem

gente se aproximando. Essa música que já lembrou muito de minha vida agora é só música... não é minha vida. Eu pensava que o problema era comigo... aprendi e não quero repetir tudo... Mas tendo consciência boa na rua não encontro o que foi ruim, porque não procuro mais, hoje procuro a rua para ir atrás do que quero, escola e encontrar meu namorado. Tô encontrando escondido de tia Esperança, tenho medo dela não gostar... eu gosto de meninas... não quero perder tia Esperança.

Discussão: Bela

Bela é constituída em um fluxo contraditório de significados culturais que mudam de acordo com o contexto social. Mover-se entre perspectivas cultivou a alternância discursiva oportunizando reflexividade orientada a novas formas de socialização, atuações e posicionamentos (Gillespie, 2006, 2007, Harré, 2012). Os discursos carregam crenças e expectativas que orientaram ações e atuações entre ‘acostumar’ e ‘fugir’, mediados pelo espaço da rua, em jogos de posicionamentos que oportunizaram tomadas de decisão pela vida. Diferentes dinâmicas de ambivalências, geradoras de rupturas e quebras de significação, geraram reflexividade (Abbey & Valsiner, 2005; Gillespie, 2006 & 2007; Zittoun, 2008, 2012, & 2016), mediadas por fatores de risco e protetores, em desenvolvimento de resiliência e crítica. Bela se expressa inventiva de si (Glăveanu, 2015a), de modo que ter uma casa boa, família e ter alguém que goste torna-se prioridade. Experiências com alteridades como os amigos da rua, o abrigo, a tia Esperança e os tios da ONG foi fundante em relações de endereçamento-responsividade (Voloshinov, 2006) e atos de reconhecimento-pertencimento (Day & Goddard, 2010; Kessi & Howarth, 2015) que enlaçaram intencionalidades compartilhadas, em meio às adversidades, projetando um futuro digno e de novos começos.

Entre “acostumar” e “fugir”, em processos de transição em produção de si, Bela acumula experiências, que acrescidas de outras perspectivas, orientaram transformações e tomadas de decisão em atos responsivos (De Saint-Laurent & Glăveanu, 2016; Glăveanu, 2016). Bela experimenta assim, sentimentos opostos e entre ‘acostumar’ e ‘fugir’ inaugura um

terceiro lugar gerado no e pelo diálogo, onde o confronto é possibilidade de emergência de novidade, “conversaram... perguntaram pra mim o que eu queria” e não sendo indiferente as suas experiências com a morte concreta e subjetiva experimenta ‘fugir’ da mesmidade de quem “acostuma” para transgredir, como ato de fala genuíno, posicionamentos passados orientados a imaginar “... queria um futuro melhor”, sempre em tensão, porque se trata de exercício diário de escolhas “quero... ser eu mesma”.

Mover-se nas estruturas institucionais (Gillespie, 2006; Grossen & Orvig, 2010), por exemplo, criança de rua, jovem abrigada e acolhida diferencia a experiência de Bela entre posições sociais de abandono↔acolhimento e/ou cuidar↔ser cuidada, possibilitando integrar expectativas, em negociação intersubjetiva, em um todo integrado e significativo (Gillespie, 2006). O processo reflexivo assume novas e importantes dimensões ao experimentar diálogos que não envolvem exclusão de certos aspectos do eu, quando, por exemplo, compreende atitudes destrutivas direcionadas para a ‘simesmo’. Ter contato com pessoas e instituições que serviram de base segura de afeto e conhecimento facilitou se reinventar.

A alternância de posicionamentos entre ‘acostumar’ e ‘fugir’ revela a ruptura, gerada na intertextualidade (França, 2019) de ser jovem moradora de periferia, bem como as tensões entre cuidado↔negligência-maus tratos, de forte carga afetiva e ideológica, social e historicamente produzidas, atravessados pelas questões de gênero e raça que contornam a juventude pobre, muitas vezes, localizadas como a responsável pelos seus infortúnios e incapaz de se adequar a ordem vigente. Em contrapartida a diversidade que vai compondo os recursos semióticos entre pessoas e lugares revela-se no relato atualizado pesquisador-Bela, em atualizações que vão organizando e regulando a produção de trajetória de vida que encontra um ponto de mutação em “... teve um momento que você diz não quero mais isso”↔”quero ser eu-mesma”.

Diante do risco e ameaça concreto-simbólica da morte, ameaçaram “cortar meu pescoço”, em zonas de contato com a rede de proteção socioassistencial em experiências dialógicas, Bela negociou produção de conhecimento “... Esperança gosta de mim de verdade”, encontrando assim, recursos semióticos para operar um curto-circuito reflexivo, em forma de ‘campo semântico-*self*’ hierárquico e dinâmico, capaz de reunir diversas vozes e entonações. Esperança, negociada no signo intersubjetivo, “conversaram com ela e comigo... perguntaram o que eu queria... eu aceitei e ela aceitou (adoção)”, é possibilidade de ver/olhar da perspectiva do outro, orientada a imaginar e desejar um futuro que “queria... trabalhar, ter família, ter um amor”.

Deste feito, as idas e vindas de Bela entre ‘acostumar’ e ‘fugir’, significados que condensam experiências multiplanares, revelam o processo, em transição, de ações e afetos ambivalentes, pontos de mutação (Bruner, 1999) que oportunizaram mudanças de modos de socialização e posicionamentos, “tendo consciência boa na rua não encontro o que foi ruim, porque não procuro mais, hoje procuro a rua para ir atrás do que quero”. A rua transforma-se em qualidade como lugar de escolhas e, portanto, resultado de elaboração semiótica de sentido pessoal fundado na interseção da história coletiva (Rosa, 2015; Valsiner, 2012), em que a ruptura orienta à ‘Esperança’ encontra possibilidade de “ser eu mesma” na fala o “melhor que já vivi está acontecendo agora... o amor não está proibido”. Em jogos de posicionamentos com outros significativos a palavra alheia funcionou como recurso semiótico de transformação. Bela atualiza-se orientada a querer “família, ...felicidade, ...uma pessoa legal, ...trabalhar, ...ver o futuro da irmã” em produção de autoria de pensamento e emancipação que implica aprender e transformar-se a partir de outro (Oliveira & Satriano, 2014).

O fluxo dialógico com os outros, entre ambivalências e incertezas (Abbey e Valsiner, 2005), contextualizaram pontos de viragem (McLean & Pratt, 2006) em desenvolvimento de

raciocínio autobiográfico (Habermas, 2010; Habermas & Köber, 2015; Pasupathi, 2015) em promoção de mudanças de percepção e interpretações de si em coerência temporal, intencional e temática como habilidade para orientar e regular o eu da experiência em produção ético-estética. Hoje se descobrindo gostar de meninas atualiza novos embates e ambivalências ante o medo e incerteza de “perder o amor de esperança”, mas vai ao encontro do amor para projeta-se no desejo de ser o “eu mesma”.

Estudo de caso 2: Isa

O resultado indica menor grau de reflexividade, em trajetória entre silêncio↔agressão, indicada por atuações resilientes enfraquecidas, expressas no sentimento de menos valia, nas falas de descredito e inferioridade “sou feia e vesga mesmo... não sou ninguém”, e ainda restrição de criticidade que possibilitasse desprender-se de verdade, imposta pelo outro, a qual responde em atuações agressivas dirigida a terceiros e a si em auto-mutilação. Isa vai se constituindo entre canalizações e restrições de atos de comunicação, intra e intercronotópica em menor diversidade e heterogeneidade de pessoas, lugares, afetos e encontros.

As experiências cotidianas são produzidas em chão semiótico com reduzida oferta de serviços de saneamento básico, saúde, cultura, educação e restrita disponibilidade de recursos simbólicos, cognitivos e afetivos. Ao narrar e explicar vivências com poucas experiências de segurança emocional e incentivo à reflexividade nota-se que as condições de socialização impactaram negativamente em processos de identificações, aquisição e elaboração de novas habilidades, perspectivas e tomadas de decisão, indicadas, por exemplo, na dificuldade de falar. Isa ao se esconder e ali “... desaparecer” aos olhos dos outros, imersa em seus medos, tristeza e raiva responde em atos de agressão, xingamentos, e auto-mutilação. O choque de historicidades é organizado em recorrências e similaridades, entre as trajetórias de vida familiares, marcadas pelo uso de drogas, envolvimento com o tráfico e prisões, e atualizadas por Isa em vivências escolares com brigas, advertências, expulsões e vivências no bairro de

agressões e disputas. A narrativa de Isa é assinalada por vivências de brigas, humilhações, maus tratos, carência afetivo-cognitiva, pauperização e pouca oferta de oportunidades. Essas experiências, acrescidas daquelas vivenciadas na rua, formam uma totalidade que tangencia a voz uníssona, regulados por posicionamentos auto-valorativos de menos valia e baixa autoestima como, por exemplo, ‘sou feia’, ‘sou vesga’ e “agente... é rapidamente trocada pelas meninas brancas”.

Há momentos, no entanto, em que Isa confronta-se com alteridades e a assimetria inscrita, no e pelo diálogo, que evidenciam dinâmicas de reflexividade indicadas na narrativa, prioritariamente, com ênfase no uso da conjunção “mas...”. O uso desta conjunção, atualizadas no encontro pesquisadora-participante, indica possibilidade de questionamento e, portanto, rompimento de barreiras epistemológicas que oportunizam novos posicionamentos-eu e modos de socialização.

Contexto Cultural e das narrativas

Isa apresenta-se, muitas vezes, reativa aos outros oscilando entre a raiva e a tristeza. Sua mãe engravidou aos 14 anos de Isa e permaneceu casada por 5 anos, período marcado por discussões e agressões justificadas pelo uso de bebida alcoólica e drogas por parte do pai. A mãe vive atualmente com companheiro e possui bom relacionamento. Em entrevista com a mãe, esta relata que Isa “veio no susto” assim como a filha mais nova do relacionamento atual. Isa passa a maior parte do tempo na rua com jovens envolvidos no uso e venda de drogas e, muitas vezes, envolvida em conflitos com outros jovens que se referem a ela com palavras depreciativas. As brigas em casa são constantes e motivadas, muitas vezes, por atritos relacionados a sua conduta, permanência e conflitos gerados na rua. A mãe justifica dizendo “resolvo isso batendo, bato mesmo, crio meus filhos como fui criada e a única forma de dar jeito em Larissa é batendo, bato pra valer e meu marido também, por que só assim ela

toma jeito e fica tranquila por um bom tempo”. A mãe acredita que seu método de criação que está dando certo.

A relação com os demais jovens da ONG oscila entre atitudes agressivas, deboche, cumplicidade e cuidado. Há situações de grande hostilidade entre Isa e os colegas da ONG envolvendo provocações e humilhações, exigindo intervenção por parte dos funcionários. As falas endereçadas a ela falam de seu cabelo e seu ‘olho torto’ e Isa, embora insista que não importar, responde agredindo ou se isolando entristecida. Os profissionais da ONG designam tarefas para Isa como organização do lanche, conferência de presença e auxílio às crianças menores como estratégia assistencial, a fim de trabalhar responsabilização e reconhecimento. Estes são de fato momentos em que Isa assume outra conduta executando com boa vontade e implicação. Entre os momentos de agitação e afrontas também encontro Isa ajudando a ONG com as crianças menores, lembrando-as das regras afetuosamente. Isa apresenta muitos silêncios nas entrevistas, por vezes diz ser difícil falar em outras vezes se nega. Por vezes, inquieta e, em outros momentos, desafiadora ou triste, Isa vai tecendo sua narrativa impregnada de afetos e auto avaliações de menos valia em que (re)afirma “tenho olho vesgo... sou feia mesmo”.

a) cronotopo das ações com outros significativos

A produção de significados e sentidos, em negociação intersubjetiva, organizaram cronotopos da atividade com foco nas vivências da casa em que intenciona querer desaparecer com seus medos, raiva e choro diante a incerteza, que não encontrando suporte afetivo-semiótico, para responder o que poderia acontecer à mãe ao ser levada por policiais resta-lhe o silêncio; vivências do bairro/rua, onde trava confrontos em que “... minha vida é um dia triste, outro feliz”; vivências da escola como lugar de brigas, escutar o que não gosta e professores não fazem nada; e ainda vivências na ONG entre depreciações, brigas↔amizades, mas também como lugar que acredita e lhe endereça responsabilidades. A polifonia

biográfica, geradora e gerada nas interações cronotópicas, em zonas de contato, em restrição de recursos socioeconômicos e semióticos orientaram menor grau de reflexividade orientando atuações agressivas a si quando se corta para apaziguar a dor psíquica; em envolvimento constantes em brigas e nas atividades que vem iniciando como avião, junto ao movimento de tráfico do bairro. Escolhas estas, que vem afastando Isa das atividades da ONG, mesmo com todo o esforço da equipe em convidá-la ao diálogo e reflexão sobre suas tomadas de decisão. Movimentando-se em dinâmicas ambivalentes, entre restrições e possibilidades, da casa↔rua↔escola↔ONG, com pouca diversidade dialógica dos encontros com as alteridades mãe, pai, amigos da rua, professores e amigos da escola, confronta-se com o discurso da ONG, onde as experiências de trocas de perspectivas responsabilidade↔cuidado com as crianças menores geraram atitudes resilientes. Entretanto, neste cenário ganha o primeiro plano o sentimento de baixa autoestima em declarativas como “eu sei que sou feia, vesga... mas tudo bem eu sou vesga mesmo” e ainda em atos de auto-mutilação “... eu me corto... me corto pela raiva, melhora!”. Isa sinaliza a dor vivenciada com restrita criticidade à situação considerando, muitas vezes, ser verdade o que dizem sobre ela, restando “... aí não tem jeito de conversar é só na agressão mesmo” e reitera “eu falei eu me corto, né, mas não sei o que fazer”.

Tabela 5: Temas e significações em dinâmicas de interpretações de si orientadas a reflexividade: Isa

| Temas e Significados | | | | |
|--|--|--|--|--|
| Temas | Vivências na casa | Vivências no Bairro/rua | Vivências na Escola | Vivências na ONG |
| S I G N I F I C A D O S | <p>...moro com meus pais e minha irmã de 1 ano e três meses.</p> <p>difícil falar... não quero falar...silêncio</p> <p>vou falar onde moro... vou te contar o dia mais triste da minha vida, posso?... Policiais entraram na minha casa, quando vimos já estavam entrando Minha mãe correu pra esconder a arma, mas eles acharam os pinos para embalar drogas. Foi um dia de pavor, gritaria, xingamento, ameaçaram bater na minha mãe e levaram ela pra ser presa.</p> <p>Minha avó e minha tia já tinham ficado presas.... agora junto com minha mãe foi o meu tio.</p> <p>Ver minha mãe quase apanhar e ir pra polícia foi muito ruim... ficar sem ela... sem saber o que ia acontecer...</p> <p>... me escondi no sofá, ele era meu esconderijo. Tiro as almofadas, deito e coloco elas em cima de mim, fico ali escondida. Ali desapareci, ninguém me via. Estava muito triste, tia.</p> <p>Fico com medo que alguém morra... até hoje tenho raiva do policial. Não desejo a morte de ninguém, mas a dele... e minha mãe nem é tão carinhosa... meu pai é mais carinhoso que mãe, mas ela me ama...</p> <p>Meu esconderijo... me escondo quando fico triste ... [silêncio] ... choro, sofro, fico com raiva ... [silêncio] ... eu me corto... me corto pela raiva, melhora ... não quero mais falar... Eu falei que me corto, né, mas não sei o que fazer,...</p> <p>...falta um pouco de carinho dos meus pais</p> | <p>[cantarola] ... "eu e os meninos, eu a Baixada, eu fico de fora, fico de lado". A senhora quer saber da rua... [cantarola] "quem luta ama, quem ama vence, quem vence protege, minha vida é um dia triste, outro feliz, será que é pra mim?"</p> <p>Se me perguntam eu não falo que moro na Baixada... Quando conheço alguém na rede nunca digo que moro na baixada.</p> <p>A gente não é ninguém. Até aqui dentro os meninos trocam agente por brancas. Eles são pretos e não gostam de brancas. Eu fico triste, mas não ligo não.</p> <p>Os meninos tia, os meninos daqui querem ficar com a gente, mas troca rapidinho.</p> <p>Morar na ... acaba em agressão.</p> <p>ficar com os meninos é legal, mas eu ainda não fiquei com ninguém.</p> | <p>É triste tia ... tá ruim ir pra escola, eu vou acabar brigando, as pessoas na escola estão falando coisas pra mim que não gosto, fico com raiva e aí não tem jeito de conversar é só na agressão</p> <p>... eu falo pras tias e elas não fazem nada e ainda brigam... dizem que faço confusão e que vão chamar minha mãe</p> <p>Me chamam de rata porque moro na ..., falam que aqui é um buraco e que rato vive no buraco.</p> <p>Depois que roubaram um caminhão de gás e trouxe pra cá pra distribuir é como se eu tivesse feito isso.</p> <p>Lá me ofendem e vou pra cima. Eu sei que sou feia, vesga e todo mundo me encarna, mas tudo bem eu sou vesga mesmo (ri compulsivamente)</p> | <p>os meninos aqui falam de meu cabelo e do meu olho torto... meu olho é torto... mas o que eles estão falando é verdade, né(!?) tia.</p> <p>eu vou pra cima deles mesmo, se tiver que ir eu vou. Não tia é mentira também não quero confusão não [se retira da sala provocando outros jovens, brigam e Is aolha pra mim] ...tá vendo tia o que eles fazem...</p> <p>...eu venho [ONG]... eu quero vir pra cá... os tios acreditam em mim, aqui eu ajudo. Quero pensar na minha vida trabalhando....</p> |
| | | | | |

O quadro foi organizado por cronotopos para apresentar a narrativa em deslocamento multiplanos, entre permanências e descontinuidades, que geraram negociações e atualizações, no encontro pesquisador-participantes. Entre silêncios e agressões, Isa sintetiza “... minha vida é um dia triste outro feliz”. Fala esta, localizada em contexto social com restrita disponibilidade de recursos socioculturais para mediar vivências de ruptura e descontinuidade autobiográficas. Entre identificações “ser rata... feia... olho torto-vesga” em circunstâncias que “... eles estão falando é verdade” carregados de ecos e tons de palavras-alheias dos “professores não fazem nada e ainda brigam” encontra possibilidade de interrogação concretizada na conjunção ‘mas’. A conjunção ‘mas’ figura como expressão orientada para trás e projetada a um futuro possível em organização e regulação eu-outro-mundo, revelando rupturas concretizadas, em atos de responsabilidade na ONG e cuidado com as crianças. As dinâmicas de interpretações de si, do outro e mundo orientaram interações com os outros, enquanto suporte na produção de repertório de respostas entre fixação ↔ questionamentos, gerados na luta pela sobrevivência e integridade possível do self, em circunstâncias adversas e paradoxais.

A construção identitária é um produto da interação com o outro, organizada semioticamente, em contexto específico da casa, rua, escola e ONG. Os atos de fala são lugares ideológicos que organizaram a identidade, em jogos de posicionamento-eu ‘não sou ninguém’ porque Isa diz ser deixada de lado e trocada pelos meninos da rua; em posicionamento-eu ‘feia’ na relação com os meninos da escola e da ONG e posicionamento-eu ‘rata’ porque mora em um buraco e como todos no bairro é considerada ladra. Isa omite a informação de onde mora nas relações com pessoas fora do bairro e nas páginas de convivência da internet. Ser nomeada ninguém, feia, rata canaliza, na relação com o(s) outro(s), representações historicamente forjadas, em jogos de poder, da sociedade de classes, em especial, quando é deslocada para designar pessoas que não cumprem o projeto da

sociedade de consumo sob os critérios de capacidade e normalidade preconizados. Discursos homogeneizantes compõe o chão semiótico com as poucas experiências de segurança ideológico-emocional e pouco incentivo à reflexividade, que geram complexos de significados orientados a posicionamentos auto-valorativos de inferioridade e menos-valia. Isa cola na dita “verdade” que dizem sobre ser feia por ter olho vesgo e cabelo ‘ruim’. A dificuldade de falar deste lugar expressa-se no silêncio, preenchido de vozes, que se manifestam nas condutas agressivas direcionadas a si quando provoca cortes no seu braço e a outros quando se envolve em brigas na rua, na escola ou na ONG.

Em encontro com a pesquisadora, Isa narra seu sofrimento sem as conhecidas entonações, “então... vou falar onde moro... vou te contar o dia mais triste da minha vida, posso?”. Isa Interroga se de fato será acolhida em sua singularidade ao expor seu medo, raiva, choro que acompanham vivências de isolamento, materializados em arranjos identitários, relacionais e sociais monológicos.

A relação com outro(s) específico(s) assume caráter monológico como na atitude da mãe frente à desobediência-reação de Isa resolvendo “... isso batendo... bato mesmo, crio meus filhos como fui criada e a única forma de dar jeito em Isa é batendo. O dito da mãe “bato pra valer e meu marido também” e a atitude do policial “... quando vimos já estavam entrando” integram ao *self* vozes de pessoas sociais relevantes e alteridades significativas, institucional e historicamente fortes, como autoritárias. Isa no jogo entre esconder-aparecer do esconderijo- sofá concretiza, em atos, não querer falar e, então, cantarola, nos encontros pesquisador-participante, para assim conseguir emitir sua voz. A lembrança incorporada de supostos e não-ditos concretiza-se no “...dia mais triste da ... vida” de Isa, “um dia de pavor...” e ameaças ante a possibilidade de agressões à mãe que é conduzida por policiais sem saber “...o que ia acontecer”. Aprisionada no “... sem saber”.

Bela posicionada frente ao inesperado e incertezas, sem abertura dialógica, “... quando vimos já estavam entrando”, a morte torna-se uma possibilidade geradora de intenso sofrimento, considerando ainda que são jovens que tem na quase totalidade, famílias com histórias de drogas, agressões, morte, assassinato e prisão. A fragilização dos vínculos e a falta de suporte cognitivo-afetivo vivenciada em incertezas e dúvidas, “minha mãe nem é tão carinhosa...” orienta sua escolha pelo esconderijo, onde “ali... desapareci... ninguém me via”, sinalizando ausência de recursos semióticos para lidar com antecipações no aqui-agora das relações. Isa cantarola para falar da rua “... fico de fora, fico de lado”, porque “...quem luta ama, quem ama vence, quem vence protege” comporta também o silêncio e o dito de quem precisa obedecer o código do mundo do tráfico. Na ausência de “um pouco mais de carinho dos meus pais e amigos” e as tias do colégio que “...não fazem nada e ainda brigam”, a dor sem suporte semiótico, ato de nomeação, que pode gerar dinâmicas de reflexividade, concretiza-se no esconderijo que “... ali desapareci”, no “...medo que alguém morra” e no corte do próprio corpo porque só assim “a raiva... melhora”.

Ao experimentar um pai mais afetuoso, conversas com profissionais, atuar responsabilidades com as tarefas e crianças menores da ONG e os momentos de cumplicidade com os amigos, Isa é posicionada e se posiciona frente ao diferente e a assimetria inscrita no discurso que pode indicar e gerar reflexividade, com ênfase na conjunção ‘mas’. Conjunção que indica presença de diferentes perspectivas dentro de uma única expressão. O ‘mas’, portanto, indica interrupção no fluxo do pensamento orientada para trás regulando o futuro em um novo espaço de pensamento. Em narrativas “minha mãe não é tão carinhosa... mas ela me ama” e “me corto... mas não sei o que fazer” revela aberturas no discurso que podem gerar dinâmicas de reflexividade orientadas a transformações que desenvolvidas com atenção, cuidado e interesse, com outros significativos, parecem necessários para adquirir habilidades complexas (Perret-Clermont, 2004). Isa vai se constituindo e auto-regulando, em transição,

entre atos agressivos “... não tem jeito de conversar” e “... eu quero vir pra cá... os tios acreditam em mim, aqui eu ajudo”. Assim, entre “... um dia feliz outro triste” vai expondo brechas de questionamento, “... será que é pra mim?”, de modo que espaços que fomentam o pensamento criativo conjunto podem oportunizar desenvolvimento de habilidades para lidar com adversidades. Em atividades na ONG, expressa “quero pensar na minha vida trabalhando”, evidenciando que este não é um desfecho, mas talvez uma possibilidade para Isa.

b) Dinâmicas ambivalentes em produção de si

O mapa semiótico revela a dinâmica do fluxo do pensamento em camadas discursivas, em multiplanos.

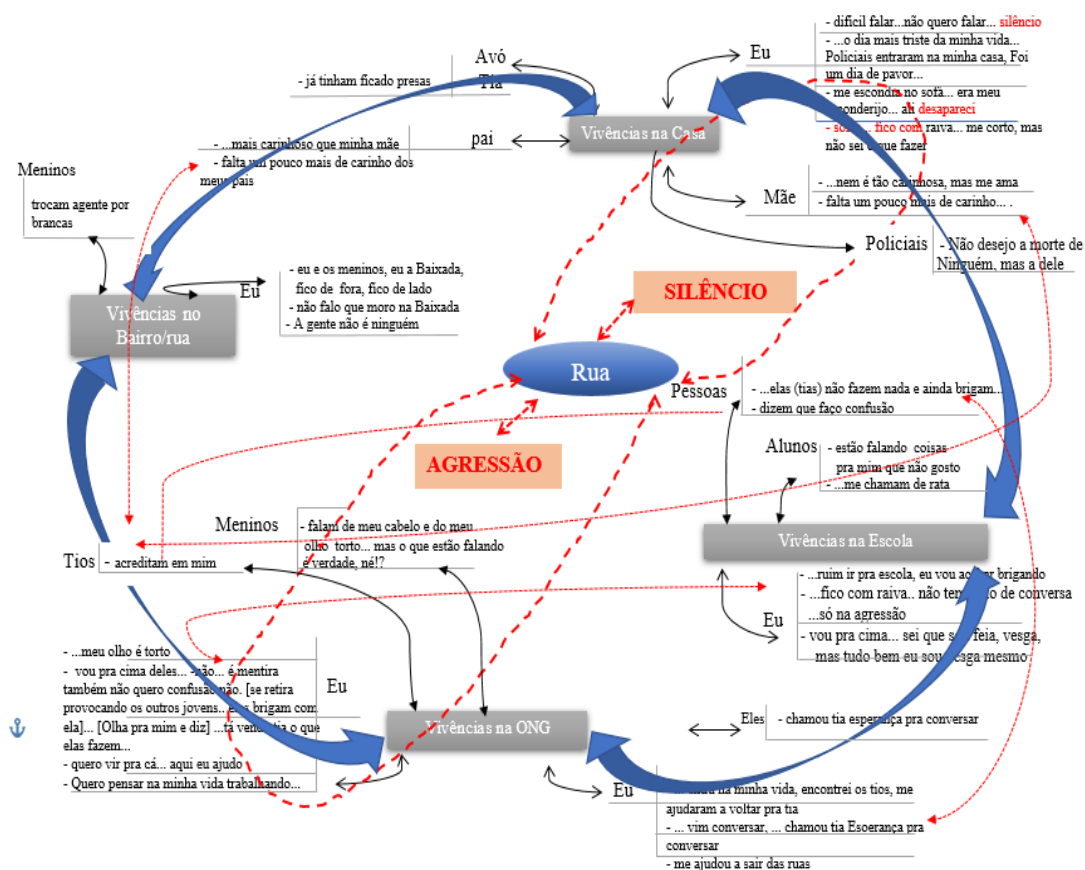


Figura 4: mapa semiótico de Isa

Em jogos de posicionamentos entre silenciar↔agredir gerados por maior ou menor disponibilidade de recursos semióticos e afetivos nos cronotopos da casa, da rua e da escola, prioritariamente, Isa se constitui no tensionamento de monólogos, complexos de significados orientados a posições de menos-valia, ea ONG, onde estabelece diálogos que lhe endereçam responsabilidade, oportunizando atos responsivos. Mas Isa tem decidido por ocupar o seu tempo nas atividades da rua próximo aos meninos envolvido com o tráfico. Deslocando-se entre contextos sociais que compõe uma mesmidade, gerando menor grau de reflexividade, desenvolve um repertório restrito de respostas às adversidades e ao novo.

c) dinâmicas temporais de produção de si

O enredo apresenta o contexto e possibilita conhecer os narradores, personagens e relações definindo as marcas do começo e final da história, os critérios de seleção dos eventos intencionados em desenvolvimento de estabilidade e integridade do *self*. A carência de qualidade de interações comunicativas ameaça significativamente o *self* orientando condutas, muitas vezes, de hetero e auto-agressão. Vivências de interrupções nas relações de cuidado, instabilidade socioeconômica, estigma social, silenciamentos e ambiguidades caracterizaram ruptura autobiográfica exigindo esforços de enfrentamento em reciprocidade aos recursos socioculturais disponíveis. A negociação de significados, entre pessoas e lugares, orienta diferentes sínteses do pensamento socialmente compartilhado e a localização de Isa no espaço-tempo, entre restrições e liberdades, orienta posicionamentos-eu menos reflexivos. O transito quase uniforme entre pessoas e lugares restringem potencialidades enquanto sujeito em desenvolvimento.

Tabela 6: Dinâmicas temporais de produção de si orientadas à pensamentos e atuações: Isa

| Estudo caso Isa | | Dinâmicas temporais | | |
|--|----------------------------------|--|--|---|
| | | Presente | Passado | Futuro |
| Dinâmicas de reflexividade em produção de si | Pessoas (relação si mesmo-outro) | <p>EU: quando eu fico triste ... [silêncio] ... eu choro, sofro, fico com raiva, muita raiva ... [silêncio]... me falta um pouco mais de carinho dos meus pais e amigos... fico com medo que alguém morra... Se me perguntam... não falo que moro na Baixada... quando conheço alguém na rede nunca digo que moro na baixada... a gente não é ninguém... ficar com os meninos é legal, mas eu ainda não fiquei com ninguém... Eu sei que sou feia, vesga e todo mundo me encarna... eu sou vesga mesmo</p> <p>MÃE: agora junto com minha mãe foi o meu tio (presos)... nem é tão carinhosa... mas ela me ama</p> <p>POLICIAL: ... até hoje tenho raiva do policial, não desejo a morte de ninguém.. mas a dele</p> <p>MENINOS: ...trocam agente por brancas... Eles são pretos e não gostam de brancas. Eu fico triste, mas não ligo não... ficar com os meninos é legal, mas eu ainda não fiquei com ninguém... falam de meu cabelo e do meu olho torto... eles estão falando é verdade</p> <p>PESSOAS DA ESCOLA: ...estão falando coisas pra mim que não gosto, fico com raiva... Me chamam de rata... falam que aqui é um buraco e que rato vive no buraco.</p> | <p>POLICIAIS: ...entraram na minha casa, quando vimos eles já estavam entrando... eles acharam os pinos para embalar as drogas... ameaçaram bater na minha mãe e levaram ela pra ser presa</p> <p>MÃE: ...correu para esconder a arma</p> <p>AVO E TIAS: minha avó e minha tia já tinham ficado presas</p> <p>...ninguém me via, estava muito triste</p> | EU: ...mudaria muita coisa na minha vida, mas não sei dizer |
| | Lugares (contextos) | <p>CASA: moro com meus pais e minha irmã de 1 ano e três meses... sofá ...meu esconderijo</p> <p>BAIRRO/RUA: ...não falo que moro aqui... aqui dentro os meninos trocam agente... morar aqui acaba em agressão... aqui é um buraco e que rato vive no buraco</p> <p>ESCOLA: ... tá ruim ir pra escola, eu vou acabar brigando... Lá me ofendem e vou pra cima</p> <p>ONG: ...falam de meu cabelo e do meu olho torto</p> | | |
| | Ações | <p>silêncio...</p> <p>...difícil falar</p> | | ...mudaria muita coisa, mas não sei dizer |

| | | | |
|--|--|--|--|
| | <p>eu me cortome corto pela raiva, melhora... isso diminui minha raiva não quero mais falar...</p> <p>Eu falei que me corto, né, mas não sei o que fazer vou falar onde moro... Vou te contar o dia mais triste da minha vida, posso?... Foi um dia de pavor...</p> <p>tiro as almofadas, deito e coloco elas em cima de mim, fico ali escondida... ali desapareci, ... eu fico de fora, fico de lado </p> <p>...quem luta ama, quem ama vence, quem vence protege, minha vida é um dia triste, outro feliz</p> <p>... estão falando coisas... que não gosto... não tem jeito de conversar é só na agressão</p> <p>... vou pra cima deles mesmo... não tia é mentira também não quero confusão não [Isa sai da sala provocando outros]... tá vendo tia o que elas fazem...</p> | | <p>quem luta ama, quem ama vence, quem vence protege,</p> |
| <p>Narrativas orientadas para atuação reflexiva – tomada de perspectivas orientadas a novidades e intenções</p> | <p>me corto, <i>mas</i> não sei o que fazer</p> <p>vou falar onde moro... Vou te contar o dia mais triste da minha vida, posso?</p> <p>...ficar com os meninos é legal, <i>mas</i> eu ainda não fiquei com ninguém</p> <p>falam de meu cabelo e do meu olho torto, mas o que eles estão falando é verdade, né(!?)</p> | <p>...mas eu ainda não fiquei com ninguém</p> | <p>...mudaria muita coisa, mas não sei dizer</p> <p>...quem luta ama, quem ama vence, quem vence protege, minha vida é um dia triste, outro feliz, <i>será</i> que é pra mim!?</p> |

As tensões indicam fronteiras entre complexos de significados e por meio de marcadores temporais verificarmos similaridades e redundâncias orientadas a atuação depreciativa de si ora respondendo com agressividade ora escondendo-se até querer ‘desaparecer’ em sua tristeza e pavor frente o incerto. Vivências carregadas de emoção, crenças e valores são gerados em interações mediadas por significados de “rata... e feia com olho torto”, nascida de um “susto” e ser negra “trocada pelas brancas” que a encerra em um monólogo depreciativo e agressivo. Com pouca disponibilidade de recursos materiais e cognitivo-afetivo, ao longo de sua trajetória de vida, lidar com essas marcações a aprisiona na palavra encerrada no presente, impossível de iluminar e reflexionar sobre o passado para orientar um futuro de possibilidades e transformações. A palavra monológica suporta o sujeito no aqui-e-agora de um tempo linear e espaço uniforme. Isa condensa seus enunciados no presente e pouco revisita o passado para imaginar o futuro. Vivencia assim, na dimensão do corpo o corte-fronteira que não encontra na palavra que inscreve o diálogo, repetem-se histórias que assim como “minha avó e minha tia já tinham ficado presas... agora junto com minha mãe foi o meu tio”.

Diante da ameaça de baterem na mãe e do receio do “que ia acontecer” ao ser levada pelos policiais, a ausência de suportes semióticos e na “falta de um pouco mais de carinho” restringem suas respostas para elaboração do conflito e sofrimento. Presa ao discurso monológico de que “a gente não é ninguém”, “os meninos trocam a gente por brancas”, “não falo que moro na...”, “me chamam de rata”, “eu sei que sou feia, vesga” resta-lhe o esconderijo, onde “ali, desapareci”. Entre o silêncio do “... que eles estão falando é verdade” e questionamentos orientado ao desejo de que “...mudaria muitas coisas na minha vida, mas eu não sei dizer”, pensar em trabalhar abre brechas no discurso em que as ações mediam a relação entre pessoas e lugares dotando-os de significação e sentido orientados a produção de realidade e identidades.

d) Narrativas da linha da vida em processos de mudança

Isa recusou-se a participar da entrevista da linha da vida. No dia acordado chegou à instituição bastante agitada, provocando vários jovens até se envolver em uma discussão. Após ser advertida pelos diretores, optou ela mesma por ir embora. Quando retornou à ONG foi difícil nova aproximação, obteve-se sua adesão somente à entrevista mediada pela música.

e) tornar-se música como produção ético-estético-política

Através da música afirmam-se singularidades com ênfase em diferenças contextuais entre o mundo das drogas, da vida na prisão, e do trabalho que aparecem na narrativa de Isa entre o que é vivido e o que é incerteza gerando sentimentos de raiva, medo e tristeza. Evidenciam-se as diferenças que a cor da pele e as características em ser negra recebem conotações depreciativas que impactam em identificações. Na casa de Isa não passam fome, mas não experimentam outras necessidades que não a do corpo, como recursos culturais e de lazer que alimentam a alma. Este recurso semiótico de mediação oferece um acesso indireto aos raciocínios e emoções orientados pelo desejo de um futuro melhor, distanciados da violência da rua e dos policiais, em querer trabalhar. Elementos que integram uma melodia que trata de orgulho e amor após uma vida de decepções.

Tabela 7: Tornar-se música: Isa

| Mulher guerreira | |
|------------------|---|
| Música | <p>Mulher guerreira batalhadora Te vi sofrendo Pra vida louca Noite sem dormir de joelho a chorar Orando a Deus pra ele me guardar E eu na rua tava ... Tava na boca Nem dava atenção pro que falava A minha coroa: meu filho sai dessa Essa vida não é boa Num certo dia eu me vi privado E minha velha tava do meu lado Passou vergonha e humilhação Vendo seu filho dentro da prisão Mas graças a Deus, ele cantou Se liga coroa teu filho mudou Vou te dar orgulho, te fazer feliz Ser menino bom como tu sempre quis O seu maior orgulho é me ver sossegado É acordar de manhã e sair pro trabalho Ter abandonado aquela vida louca E não tá mais te dando trabalho a toa Oh minha rainha deixa eu te contar Te amo é pouco pra mim te falar você é coisa linda, letra da canção a frase do poema te amo muitão ... escuta meu refrão Oh mãe eu parei de errar e foi por te amar Você vai se emocionar quando tu me ouvir cantar Através do meu dom de ver eu te dizer minha rainha joseane, mãe eu amo vc oh mãe eu amo vc ...</p> |

Eu acho essa música real, eu mudaria muita coisa na minha vida, mas não sei dizer. Me falta um pouco mais de carinho dos meus pais e amigos. Eu venho pra ONG, eu quero vir pra cá. Quero pensar na minha vida trabalhando...

Discussão: Isa

Foi uma tarefa desafiadora manter Isa interessada na continuidade da pesquisa o que pode indicar suas dificuldades em acreditar nos vínculos e encontros que direcionam atenção e investimento em suas histórias. A vida sociocultural pode funcionar como um curso de

obstáculos a conscientização e reflexividade (Marsico, Ruggieri, & Salvatore, 2015) sobre a própria vida e a situação (Kessi & Howarth, 2016; Dege, 2015). No caso de Isa a produção de si com reduzida estrutura e disponibilidade de chão semiótico expandido, em heterogeneidade e dialogicidade, oportunizou poucas experiências de segurança emocional (Jovchelovitch, 2015) e incentivo a reflexividade gerando menor grau de reflexividade orientadas a resiliência e criticidade bem como a identificações geradas por sentimentos de autoestima e confiança nas relações com amigos, pais e professores. Barreiras semânticas que incluíram oposições rígidas ao diálogo como na conduta da mãe que bate como forma de ensinar, nas noções pejorativas tais como ‘ser feia’, ‘vesga’ e ‘cabelo ruim’, nas proibições e castigos para não sair à rua, nas separações entre meninas negras e meninas brancas e os estigmas próprios de quem mora em bairro de periferia silenciam e mitigam intencionalidades. Tais vivências orientam posicionamento-eu “não é ninguém” que os meninos trocam porque gostam das meninas brancas, na ambivalência de que “namorar é legal, mas ainda na fiquei com ninguém”, geraram sentimentos de menos-valia e sujeição a atos de fala autoritárias (Voloshinov, 2006) com os meninos da rua, do colégio e ONG. Experiências estas, que insistem em aprisioná-la em discursos depreciativo e na ausência de fala dos professores e os pais como adultos que poderiam oportunizar rotas discursivas alternativas. A vivência recorrente de não reconhecimento de sua fala como lugar de crenças, valores e pensamentos com poder de negociação, em produção de si e da realidade, restringe trocas de perspectivas e, portanto, processos de mudanças.

Restrições presentes nos contextos socioculturais geram e orientam (Glăveanu, 2018) assim, maior ou menor habilidade na produção de si, em compartilhamento do espaço-tempo comum, que oportunize condições de negociação mais equânimes, de modo a proteger e orientar o senso de si ao bem viver como expresso em sua narrativa, mesmo que fragilmente, que mudaria muita coisa na sua vida e que pensa em trabalhar. Oportunizar espaços de

reflexividade pode gerar, em contextos de transição, a emergência de singularizações. Mobilizar recursos em rodas de conversa, atividades de dança e reforço escolar na ONG parecem insuficientes para fazer frente a toda a vivência de precarização concreto-simbólica a que Isa está exposta. Maior investimento em Isa e necessariamente em toda a comunidade parece ser condição para experiências de pertencimento e reconhecimento, onde ser quem é e morar onde mora não seja recebidasamente como mensagem negativa, mas (re)descrito com outras e diferentes possibilidades de interpretações, tantas quantas a palavra comporta. No caso de Isa, a ausência ou redução de espaços e recursos limitou um loop exploratório entre diferentes partes da vida passada, presente e futura e, por conseguinte, produção de raciocínio autobiográfico para lidar com adversidades. Restrições de deslocamento em interhistoricidades e de produção narrativa compartilhada e significativa limitaram possibilidades inventivas de Isa. Agir e refletir sobre as experiências impactam em tomadas de decisão e desenvolvimento de senso ativo de co-responsabilidade em relação a si, o outro e mundo. A não oferta de ambientes suficientemente seguros, onde Isa pudesse arriscar-se ao confronto com diferentes pontos de vista limitou descobertas de novos elementos da realidade e reduziu expansão do *self* em imaginação e criatividade.

Isa está em meio a um embate e, por vezes, paralisada-identificada com as valorações negativas e pelos seus medos e pavor (re)age com agressão ao(s) outro(s) como a polícia, os pais pouco afetuosos e amigos que dizem coisas que ela não gosta. Os profissionais da ONG apresentam-se como uma das poucas possibilidades de endereçamento. Isa já não estava participando das atividades com a mesma frequência.

Estudo de caso 3: Nina

As dinâmicas de produção de si indicam reflexividade, entre fala e segredo, orientada à produção de estabilidade e sentido de si, porque “os moleques fortalecem” e “sou daqui e se

precisar eu encarar”, em contexto marcado por violências e iniquidades. Nina se desloca utilizando recursos disponíveis nos encontros da rua, onde pode experimentar reconhecimento por sua bravura e disposição para encarar desafetos, dizer o que pensa em encontros com outros significativos como os adultos do bairro, os pais e tios da ONG. Nina tece reconhecimento e pertencimento, em produção de si, em meio as adversidades como vivências de perdas e falta de diálogo em casa. As imposições autoritárias do pai que nervoso “pode matar” ou sua disciplina religiosa impõe proibições que restringem novidades.

A narrativa “... os moleques legais fortalecem a gente”, o primo “... me protegia” e “... não fico com vergonha... sou daqui... falo que sou e encarar se precisar” indica e insere Nina na paisagem da rua como lugar de identificações. O enunciado é endereçado e a posiciona em lugar de estima e pertencimento ao lugar que mora, visível em seus gestos, vestimentas e forma de se reportar ao outro. Mesmo que não implique em posicionamento culturalmente valorizado, Nina encontra possibilidades de não sucumbir emocionalmente às circunstâncias.

A produção de si entre ‘falar’ e ‘segredos’ orienta assim, identificações com “os moleques” da rua, “... vivemos coisas parecidas, a gente se ajuda”, como possibilidade de mediar vivência de ruptura autobiográfica na luta pela sobrevivência e integridade dinâmica do *self*. Nina, em contextualizações, localiza sua subjetividade “... sou daqui”, compartilhando um chão comum, consciente de que na rua “... tem muita coisa ruim” e do “... perigo que uma vida dessas tem”. A trajetória de vida, em dinâmicas de ambivalências, entre posicionamentos-eu “era uma menina feliz, tranquila... falava muito” e os segredos familiares que envolvem a morte de pessoas significativas, mantidos ora pelos códigos do mundo das drogas ora pelo rigor religioso, regulam as experiências intersubjetivas em deslocamento pelos diferentes cronotopos em coexistência, confronto e/ou oposição.

A vivência de ruptura, em processo de transição, gera e é gerada entre identificações com os moleques da rua que a fortalecem e projeções em vivências de casas alheias orientada a “queria outra vida, tudo que não tenho hoje...”, mediada por encontros no programa Jovem Aprendiz/CRAS e na ONG que promovem graus de reflexividade em conhecimento sobre os perigos que corre ao se aproximar e/ou pertencer ao mundo do tráfico. Dinâmicas discursivas multiplanares, em produção de si como “eu sou daqui”, “a gente se ajuda...é tranquilo”, em coexistência com o “perigo que uma vida dessa tem”, “...não vou abandonar tudo, não”, em deslocamento pelas ruas Nina “experimenta...”, mesmo que ainda errante, entre diferentes conteúdos-formas das atividades do curso de Educação Ambiental, das oficinas, do cinema com debate e pipoca, das conversas com os tios da ONG sobre “...uma outra vida, tudo que não tenho hoje”.

Contexto cultural e das narrativas

São muitas pessoas morando em uma pequena casa, onze ao todo, que se dividem em dois cômodos, a cozinha e o banheiro. Um cômodo é reservado para os pais e crianças menores e um segundo cômodo dividido por todos. Não há “gavetas separadas para guardar o que é de cada um”. Nina compara sua casa com outras como de amigas, madrinha, antiga patroa da mãe, e a casa prometida pelo primo já falecido, morto pelo tráfico. Reitera que gostava de falar muito “nesta idade eu era feliz” e quando contava com 12 anos de idade seu pai iniciou uso de bebidas e drogas assumindo posicionamentos agressivos. Com o falecimento da irmã ainda bebê, causa mantida em segredo, o pai abandona uso de drogas e começa a frequentar igreja evangélica e administrar a casa com rigor e disciplina sob os preceitos religiosos.

A permanência de Nina por longos períodos na rua entra em choque com as imposições do pai para permanecer na casa. Iniciou atividade de ‘avião’ (entregar droga). Atualmente, não frequenta a ONG com a mesma assiduidade e tem demonstrado pouco

interesse em participar das atividades, passando a maior parte do tempo provocando os demais jovens. Os profissionais da ONG avaliam como um momento tenso no acompanhamento a Nina, considerando-a como um “caso difícil” e tem receio de seu afastamento por completo dado sua aproximação com o tráfico do bairro. Ela e sua família são um caso emblemático, vários membros já passaram pela ONG, muitos se envolveram na criminalidade. O desafio está pela vulnerabilidade e risco que sua família vivencia, ligados a crimes e drogas. Aceitou participar da pesquisa e respeitou os dias e horários acordados para as entrevistas, mas solicitava que não demorasse e, muitas vezes, assumia posicionamento desafiador.

a) cronotopo das ações com outros significativos

A produção de significados e sentidos, em negociação intersubjetiva, organizou cronotopos de atividade das vivências na casa, vivências no bairro/rua, vivências casas alheias, vivências Jovem Aprendiz/CRAS e vivências na ONG a partir de relatos espontâneos da participante entre posicionamentos-eu “era uma menina feliz, tranquila... falava muito” e “passei a ser triste”. Vivências estas, mediada por vivências que silenciam vozes e orientam o trânsito entre a rua e casas alheias imaginadas.

Tabela 8: Temas e significações em dinâmicas de interpretações de si orientadas a reflexividade: Nina

| Temas e Significados | | | | | |
|---|--|---|--|---|--|
| Temas | Vivências na casa | Vivências no Bairro/rua | Vivências casas alheias | Jovem Aprendiz/CRAS | Vivências na ONG |
| S I G N I F I C A D O S -quando | <p>...eu era uma menina feliz, tranquila, eu falava muito...</p> <p>...eu fiz 12 anos e meu pai começou a usar drogas, ficou ruim... batia na minha mãe.</p> <p>...ele era engraçado... fazia agente rir, levava lanche pra gente, mas quando ficava nervoso ... [silêncio] .. nervoso não é coisa boa, se deixar ele mata.</p> <p>...ele quase matou meu irmão porque queria sair pra usar drogas.</p> <p>...não sei com quantos anos, minha irmãzinha morreu, era um bebê. Meu pai parou de usar drogas e foi pra igreja. Nunca ninguém disse, nunca me contaram, não lembro... minha mãe não gosta que fale disse, não podemos falar disso lá em casa... mas, acho que ela morreu engasgada com a mamadeira, ela estava sozinha. Acho que minha mãe se sente culpada</p> <p>...eu sou igual ao meu pai, dizem que sou pão duro, mas eu ajudo em casa.</p> <p>são só dois quartos, um para os meus pais e o outro para todos nós... nos dividimos em uma cama de casal e duas beliches. É tudo muito cheio lá em casa.</p> <p>...minha mãe e meu pai brigam quando eu vou para rua, querem que eu vá para a igreja, as vezes vou. Mas tô ficando na rua mesmo.</p> | <p>com 5 anos já morava na baixada, era mais calmo aqui. Não tinha briga... confusão...</p> <p>um amigo... está sem frequentar a ONG e a noticia é que tá envolvido com venda e uso de drogas. Eu e o ... vivemos coisas parecidas, a gente se ajuda.</p> <p>Os moleques dá até maconha pra gente... a gente experimentou, não é sempre não...</p> <p>...na rua tem muita merda sim, muita coisa ruim... hoje a rua não é mais para brincar, é para usar drogas e fumar... quando eu uso eu tô na rua... mas não é sempre...</p> <p>...os moleques legais fortalecem a gente... são da boca... e doidão fica mais legal ainda, gosta da gente, paga coisas pra gente.. é tranquilo</p> <p>As vezes os moleques me pedem pra eu conseguir pra eles, eu vejo, né...</p> <p>... hoje teve tumulto na rua... estavam com pau (atrás de um rapaz)...não eram daqui, dava medo... ele (o rapaz) está com medo de sair na rua... a avó vai atrás pra tentar pagar... acho que eles não tem dinheiro... mas tá tranquilo, é só pagar que não acontece...</p> <p>...gosto de morar aqui, não fico com vergonha... sou daqui... falo que sou e encaro se precisar</p> | <p>...eu ainda era feliz, eu gostava de dormir na casa de minhas amigas</p> <p>...a madrinha do meu irmão dá de tudo pra ele e a minha madrinha não dá nada pra mim e ela tem dinheiro e uma casa enorme</p> <p>Ele (primo) estava construindo uma casa e se tivesse vivo era pra eu, minha irmã e sobrinha ficarmos junto com ele. Minha vida estaria muito boa, era felicidade... deu tudo errado.</p> <p>mataram ele... esse é mais um segredo da minha familia... Ele era envolvido, parou, ele estava suave... ele me protegia... ele não deixava eu me envolver com nada errado... gostava mais de mim, eu perdi uma pessoa que me amava... fiquei com muito ódio quando ele morreu, não queria voltar pra casa, fiquei pelas ruas, fui para no conselho.</p> <p>... Eu queria uma outra vida, tudo que não tenho hoje, uma casa mais bonita, maior, porque a minha casa é muito pequena para muita gente... é muito cheio lá em casa.</p> | <p>faço Educação Ambiental e recebo uma bolsa... dou dinheiro em casa.</p> <p>Participo dos grupos do CRAS, os tios conversam... tem cinema, leitura, pipoca...</p> | <p>- vinha pra ONG e ficava enchendo o saco do tio... vinha eu e minha irmã</p> <p>- eu falava muito, gostava de falar sobre tudo e sei disso porque o tio falou, minha irmã é que era muda... nesta idade eu era feliz.</p> <p>a comunidade [Ong] ajuda a gente não ficar o tempo todo na rua... eu queria uma outra vida, tudo que não tenho hoje...</p> <p>os tios conversam... eu sei do perigo que uma vida dessa tem... eu não vou abandonar tudo não, tia</p> |
| RUA | | | | | |
| | <p>Falar</p> <p>Segredo</p> | | | | |

O quadro foi organizado por cronotopos para apresentar a narrativa em deslocamentos multiplanos, entre continuidades e descontinuidades, que geraram negociações e atualizações, no encontro pesquisador-participantes. Dinâmicas ambivalentes entre a casa da família e a casa imaginada dos amigos, madrinha e primo, mediados por vivências na rua e a morte da irmã e do primo, envolta em segredos, confronta historicidades: “eu era uma menina feliz, tranquila, eu falava muito... gostava de falar sobre tudo” e aos “doze anos, meu pai começou a usar drogas, ficou ruim... batia na minha mãe... passei a ser triste”.

A figura do pai engraçado e que trazia lanche é silenciada pelo pai nervoso por que “... se deixar ele mata” acrescida do silêncio-segredo da morte da irmãzinha. Um tempo-espaço ensurdecido pelas palavras não-ditas, “...nunca ninguém disse, nunca me contaram... não podemos falar disso lá em casa” é significada, entre restrições e possibilidades, em produção de raciocínio autobiográfico “...acho que ela morreu engasgada com a mamadeira, ela estava sozinha... acho que minha mãe se sente culpada” criando assim, uma ponte presente-passado-futuro, entre imaginação e criatividade, de caráter construtivo e interpretativo da realidade. A produção de raciocínio autobiográfico cria ligações causais entre eventos biográficos no desenvolvimento do *self*, em momentos de transição, como possibilidade de produção de estabilidade em processos de mudança. Deste feito, a história trágica da família, a morte da irmãzinha ainda bebê, que circula pelo bairro diferentes representações que valoram a casa com trajetória ligada a criminalidade e drogas, impacta nos processos de identificações de Nina.

O cronotopo-casa é monológico “não podemos falar disso lá em casa”, transitando dos imperativos do crime para o religioso, de modo que a culpa orienta posicionamentos em atuações e modos de socialização em obediência à lei. Nina localiza-se assim, em abstrações pré-estabelecidas destituída de agencialidade. A perda do primo e a promessa não realizada da

casa, onde a “... vida estaria muito boa, era felicidade... deu tudo errado... perdi uma pessoa que me amava” é envolta em segredos e, portanto, sem suporte de palavras compartilhadas.

Nina em interações marcadas por segredo-silêncios expressa sentimentos de “... muito ódio” que a levaram decidir não querer voltar pra casa, “... fiquei pelas ruas”. Na rua encontra amigos, onde vive “...coisas parecidas, a gente se ajuda”, e os “... moleques legais fortalecem a gente, são da boca”. Na rua é possível um lugar que “gosto de morar aqui, não fico com vergonha... e se precisar encaro”. Na rua é solicitada “... me pedem pra eu conseguir (droga), eu vejo”. Em contraponto, Nina atualiza a casa das amigas que “... gostava de dormir”, do primo que “não deixava envolver em coisa errada” e “estava construindo uma casa... era pra eu... minha vida estaria muito boa, era felicidade”. Nina vai compondo e atualizando uma narrativa, entre diferentes dinâmicas ambivalentes, que encontram possibilidades e restrições no desejo de “... queria uma outra vida”. Entre identificações e diferenciações, mediadas por experiências compartilhadas na rua, incertezas, silêncios e segredos projeta possíveis futuros entre poderosos campos semânticos que coexistem orientando atuações e práticas em contradição e/ou oposição. Nina ora assume posição no mundo do tráfico ora assume posição “... fora da rua”.

b) Dinâmicas ambivalentes em produção de si

Diferentes modos de posicionar-se e ser posicionado frente ao discurso do outro afetam perspectivas de vida. O movimento entre os cronotopos ilumina feixes de significados que orientam ações entre ‘segredo’ e ‘fala’ em experiências “eu falava muito... gostava de falar sobre tudo” e “... não podemos falar disso lá em casa” debruça-se sobre possibilidades futuras em escolher a rua, as atividades na ONG, o Jovem Aprendiz e o CRAS. Importante considerar que, tratando-se do sujeito sociocultural, as rupturas são oportunidades para novas ideias e novas maneiras de atuações.

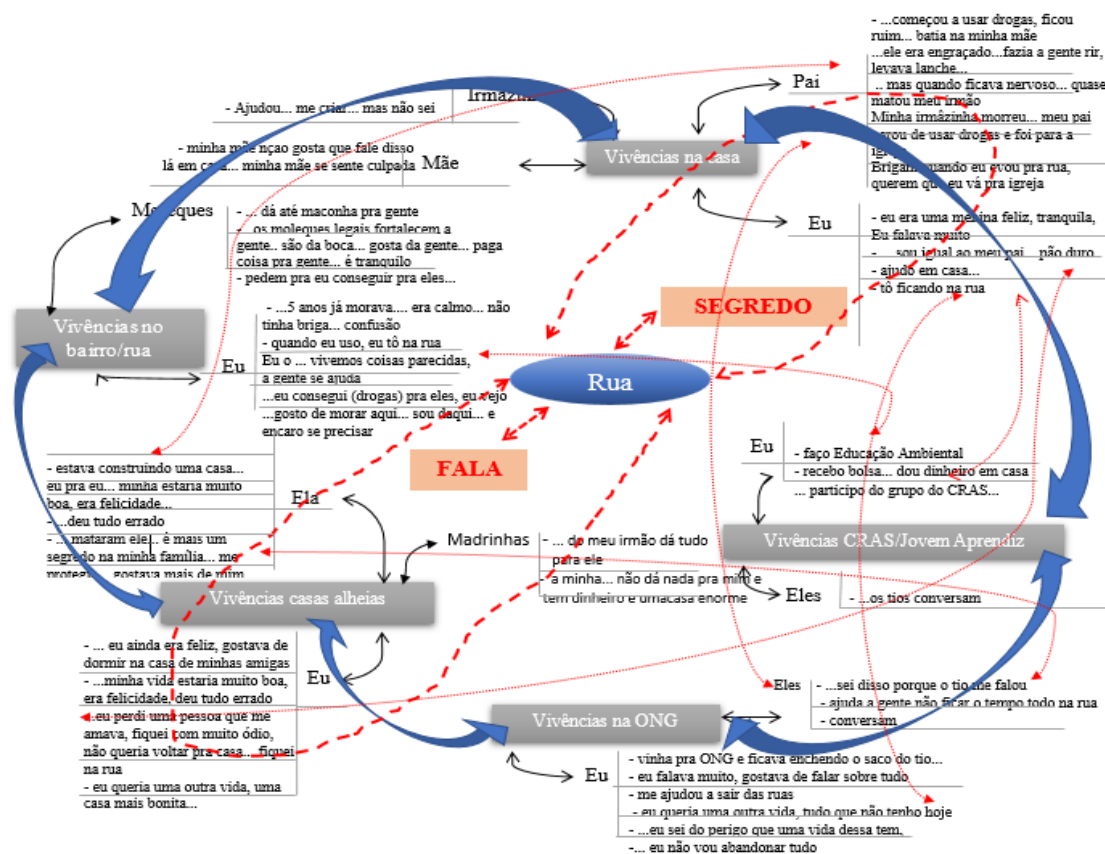


Figura 5: Mapa semiótico Nina

As drogas e agressões entropõe-se à época em que “ainda era feliz... e gostava muito de falar”, orientando modos de socialização e posicionamentos em que “não podemos falar disso lá em casa” e manter o segredo. Entre vivências como a morte da irmã, ainda bebê, e do primo, envolta em segredos, imposta seja pelo tráfico seja pela doutrina religiosa e vivências na casa pequena, cheia de gente e sem espaços individualizados, e as casas “enormes” imaginadas da madrinha, da amiga e aquela prometida pelo primo em que “deu tudo errado”, Nina encontra na rua possibilidades de reconhecimento-pertencimento. Na rua vive “coisas parecidas, a gente se ajuda” porque “os moleques legais fortalecem”, mesmo que ciente dos perigos “... que uma vida dessas tem”.

c) Dinâmicas temporais de produção de si

A narrativa se apresenta em camadas discursivas, entre presente-passado-futuro, de ser uma criança feliz e passar a ser triste, em processo de transição. As pessoas, em contradições,

como o pai que “nervoso não é coisa boa” e a mãe “que não deixa falar” assimétrico ao discurso dos moleques da rua “que fortalecem” e ainda da ONG que convida para o diálogo “para não ficar o tempo todo na rua” compõem o tensionamento por onde Nina se desloca narrativamente, orientada a produção de senso de si. Os enredos da casa marcados por silêncios; da rua marcada pelos códigos do mundo do tráfico; das casas alheias que iluminam um passado frustrado e projetam um futuro de sonhos; do CRAS como possibilidade de profissionalização que pode conduzir a outras escolhas na vida e da ONG que oferece acolhimento e espaços de trocas se apresentam em descompasso. Mas, Nina encontra referências que a localiza, em lugar de endereçamento-responsividade, concretizados em condutas de defesa do bairro e de posicionamento-eu “sou daqui... e encaro se precisar”, gerando identificações e integridade cognitivo-emocional. Eventos que não se resumem a padrões estereotipados propostos pela sociedade de classes que, muitas vezes, classifica a rua como lugar que nada é bom e a casa lugar de valores positivos para condutas ditas “corretas”. Nina transgrediformulações autoritárias ao encontrar na casa a fala vedada e o discurso monológico, por exemplo, do tráfico ou da religião e na rua possibilidades de experimentar relações e afetos de reconhecimento-pertencimento, mesmo que distanciados do modelo hegemônico da sociedade de classes.

Tabela 9: Dinâmicas temporais de produção de si orientadas à pensamentos e atuações: Nina

| Estudo caso Isa | | Dinâmicas temporais | | |
|---------------------------------------|----------------------------------|--|--|---|
| | | Presente | Passado | Futuro |
| Dinâmicas temporais em produção de si | Pessoas (relação si mesmo-outro) | <p>PAI: começou a usar drogas, ficou ruim... batia na minha mãe... era engraçado... fazia agente rir, levava lanche pra gente, mas quando ficava nervoso ... [silêncio] .. nervoso não é coisa boa, se deixar ele mata.... parou de usar drogas (com morte da irmã) e foi pra igreja... sou igual ao meu pai, dizem que sou pão duro, mas eu ajudo em casa... brigam quando eu vou para rua, querem que eu vá para a igreja, as vezes vou, mas tô ficando na rua mesmo.</p> <p>IRMÃZINHA: não sei com quantos anos, minha irmãzinha morreu, era um bebê... nunca ninguém disse, nunca me contaram, não lembro... mas, acho que ela morreu engasgada com a mamadeira, ela estava sozinha.</p> <p>MÃE: ..minha mãe não gosta que fale disso (morte irmã), não podemos falar disso lá em casa... acho que minha mãe se sente culpada... mãe e meu pai brigam quando eu vou para rua, querem que eu vá para a igreja, as vezes vou, mas tô ficando na rua mesmo.</p> <p>AMIGO: estar sem frequentar a ONG e a notícia que se tem é que está envolvido com venda e uso de drogas... vivemos coisas parecidas, a gente se ajuda.</p> <p>MOLEQUES: ...dá até maconha pra gente... a gente experimentou, não é sempre não... as vezes... me pedem pra eu conseguir pra eles, eu vejo, né...</p> <p>MADRINHAS: ...do meu irmão dá de tudo pra ele... minha madrinha não dá nada pra mim</p> | <p>EU: ...era uma menina feliz, tranquila, eu falava muito... eu ainda era feliz, eu gostava de dormir na casa de minhas amigas... eu falava muito, gostava de falar sobre tudo... perdi uma pessoa que me amava. Fiquei com muito ódio quando ele morreu, não queria voltar pra casa, fiquei pelas ruas,</p> <p>IRMÃ: ...é que era muda...</p> <p>PRIMO: ... Fizeram uma covardia com ele... era envolvido, parou... mataram ele... esse é mais um segredo da minha família... era legal... me protegia... não deixava me envolver com nada errado... gostava mais de mim... Meu primo, eu amava.</p> | <p>PRIMO: ...meu primo, eu amava. Hoje podia estar aqui comigo, seria diferente</p> <p>EU: ...queria uma outra vida, tudo que não tenho hoje...</p> |
| | Lugares (contextos) | <p>RUA: ...brigam (pais) quando eu vou para rua querem que eu vá para a igreja, as vezes vou... tô ficando na rua mesmo... tem muita merda sim, muita coisa ruim... hoje a rua não é mais para brincar, é para usar drogas e fumar...</p> | <p>BAIRRO/RUA: ...era mais calmo aqui... não tinha briga... confusão.</p> | <p>CASA PRIMO: se tivesse vivo (primo) era pra eu, minha irmã e sobrinha ficarmos junto (casa) com ele. Minha vida estaria muito boa...</p> |

| | | | |
|---|---|---|---|
| | <p>quando eu uso eu tô na rua... mas não é sempre... hoje teve tumulto na rua... estavam com pau (atrás de um rapaz)... ele (o rapaz) está com medo de sair na rua... mas tá tranquilo, é só pagar que não acontece...</p> <p>BAIRRO/RUA: ...gosto de morar aqui, não fico com vergonha... falo que sou... e encaro se precisar</p> <p>ONG: ajuda a gente não ficar o tempo todo na rua.</p> <p>CASA: é muito pequena para muita gente...</p> | <p>ONG: vinha... e ficava enchendo o saco do tio... vinha eu e minha irmã</p> | <p>CASA: [...queria... uma casa mais bonita, maior...</p> |
| Ações | <p>... eu ajudo em casa.</p> <p>... a gente experimentou, não é sempre não</p> <p>... me pedem pra eu conseguir pra eles, eu vejo, né...</p> <p>- faço Educação Ambiental</p> <p>participo dos grupos do CRAS, os tios conversam os tios conversam... eu sei do perigo que uma vida dessa tem... eu não vou abandonar tudo não</p> | <p>... eu falava muito... gostava de falar sobre tudo</p> <p>... não deixava me envolver com nada errado</p> <p>... não queria voltar pra casa, fiquei pelas ruas</p> | <p>...seria (primo) diferente</p> |
| Narrativas orientadas para atuação reflexiva resilientes e críticas | <p>sou igual ao meu pai, dizem que sou pão duro, <i>mas</i> eu ajudo em casa.</p> <p>nunca ninguém disse, nunca me contaram, não lembro... mas, acho que ela morreu engasgada com a mamadeira, ela estava sozinha.</p> <p>a comunidade [Ong] ajuda a gente não ficar o tempo todo na rua.</p> <p>os tios conversam... eu sei do perigo que uma vida dessa tem... eu não vou abandonar tudo não, tia</p> | <p>...me protegia... não deixava me envolver com nada errado</p> <p>... vinha pra ONG</p> <p>... gostava de falar sobre tudo</p> <p>... não queria voltar pra casa, fiquei pelas ruas</p> | <p>...podia estar aqui (primo) comigo, seria diferente</p> <p>... Eu queria uma outra vida, tudo que não tenho hoje...</p> <p>... se tivesse vivo (primo) era pra eu, minha irmã e sobrinha ficarmos junto (casa) com ele. Minha vida estaria muito boa</p> <p>... queria... uma casa mais bonita, maior,</p> |

A narrativa de Nina indica posicionamentos-eu criança feliz porque falava muito em confronto com posicionamento-eu criança triste, em vivências de ruptura, como a morte da irmã e do primo envoltas em segredos. Vivências que encerram Nina ao silenciamento de vozes e restringem novidades. Atuações e práticas, no presente, entre os ‘atrativos’ da rua e as conversas e atividades dos programas socioassistenciais organizam uma composição histórica em que Nina pouco se debruça sobre o passado, restringindo o desenvolvimento de coerência entre os eventos autobiográficos frustrados e as expectativas futuras. A morte da irmã limitaram suas possibilidades de ter uma família feliz e a morte do primo de ter uma casa bonita. Nina retoma varias vezes, mesmo que eventos diferentes, sobre as casas bonitas e grandes, reais e ficcionais, que visitou e as mantêm como frustração, desejo e da ordem da impossibilidade. Pouco se permite em falar como conquistá-la, mesmo que em sonho ou em atuações cotidianas que aumentassem as chances de aquisição e considerando suas possibilidades dadas suas condições de existência. Ao se deslocar, no entanto, entre a casa, a rua, casas alheias, o CRAS e a ONG expressa o desejo por uma vida melhor, mas que recalcitrante transita entre o que oferece o tráfico, as atividades da ONG e as oficinas que oportunizam identidade profissional. Mas, Nina opta pelas ruas... até quando? Mas, também não abandona as demais atividades.

A infância “... que gostava de falar sobre tudo” e as vivências de silêncio-segredo são marcadores temporais de experiências ambivalentes que orientam identificações e diferenciações; “sou igual ao meu pai, mas ajudo” e “quando eu uso (drogas) eu tô na rua, mas não é sempre”. Posicionamentos ambivalentes orientam reflexividade em produção de estabilidade, em circunstâncias e demandas psicossociais específicas com base nas experiências e significados aprendidos e produzidos em sua trajetória de vida. A rua ofereceu viver “... coisas parecidas, a gente se ajuda” e nesta posição é fortalecida-identificada pelos

“moleques legais”, de modo que a rua enquanto espaço compartilhado de compreensão e valorização oportunizou aquisição de senso de continuidade.

O Segredo-silêncio imposto em uma casa “muito pequena pra muita gente” restringe coexistência de lugares-gavetas para guardar-cuidar os objetos-biografias pessoais, singularidades como expressão de agencialidade e criatividade. As vivências de ruptura e incerteza, mediadas pela morte da irmãzinha e do primo, orienta condutas e mobiliza explicações e argumentações a partir dos recursos aprendidos e organizados em memória pessoal-coletiva da felicidade que “deu tudo errado”. Nina resiste e insiste “não vou abandonar tudo, não”, mas as faltas na ONG e nos projetos que participa são cada vez mais constantes. A memória autobiográfica é gerada nos deslocamentos pelos contextos sociais de criança feliz que passou a ser triste e do pai nervoso “se deixar ele mata” ao grupo que a fortalece.

Nina é feita de muitos silêncios, constituindo-se um desafio à produção de narrativa de vida em coerência temporal centrada em lembranças de uma “idade que era feliz”, mas que tem conhecimento porque outro(s) falara(m) frente a um pai nervoso que “se deixar ele mata”, denotando restrições e possibilidades, em tensão, de produzir narrativa reflexiva e autoral. Nina constrói narrativa em temática com ênfase no pertencimento ao grupo dos mais fortes do bairro, onde se sente fortalecida ao se posicionar “sou daquele se precisar encaro”. Nina, ao mesmo tempo, apresenta seu desejo de ter uma vida diferente, consciente de que, neste momento, não precisa se desligar de nenhum espaço que transita entre a rua↔casa↔ONG↔Jovem Aprendiz.

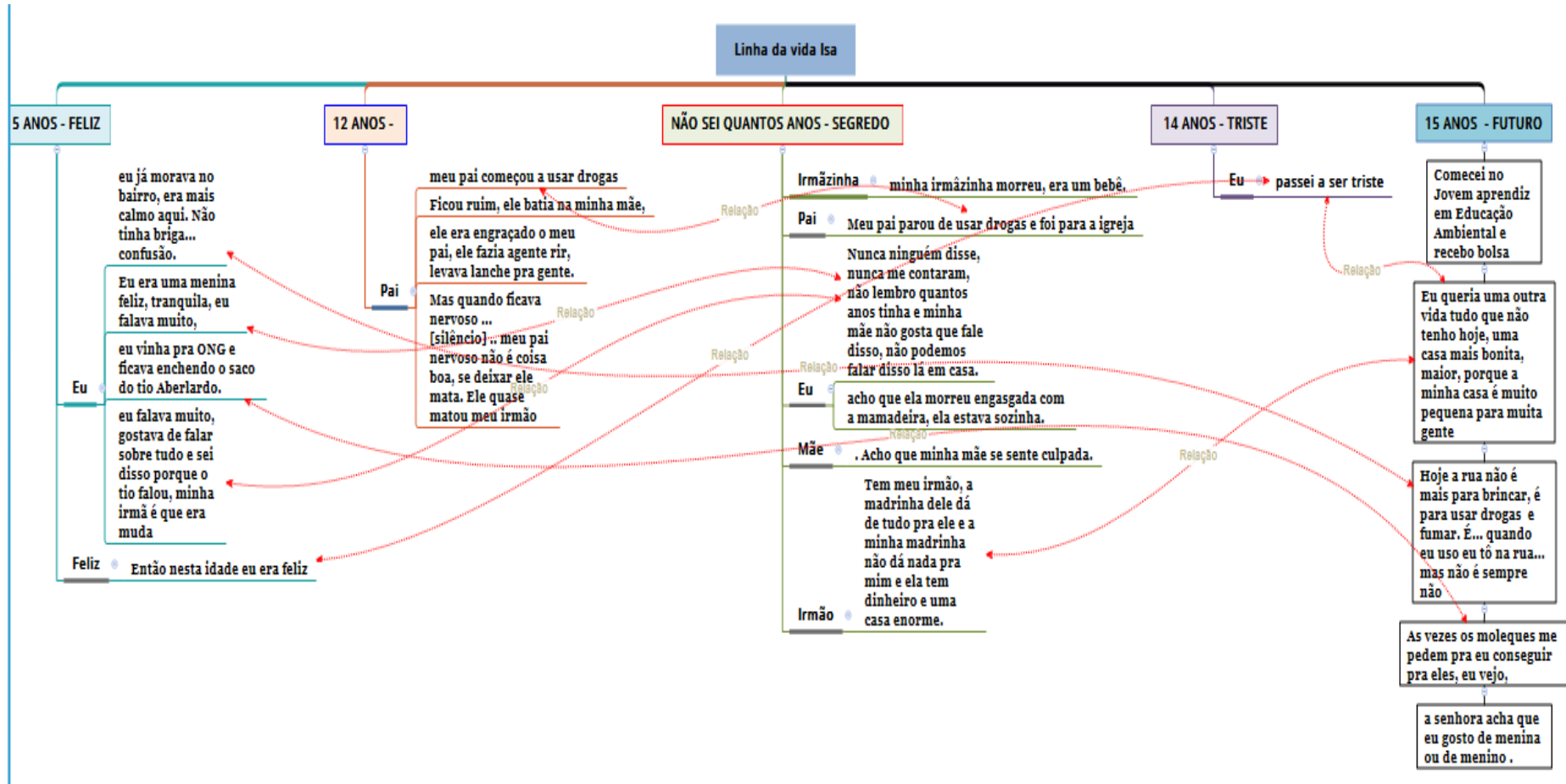
A qualidade dos movimentos entre contextos sociais presente-passado-futuro a posiciona no cronotopo rua que ‘ajuda’-‘fortalece’ e também “tem briga... confusão... muita coisa ruim” e no cronotopo do Jovem Aprendiz/CRAS/ONG que revela “não vou abandonar, não” consciente “... do perigo que uma vida dessas tem” que a projeta imaginar “...uma outra

vida, tudo que não tenho”. Entre expectativas de frequentar a igreja e os projetos sociais que por vezes corresponde, está “... ficando na rua mesmo”, onde tem “... muita coisa ruim... mas não é sempre”. Entre o silêncio↔perigo↔fortalecimento↔conversas “não... abandona tudo, não” orientada a produzir sentido de si.

d) narrativas da linha da vida em processos de mudança

A produção de raciocínio autobiográfico oportuniza senso de continuidade enfrentando rupturas e quebras de significações para reduzir a incerteza frente à morte-silêncio direcionada produção de estabilidade e senso de si.

Figura 6: Narrativa da linha da vida em processos de mudança: Nina



Vivências passadas e expectativas futuras geram ambivalências e orientam novos posicionamentos, em negociação intersubjetiva, nos deslocamentos por diferentes cronotopos. A experiência de ser uma criança “feliz, tranquila... que gostava muito de falar” morando em bairro calmo e participando da ONG ativamente” sintetiza o posicionamento-“eu era feliz”. Aos 12 anos com a mudança de conduta do pai e as mortes de pessoas significativas, a irmã e o primo, vivencia ruptura que ameaça a sensação de estabilidade e causa incerteza. Vivências em silêncio-segredos compõem o universo da casa, entre o crime, o tráfico e a religioso, aparente diferença porque o silêncio traça similaridades entre os universos das drogas, agressões, mortes, assassinato e prisão na história da família. Importante considerando também que em comunidades expostas as regras do tráfico o silêncio é uma lei.

Diante de atos de agressão e morte, “ser triste” orienta não querer voltar pra casa e ficar pelas ruas com os moleques da boca. Entre a rua que fortalece a os espaços de conversa que “ajudam a não ficar o tempo todo na rua”, Nina diz “querer outra vida” e questiona “... a senhora acha que eu gosto de menina ou de menino”. Nina em diferentes dinâmicas ambivalentes e ‘preenchida’ de silêncios vai buscando caminhos, concretos e simbólicos, de produção de si.

e) tornar-se música como produção ético-estético-política

Tabela 10: Tornar-se música: Nina

| Música | |
|--------|---|
| | <p>Espera eu chegar Se eu fecho os olhos minha mente desenha você Tapo os ouvidos mas consigo escutar sua voz Só de pensar que nunca mais eu vou te ver Dói, dói, dói</p> <p>Que mundo é esse tão cruel que a gente vive? A covardia superando a pureza O inimigo usa forças que oprimem Oprimem </p> <p>É, vai na paz irmão fica com Deus Eu sei que um dia eu vou te encontrar Valeu menor, espera eu chegar! Espera Menor, espera eu chegar!</p> <p>Que mundo é esse tão cruel que a gente vive? A covardia superando a pureza O inimigo usa forças que oprimem Oprime</p> <p>É, vai na paz irmão fica com Deus Eu sei que um dia eu vou te encontrar Valeu menor, espera eu chegar! Valeu menor, espera eu chegar!.</p> |

...essa música faz lembrar do meu primo. Fizeram uma covardia com ele. A música fala um pouco da história dele. Mistura de tristeza e ódio. Ele era envolvido, parou, ele estava suave. A família pagou a dívida... e mesmo assim mataram. Ele era fechamento... esse é mais um segredo da minha família. Não se fala disso. Ele era legal... me protegia. Ele não deixava eu me envolver com nada errado. Ele gostava mais de mim, eu perdi uma pessoa que me amava. Fiquei com muito ódio quando ele morreu, não queria voltar pra casa, fiquei pelas ruas, fui para no conselho. Meu primo, eu amava. Hoje podia estar aqui comigo, seria diferente... as vezes ele me batia, mas porque queria o meu bem... me protegia. Ele era muito carinhoso. Ele estava construindo uma casa e se tivesse vivo era pra eu, minha irmã e sobrinha ficarmos junto com ele. Minha vida estria muito boa, era felicidade, deu tudo errado.

Discussão:Nina

No caso de Nina, a análise das ações orientadas à reflexividade destacou produção de raciocínio autobiográfico orientado a estabilidade e senso de si em desenvolvimento de sentimento de estima e pertencimento. Dinâmicas de reflexividade (De Laurence & Glaveanu, 2016; Gillespie, 2007; Marsico et al., 2015) desenvolvem-se entre restrições e o potencial transformador, de modo que Nina vai se constituindo, no tensionamento, entre os perigos do mundo do tráfico, as carências cognitivo-afetivas da casa, as iniquidades do bairro e o fortalecimento dos “moleques” e do reconhecimento de sua coragem. A integridade dinâmica do *self*, entre fatores de risco e protetores, ainda encontra possibilidade por “não abandonar tudo, não” como elo promotor de realização, compartilhamento de experiências e identificações, orientado a um futuro desejado com “tudo que não tenho hoje” e “uma casa mais bonita, maior”. Nina concretiza assim, a necessidade psicológica de vivenciar laços de reconhecimento e pertencimento (Kessi & Howarth, 2015), em desenvolvimento de crenças e valores compartilhados, que forneçam base para o desenvolvimento da identidade, em processos de mudança. A singularidade de Nina nos apresenta dinâmicas de reflexividade

gerada, no choque de historicidades, entre experiências da rua que tem amigos que fortalecem e também brigas e confusões como também os espaços de conversa com outros institucionalmente relevantes, indicando que reflexividade implica diferentes níveis de distanciamento da experiência na produção e avaliação de si que ora amplia ora restringe participação e criatividade na transformação de vivências de ruptura em contextos de pobreza e desigualdade social.

Em experiências fundadas no segredo-silenciamento da morte e atos de agressão desloca-se entre a casa vivida e a casa imaginada, “minha vida estaria muito boa, era felicidade... deu tudo errado”. Neste intervalo, *inbetween* (Barbato et al., 2019), se questiona e apresenta futuros possíveis e sintetiza afetos de pertencimento para se (re)conhecer “... gosto de morar aqui... sou daqui... e encaro se precisar”, consciente que na rua “vivemos coisas parecidas, a gente se ajuda” e também do “perigo que uma vida dessas tem”. *Loops* reflexivos (Zittoun, 2015; Zittoun, & Cerchia, 2013) ocorrem em diferentes graus de distanciamento da experiência incorporada, com maior ou menor impacto, que se tornam comunicáveis, em processos de nomeação da experiência, orientada a qualidade das transformações em consciência de si.

DISCUSSÃO

Reflexividade como propriedade emergente, em coprodução, permite aos sujeitos consciência de si e de suas condições sociais, mediando relações entre reproduções e transformações dos contextos e atuações. Os jovens constroem diferentes maneiras de responder as demandas psicossociais, com base em suas experiências e com os significados aprendidos ou produzidos ao longo da trajetória de vida (Gomes et al., 2017). Experiências fornecem um *ground* semiótico de recursos para lidar com adversidades e em contextos de pobreza, marcados por violências e violações de direitos, podem emergir e revelar habilidades resilientes para estabelecer convivência diária. Os jovens devido a novas demandas psicossociais são chamados a respondê-las e, farão isso mais ou menos ativamente, em atitude de engajamento e/ou distanciamento de cena causadora de dano (Gomes et al., 2017), como forma de proteção, na interdependência dos recursos socioculturais disponibilizados.

As condições socioculturais estimularam atuações e posicionamentos, (in)validaram ou restringiram outras e também modificam os contextos afetando modos de interação. Reflexividade (De Saint-Laurent & Glăveanu, 2016; Gillespie, 2007; Marsico et al., 2015) indicou a dependência e independência simultâneas entre subjetividade e contextos específicos que aberto ao diálogo oportuniza inclusão das vozes dos adolescentes. A coexistência de vivências de risco e protetores, em contextos de pobreza, ora reforçam relações de poder desiguais ora o desenvolvimento de agencialidade como abertura para diferentes modos de ação como possibilidade de emergência de práticas culturais genuinamente novas.

Os deslocamentos entre cronotopos geraram diferentes graus de reflexividade em processos de produção de si, mediados por fatores protetores e de risco e vulnerabilidade pessoal-social, que implicam disponibilidade-restrição de recursos concreto-simbólicos e exclusão-inclusão, em atos de comunicação, de práticas sociais locais e cotidianas em territórios de pobreza (Glăveanu, 2018; Kessi & Howarth, 2015). Vivências de ruptura

autobiográfica que geraram transições, expressas por ambivalências e incertezas, produzem:

a) maior grau de reflexividade em desenvolvimento de resiliência e crítica, entre fatores de risco e protetores, avançando na produção de agencialidade, oportunizada por atos dialógicos de respeito e empatia. Experiências abertas a alteridades geralmente impactam em tomadas de decisão, projetados ao futuro, que modificam condições socioeconômicas e afetivas; e b) menor grau de reflexividade quando em deslocamento entre cronotopos pouco heterogêneos em diálogo com outros significativos, como a mãe e o pai que “educam batendo” e professores “que não fazem nada”. Experiências de segurança cognitivo-emocional em restrições de recursos culturais como espaços de conversa, atividades esportivas, expressivas e literárias, por exemplo, podem impactar negativamente em escolhas futuras.

Vivências de interrupções nas relações de cuidado, instabilidade econômica e de moradia, estigma social e violação de direitos caracterizaram as rupturas autobiográficas (Gallego, 2014; Lesch & Furphy, 2013; Maclure, 2017) as quais exigem e podem desencadear esforços de enfrentamento- *coping* (Johnson, & Easterling, 2014), entre imaginação e criatividade (Zittoun, 2008, 2012; &2016), orientados à produção de resiliência crítica, estabilidade e senso de si, em processos de mudança. Experiências com a morte concreta e subjetiva são redundantes e apresentam similaridades nas narrativas das três jovens, de modo que a exposição à experiências de violência, abuso, maus tratos e/ou negligência atualizaram seus deslocamentos pelos diferentes cronotopos em atos desubmissão↔agressão↔transgressão.

Vivências, em zonas de contato eu-outro, com qualidade de trocas de perspectivas (Gillespie, 2006), diferenciam a experiência e integram enunciados orientados à autorregulação e ação criativa direcionadas a um futuro mais estável e/ou melhor. Oportunizando assim, o enfrentamento a situações adversas e imprevisíveis em desenvolvimento de habilidades relevantes em, por exemplo, saber buscar espaços e pessoas possíveis em ajudar;

reconhecer fragilidades; capacidade de decisão sobre o que promove bem-estar e possuir conhecimento sobre motivos que os limitam ou os impulsionam a caminhos nem sempre protetivos.

Os jovens têm autoridade para falar de seus processos de vida, de suas escolhas e recursos motivadores desde que sejam acolhidas as suas falas (Souza e Silva, 2018), tanto as direcionadas para si, para outros significativos como mãe, pai, tios, professores e também para os contextos por onde circula como a escola e o bairro. O enfrentamento das rupturas (Zittoun, 2008) ou pontos de virada (McLean & Pratt, 2006) são mais ou menos facilitados com o desenvolvimento de resiliência crítica quando em segurança de suportes e recursos sociais e cognitivo-afetivos (Gallego, 2014; Johnson & Easterling, 2015; Jovchelovitch, 2015; Lesch e Furphy, 2013; Maclure, 2017; Kessi & Howarth, 2015).

Dinâmicas de ambivalências geradas no embate entre ‘acostumar’ ↔ ‘fugir’, ‘silenciar’ ↔ ‘agredir’, ‘segredo’ ↔ ‘fala’ das vivências de violência e violação de direitos orienta processos de diferenciação e identificações como possibilidade de mediar vivência de ruptura autobiográfica. O choque de historicidades se regula por posicionamentos auto-valorativos ora de estima e pertencimento ora de menos valia. As dinâmicas de produção de si, entre fatores de risco e protetores, revelam o campo de lutas em coexistência do poder hegemônico e contra-hegemônico, que se abre-fecha a atos dialógicos e/ou monológicos em práticas discursivas de exclusão-inclusão dos jovens que se deslocam pelas ruas, entre espaços de continuidades e descontinuidades, orientados à posicionamentos mais ou menos resilientes e críticos em função da disponibilidade-acessibilidade à recursos socioculturais.

Dinâmicas de reflexividade orientadas à expectativa de uma vida melhor e crítica (Dege, 2015), com pessoas que gostam regulam ações, em coprodução, como a ONG onde vivenciam encontros dialógicos e atitudes responsivas. Verifica-se assim, que narrativas em diversidade de cronotopos, em dinâmica de reciprocidade e temporalidade, com abertura ao

outro e reconhecimento de experiências juvenis valoradas oportunizam habilidades resilientes (Gallego, 2014; Johnson, & Easterling, 2014; Lesch & Furphy, 2013; Maclure, 2017) para compreender o entorno e gerenciar-participar de espaços de socialização.

O sujeito jovem pode ser altamente reflexivo em determinadas situações sociais, mas fortemente canalizado por constrangimentos estruturais em outras, dada a idiossincrasia, em contextualizações (Auer, 1995). Arranjos sociais e contextos de interação estimulam mais do que outros a mobilização de competências reflexivas (Kessi & Howarth, 2015) que impactam no potencial de mudança ao longo de biografias juvenis. A reflexividade pode ser facilitada, mas também facilmente ameaçada. Na adolescência expande-se o senso crítico sobre a realidade e performance do papel social, particularizando transições, em meio a novas exigências e demandas societárias (Souza e Silva, 2018). Mas, em condições restritivas de oportunidade, muitas vezes, concretizadas em comunidades periféricas, marcadamente desiguais, fracionam possibilidades de significação pessoal e coletivas (Jovchelovitch, 2015; Kessi & Howarth, 2015).

Verifica-se que intervenções focadas em ações de endereçamento-responsividade e participação colaborativa, em comunidades de periferia, podem gerar reflexividade em vivência de restrições sociohistórica que descontínua às necessidades e intenções coletivas, gera um *'gap'* enquanto espaço potencial transformador orientado a um futuro possível de mudanças sociais (Jovchelovitch, 2015). Dinâmicas ambivalentes (Abbey & Valsiner, 2005) podem oportunizar reflexividade orientadas a rotas alternativas de socialização e discursos que ofereçam um melhor ajuste ao contexto e proteção do senso de si. Transições sempre envolvem produção de significados, e onde há produção também há restrições, em que o sujeito está localizado em fluxo temporal entre canalizações e restrições. Transição podem abrir novas possibilidades de existência, mesmo que envolvam alguma perda em negociações

intersubjetivas. Esta é, no entanto, a possibilidade de emergência de uma nova formação sociocultural.

Estratégias coletivas parecem ser ferramentas necessárias a uma existência segura e digna. Os jovens estabelecem estratégias de enfrentamento- *coping* em defesa da integridade dinâmica do *self* em função dos recursos cognitivo-afetivos disponíveis. Mesmo em atuações menos inventivas de si revelam, em um cenário de violação e violência concreto-simbólica, esforços significativos de elaboração de trajetórias de vida, em processos de imaginação e criatividade, em produção de si. Dialectizar narrativas depreciativas e relações de cuidado-atenção apresentam-se como possibilidade de desenvolvimento de resiliência crítica. Investimentos em atividades colaborativas, dispensados por adultos de instituições governamentais e não-governamentais ou àquelas sensibilizadas com as histórias de vida e, significativamente, entre pares, em relações de identificações e compartilhamento de interesses comuns podem gerar reflexividade orientada a transformações. O discurso que circula pela cidade, de que ali nada presta, promove insurgência de mecanismos de proteção e promoção de identidade pessoal e coletiva como possibilidade de “novos começos” (Day & Goddard,2010). Os moradores experimentem sentimento de pertença comunal, muitas vezes, se organizando para fazer frente a tal discurso. Transitar pelo centro da cidade, em outras paisagens urbanas e nelas interagir, pode conduzir a cerceamentos estabelecidos por códigos prescritivos e proibitivos tornando perigoso ou ameaçador à integridade física e emocional dos jovens de periferia.

Os jovens em deslocamentos entre experiências da rua como totalidade orgânica e sistêmica negociam significados entre vivências de perigo e segurança. A rua é potencialidade, não é só negatividade. A distância entre a casa e a rua, o público e o privado, são intercambiáveis, de modo que a rua apresenta riscos e também proteção. Espaços como rodas de conversa, atividades expressivas de arte, dança e leitura fomentam discursos e

práticas inclusivas que oportunizam relações de confiança e segurança e ampliam habilidades resilientes e críticas em transformações e inventividade na relação do jovem com a rua. Estratégias protetivas não implicam simplesmente tirar os jovens das ruas, mas reinventá-las com a participação e reconhecimento do seu protagonismo, de modo que se posicionem como pessoas criativas e auto-protetivas.

Atualmente, a adolescência brasileira inicia-se precocemente. A juventude trabalha, cuida dos irmãos menores quando não de seus idosos, se responsabiliza pelo orçamento do grupo e também assume espaços e comandos nos conflitos da rua em garantia da própria vida. Em condições de existência específicas a rua também cumpre função de estabilidade e integridade do *self*. A rua se apresenta em constantes mudanças entre fatores de risco e protetores o que exige encontrar novas formas de proteção e integridade. O adolescente na produção de si é parceiro dos espaços, avançando em reconhecer que na medida em que a contemporaneidade imprimiu mudanças nos modos de socialização e consciências, com a introdução de novas ferramentas de interação, vivências em contextos adversos orientam antecipações de estratégias de defesa e estabilidade do *self*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexividade implica em interpretações ético-estéticas, geradas no entre eu-outro em cronotopos situados, em diferentes ambivalências, em trajetórias que indicam maior força ou seu enfraquecimento em atuações resilientes e críticas em contextos de pobreza. O jovem produz significados em atos de responsividade, em negociação de interesses historicamente localizados, em coprodução, para agir no mundo entre o conhecido e imprevisível, em processos de reflexividade.

A produção de si, do outro e mundo nos contextos de pobreza, em vivências de rupturas autobiográficas que orientam modos de socialização, mediadas pelo signo intersubjetivo, podem diminuir ou ampliar reflexividade com o desenvolvimento de resiliência e crítica orientada a mudanças na cultura pessoal e coletiva. Reflexividade apresenta-se como produção de si, entre processos de integração e diferenciação, em diferentes dinâmicas ambivalentes e polifônicas multiplanos, orientada a tomada de decisão em singularizações.

As condições de humanização que implicam relações dignas de existência em preceitos equânimes e de empatia resultam das complexas relações sociohistórica, em que os jovens se inserem e das quais ativamente participam. A paisagem urbana como espaço de constantes confrontos com alteridades em atividades conjuntas, entre restrições e potencialidades históricas, equipam os jovens em habilidades de reflexividade em desenvolvimento de novas formas de atuação e transformação de posicionamentos-eu.

A rua como lugar comum de compartilhamentos e familiaridade oportuniza também espaços dialógicos e, por conseguinte, recursos para enfrentamento dos desafios da vida. A experiência da banalidade da vida cotidiana, em encontros nas ruas, implica em emergência de lugares significativos em organização, mediação e auto-regulação em encontros eu-outro. A vivência de jovens, em contextos de pobreza, demanda produção de recursos sociais, históricos, institucionais, políticos e econômicos para (sobre)vivência e existência ético-

estética, em desenvolvimento, considerando os processos interacionais e comunicativos na produção de respostas do sujeito jovem frente a variabilidade dos modos de socializações e contextos. O confronto com o diferente entre posicionamento e reposicionamento qualificados em relações de reconhecimento↔pertencimento inclui a negociação de significado excedente como possibilidade de transformação pelo outro. Ora abraçando ora resistindo eles vão tecendo histórias e orientando tomadas de decisões, mais ou menos dialógicas, reduzindo ou potencializando rompimento de barreiras epistemológicas.

Em interpretação de si em vivências de violação de direitos e violência são produzidas na tensão entre forças hegemônicas e contra hegemônicas. Destacou-se estratégias de silenciamento as formas alternativas de conhecimento assim como na regulação cerceada de processos de mudança, mas que atos de reflexividade, em co-produção, podem orientar ações éticas e estéticas como projeto pessoal e social. A interação de diferentes cronotopos como um aspecto importante da heteroglossias compuseram a polifonia autobiográfica dos jovens que em contato com maior ou menor disponibilidade de recursos socioeconômicos e semiótico distribuídos em sistemas de crenças ideológico-culturais oportunizaram maior ou menor grau de reflexividade.

Em alternância de posições, em processos de integração e diferenciação, o distanciamento semiótico que implica ver/olhar da perspectiva do outro pode disparar a reflexividade que abre espaço imaginário na produção de sentido e elaboração das situações vividas em inovações. Estratégias de enfretamento-coping para manter ou restabelecer a continuidade do *self*, em eventos de vida severamente destrutivos, em desenvolvimento, implicam produção de história de vida. Em vivência de ruptura e quebra de comunicação, o raciocínio autobiográfico pode compensar uma perda iminente de um senso de continuidade pessoal criando pontes imaginárias em produção de narrativas criativas de si oportunizado pela aquisição e expansão de conhecimento em movimento entre historicidade. O raciocínio

autobiográfico mantém um senso de auto-continuidade, especialmente em situações em que ela é ameaçada por mudanças ou ameaças bruscas de vida, deste feito a descontinuidade na vida pode exigir raciocínio autobiográfico por si mesmo seja entre pares ou outros significativos em processos criativos na produção de sentido.

A coexistência de vivências de precarização econômico-simbólica e atos de respeito e equidade ora reforçam relações de poder desiguais ora reflexividade em que o compartilhamento de experiências e interpretações de forma íntima e afetiva com outros significativos, prioritariamente, entre pares, oportuniza discursos alternativos e reconstrução de realidades. Adolescentes em condições de atores sociais e colaboradores, em atos sociais, possibilitam diálogos reflexivos e criatividade narrativa. a ênfase na diversidade de modos de sociabilização e desenvolvimento de recursos socioculturais oportunizam reflexividade. A diversidade no enfrentamento às exigências cotidianas adversas, entre recursos sociais disponibilizados e elaboração de estratégias-coping, necessárias a auto-regulação e reconstruções particulares de vida, implica considerar que reflexividade media experiências com pessoas e lugares específicos e produção de significados, em atividade multiplanos.

Reflexividade oportuniza auto avaliação e produção de si mediando as relações entre reproduções e transformações dos contextos e condutas. Processos de reflexividade orientados a resiliência e crítica são oportunizados em espaços relacionais que têm segurança cognitivo-emocional, de modo a oferecer suporte necessário para ler a experiência passada de maneira criticamente construtiva e orientar pensamentos e ações de autoproteção e escolhas éticas para si, o outro e mundo. Os jovens precisam experimentar relacionamentos seguros, necessário para o exercício de novas habilidades, a ênfase está coloca no resultado como uma operação assimétrica, mas na qualidade das mediações culturais e morais do mundo em que estratégias individuais de enfrentamento-coping se tornam significativas e valiosas. Apontamos a necessidade de aprofundamento do conceito de reflexividade em seus diferentes graus e

qualidades, em emergência e extensão, nos diferentes contextos e em condições de severa restrição de recursos cognitivo-afetivos e materiais, como em situações-conflitos próprios da contemporaneidade como deslocamentos humanos por desastres naturais ou provocados diretamente pelo homem como conflitos por terra ou guerras. Estudos que podem trazer novidades avançando na compreensão da agencialidade humana.

REFERÊNCIA

- Abbey, E. (2012). Ambivalence and its transformations. In Valsiner, J. (Org.). *The Oxford Handbook of Culture and Psychology*. Oxford Library of Psychology.
- Abbey, E., & Valsiner, J. (2005). Emergence of meanings through ambivalence. *Forum: Qualitative Social Research*, 6(1), 1-24..
- d
- Aguinsky, B. Tejadas, S. S.; Fernandes, I. (2009). Entre a garantia de direitos e o reforço a subalternização: concepções e práticas ainda em disputa sobre o público alvo da política de assistência. In: J. M. Mendes, J. C. Prates, B. Aguinsky. *O Sistema Único de Assistência Social: as contribuições à fundamentação e os desafios à implantação*. Porto Alegre: EDPUCRS.
- Almeida, L. M. P. (2005). *Vulnerabilidade social: desenvolvimento humano no Recife: Atlas municipal*. Recuperado em 15 de Agosto, 2017, de <https://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/pnud2006/doc/analiticos/Vulnerabilidade%20Social.pdf>
- Assis, S. G., Avanci, J. Q., Pesce, R. P., Nejaime, K. (2008). *Resiliência na adolescência: refletindo com educadores sobre superação de dificuldades*. RJ: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES.
- Awad, S. H. & Wagoner, B. (2015). Agency and Creativity in the Midst of Social Change. In: C. W. Gruber; M. G. Clark; S. H. Klempe, & J. Valsiner. *Constraints of Agency Explorations of Theory in Everyday Life*. p. 229-244. Londres: Springer.
- Atkinson, R. (2002). The life story interview. In J. F. Gubrium & J. A. Holstein (Eds) *Handbook of interview research: context & method*. p. 121-140. Sage Publications.
- Augé, M. (2012). *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus.
- Barbato, S. B.; Alves, P. P., & Oliveira, V. M. (2019). Narrativas e dialogia em estudos qualitativos sobre a produção de si. *Revista Valore*, 5, 22-36. doi: 10.22408/revva50202039922-36
- Barbato-Bloch, S. (1997). *Produção textual de uma jovem com Síndrome de Down. Explorando novos espaços discursivos* (Tese de doutorado). Universidade de Brasília, Brasília-DF.
- Bakhtin, M. M. (2013). *Problemas da poética de Dostoiévski*. RJ: Forense Univesitária.

- Bakhtin, M. M. (1993). *Para uma filosofia do ato*. Austin: University of Texas Press. Recuperado em <http://lutasocialista.com.br/livros/V%C1RIOS/BAKHTIN,%20M.%20Para%20uma%20filosofia%20do%20ato.pdf>
- Bakhtin, M. M. (1981). *The dialogic imagination*. University of Texas Press.
- Barbato, S., Mieto, G. S. M., & Rosa, A. (2016). O estudo da produção de significados em interações: metodologias qualitativas. In: M.C.S. Lopes de Oliveira, J. Chagas-Ferreira, G.S.M. Mieto & R.M.F. Beraldo (ed.). *Desenvolvimento humano: cultura e educação*. p.89-113. São Paulo: Alínea.
- Barker, G., & Rizzini, I. (2002). Repensando o desenvolvimento infantil no contexto de pobreza no Brasil. In: I. Rizzini, G. Barker, & M.H. Zamora, *O social em questão: Crianças, adolescentes, famílias e políticas públicas. Para além do faz-de-conta*. p. 7-22. Rio de Janeiro: PUC.
- Barros, N. S (2017). *Capacitação para educadores de abrigo de crianças e adolescente: identificando representações sociais*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro.
- Bastos, A. C.& Rabinovich, E. P. (2012). Being Poor: Cultural Tools for Survival In: J. Valsiner (Ed.) *The Oxford Handbook of Culture and Psychology*. p. 536-557. Oxford: University Press.
- Beraldo, R. M. F. (2017a). *Dinâmicas de intersubjetividade em atividades colaborativas em contexto mediado por fórum online no ensino médio*. (Tese de doutorado) Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil.
- Beraldo, R. M. R., M., Ligorio, B., & Barbato, S. (2017b). Intersubjectivity in primary and secondary education: a review study, *Research Papers in Education*, 33(2), 279-299. doi: 10.1080/02671522.2017.1302497
- Borges, F. T. (2006). “Tantos jeitos de ver!”: Um estudo sobre os significados de olhar nas perspectivas de quatro mulheres de Goiânia. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano no Contexto Socio-Cultural, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.
- Bourdieu, P. (2010). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brasil (1990). Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Recuperado em 15 de dezembro, 2017, de http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L8069.htm.

- Brasil (2004). Política Nacional de assistência Social. Resolução N° 145, de 15 de Outubro de 2004.
- Brasil (2006). Norma Operacional Básica de recursos Humanos do SUAS. Resolução N° 269, de 13 de Dezembro de 2006.
- Brockmeier, J. & Harré, R. (2003). Narrativa: Problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 525-535. doi:10.1590/s0102-79722003000300011
- Brum, S. O. (2015). *O Não-lugar na universidade: espaços de isolamento e sua influência na construção da identidade* (Dissertação de mestrado). Universidade federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ.
- Brum, S. O; Barbato, S, & Oliveita, V. M. (2019). Produção de significados sobre exclusão no ensino superior. *Revista Valore*,5, 22-36.
- Bruner, J. (1997). *Atos de significação*. Artes Médicas: Porto Alegre.
- Bruner, J. (2002). *Actual minds, possible worlds*. Harvard University Press.
- Caixeta, J. E., Silva, D. M. S., Lima, L. M. & Alves, E. B. S. (2017). Entrevistas narrativas mediadas por instrumentos: investigações sobre a identidade docente. *Linhas Críticas: DF*, 23(51). 268-289.
- Caetano, A. (2011). Para uma análise sociológica da reflexividade individual. *Sociologia, Problemas e Práticas* [Online], 66, 157-174. Consultado no dia 29 setembro 2017. Recuperado de <http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n66/n66a08.pdf>
- Canclini, N. G. (2013). *Culturas híbridas*. 4ª ed. São Paulo: EDUSP.
- Carlucci, A., Barbato, S. & Carvalho, O. (2011). A construção da identidade profissional na adultez em emergência: narrativas de uma jovem estudante e trabalhadora. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (Online) 11, 566-589.
- Castro, J. & Rosa, A. (2007). Psychology within time: theorising about the making of sociocultural psychology. In: J. Valsiner & A. Rosa (Orgs.), *The Cambridge Handbook of social-cultural psychology*.p. 66-81. New York: Cambridge University Press.
- Coimbra, C. C.; Bocco, F, Nascimento, M. L. Subvertendo o conceito de adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 2-11. 2005.
- Cole, C. & Gajdamashko, N. (2009). The Concept of Development. In *Cultural-Historical*

- Activity Theory: Vertical and Horizontal*. In: A. Sannino, H. Daniels, & B. K. D. Gutiérrez. p. 129-143. Cambridge University Press.
- Day, S. & Goddard, V. (2010). New Beginnings between Public and Private: Arendt and Ethnographies of Activism. *Cultural Dynamics*, 22(2), 137–154. doi: 10.1177/0921374010380892
- Da Matta, R. (1997). *A casa e a rua*. Editora Rocco.
- Davies, B. & Harré, R. (1990). Positioning The discursive production of selves. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 20, 43-63. doi:10.1111/j.1468-5914.1990.tb00174.x
- De Castro, D. P. (2017). *Los procesos recursivos en la escritura colaborativa en el computador*. (Tese de doutorado). Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Delgado, M. (2007). Introducción: de la ciudad concebida a la ciudad practicada. In: *Sociedades movilizadas: passos para uma antropologia de las calles*. p. 11-23. Barcelona: ANAGRAMA.
- Delgado, M. (1999). Heterópolis: La experiencia de la complejidad. In: M. Delgado. *El animal público: hacia una antropología de los espacios urbanos*. p. 23-58. Barcelona: ANAGRAMA.
- De Fina, A. & Georgakopoulou, A. A. (2015). Introduction. In: A. De Fina & A. A. Georgakopoulou. p. 1-17. *The Handbook of Narrative Analysis*. John Wiley & Sons, Inc
- De Saint-Laurent, C. (2017). Personal trajectories, collective memories: Remembering and the life-course. *Culture & Psychology* 23(2), 263-279.
- De Saint-Laurent, C. & Glăveanu, V. T (2016). Reflexivity. In V. P. Glăveanu, L. Tanggaard & C. Wegener. *Creativity: A New Vocabulary*. (pp. 121-128). New York: Palgrave Macmillan.
- Erikson, E. H. (1987). *Identidade, juventude e crise*. Editora Guanabara.
- Facci, M. G. D. (2004). A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Pelkonin e Vigostski. *Cadernos Cedes*, 24(62), 64-81.
- Fivush, R., Habermas, T. Waters, T. E. A & Zaman, W. *International Journal of Psychology*, 2011, 46(5), 321–345 <http://dx.doi.org/10.1080/00207594.2011.596541>

- Flick, U. (2003). Entrevista episódica. In: M. W; Bauer, & G. Gaskell (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. p. 114-136. Petrópolis: Editor Vozes.
- Fontes, C.A.A. Narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significado. *Revista Psicologia Teoria e Prática*, 8(1), 123-131.
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes.
- Forcione, T. L., & Barbato, S. (2017). Posicionamentos em formação profissional continuada: um estudo multimétodo longitudinal. *Linhas Crítica*, 23(51), 351-3687.
- Fraga, P. C. P. (2004). Política, isolamento e solidão: praticas sociais na produção da violência contra jovens. In: M. A. Sales, M. C. Matos, & M. C. Leal (Orgs). *Política social, família e juventude: Uma questão de direitos* p. 81-104. São Paulo: Cortez.
- França, R. A. (2019). *Produção de significados de si em experiências de imigrantes no Distrito Federal* (dissertação de Mestrado). Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- França, M. A. G., Dimenstein; M.; M. H. Zamora, (2002). Resignificando o conceito de risco nas pesquisas e práticas voltadas à infância contemporânea. *O Social em Questão*, Rio de Janeiro, PUC-RJ. Departamento de Serviço Social, 6(7), p. 22-44.
- Forcione, T. L. & Barbato, S. B. (2018). Posicionamentos em formação profissional continuada: um estudo multimétodo longitudinal. *Linhas críticas*, 23(51), 351-368.
- Gadamer, H. *Verdade e método*. Petrópolis: Vozes
- Gallego, L. L. (2014). Proceso de reflexividad em um contexto de privación de libertad de adolescentes mujeres. *Psicologia & Sociedade*; 26(3), 603-612, recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000300009>
- Garcia, J. F. (2013). O ato de caminhar e a educação: a propósito dos 300 anos do nascimento de Rousseau. *Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade*, 22(39), 95-103.
- Gillespie, A. (2007). The Social Basis of Self-Reflection. In: J. Valsiner & A. Rosa. (Org.) *The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology*. p. 678-691. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gillespie, A. (2006). Games and the development of perspective taking. *Human Development*, 49 (2), 87-92. doi: 10.1159/000091334

- Gillespie, A., Kadianaki, A., & O'Sullivan-Lago, R. (2012). Encountering Alterity: Geographic and Semantic Movements. In: J. Valsiner (Ed.). *The Oxford Handbook of Culture and Psychology*. p. 695-709. Oxford: University Press, Inc,
- Gillespie, A. & Cornish, F. (2009). Intersubjectivity: towards a dialogical analysis. *Journal for the theory of social*, 40(1), 19-46. doi: 10.1111/j.1468-5914.2009.00419.x
- Gillespie, A. & Zittoun, T. (2013). Meaning making in motion: Bodies and minds moving through institutional and semiotic structures. *Culture & Psychology*, 19(4) 518–532. doi: 10.1177/1354067X13500325
- Gillespie, A. & Zittoun, T. (2010). Using Resources: Conceptualizing the Mediation and Reflective Use of Tools and Signs. *Culture & Psychology*, 16(1): 37–62 doi: 10.1177/1354067X09344888
- Glaser, B. G. (2004). Remodeling Grounded Theory. *Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research*, 5(2), 1-15.
- Glăveanu, V. P. (2018). The Possible as a Field of Inquiry. *Europe's Journal of Psychology*, Vol. 14(3), 519–530. doi:10.5964/ejop.v14i3.1725
- Glăveanu, V. P. (2015a). Creativity as a sociocultural act. *The Journal of Creative Behavior*, 49 (3), 165–180. doi: 10.1002/jocb.94
- Glăveanu, V. P. (2015b). From individual agency to co-agency. In: C. W. Gruber, M. G. Clark, S. H. Klempe, & J. Valsiner (Eds.). *Constraints of Agency: Explorations of Theory in Everyday Life*. p. 245-265. Springer: New York
- Glăveanu, V. P. (2016). Perspective. In V. P. Glăveanu; L. Tanggaard, & C. Wegener .*Creativity – A New Vocabulary*. p. 104-110. Londres: Palgrave Macmillan
- Gomes, R., Danazzi, V., & Marsico, G. (2017). The role of ‘responsiveness’ within the self in transitions to university. *Culture & Psychology*, 0(0) 1–11. doi: 10.1177/1354067X17713928
- Grossen, M. & Orvig, A. S (2011). Dialogism and Dialogicality in the Study of the Self. *Culture & Psychology*, 17(4), 491–509. doi:10.1177/1354067x11418541
- Habermas, T. & Bluck, S. (2000). Getting a Life: The Emergence of the Life Story in Adolescence. *Psychological Bulletin*, 126 (5), 748-769.
- Habermas, T. & Hatiboğlu, N. (2014). Contextualizing the self: The emergence of a biographical understanding in adolescence. In: B. Schiff (Ed.), *Re-reading Personal*

Narrative and Life Course. New Directions for Child and Adolescent Development, p. 29-41. doi: 10.1002/cad.20065

Habermas, T. & Köber, C. (2015). Autobiographical Reasoning is Constitutive for Narrative Identity: The Role of the Life Story for Personal Continuity. In: K. C. McLean, M. Syed. *The Oxford handbook of identity development*. p. 149-165. Oxford: University Press.

Habermas, T. & Köber, C. (2012). *Autobiographical reasoning in life narratives buffers the effect of biographical disruptions on the sense of self-continuity*. London: Routledge Taylor & Francis Group.

Habermas, T. & Nesse, H. (2014). Contextualizing the self: The emergence of a biographical understanding in adolescence. In: B. Schiff (Ed.), *Re-reading Personal Narrative and Life Course. New Directions for Child and Adolescent Development*, 145, 29-41. doi: 10.1002/cad.20065

Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.

Harré, R. (2012). Positioning Theory: Moral Dimensions of Social-Cultural Psychology. In J. Valsiner (Ed.). *The Oxford Handbook of Culture and Psychology*. p. 191-204. Oxford Library of Psychology.

Harré, R., Moghaddam, F. M., Cairnie, T. P., Rothbart, D., & Sabat, S. R. (2009). Recent Advances in Positioning Theory. *Theory Psychology*, 19, 5.

Hermans, H. (2001). The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture & Psychology*, 7(3), 243-281.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada: IPEA. (2013). *Pesquisa sobre ser jovem no Brasil realizado pela secretaria Nacional da Juventude*. Retrieved from <http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/participacao/pesquisa%20perfil%20da%20juventude%20snj.pdf>

Janczura, R. (2012). Risco ou vulnerabilidade social? *Textos & Contextos*, 11(2), 301-308, Porto Alegre: PUC.

Johnson, E. I. & Easterling B. A. (2014). Coping with confinement: Adolescents' experiences with parental incarceration. *Journal of Adolescent Research*, 30(2), 244-267. doi: 10.1177/0743558414558593

Jovchelovitch, S. (2015). The creativity of the social Imagination, development and social change in Rio de Janeiro's favelas. In: V. P. Glăveanu, A. Gillespie and J. Valsiner.

- Rethinking Creativity: Contributions from social and cultural psychology*. p. 76-92. New York: Routledge.
- Jovchelovitch, S. & Bauer, M.W. (2002). Entrevista narrativa. In: M. W. Bauer & G. Gaskell. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. p. 90-113. Rio de Janeiro: Vozes.
- Leontiev, A. N. (1978). *Actividade, Consciência e Personalidade*. Recuperado em 07 de julho, 2013, de https://www.marxists.org/portugues/leontiev/1978/activ_person/index.htm.
- Lesch, E. & Furphy, C. (2013). South African adolescents' constructions of intimacy in romantic relationships. *Journal of Adolescent Research*, 28(6), 619–641. doi: 10.1177/0743558413480835
- Llosa, M. V. (2012). *A civilização do espetáculo*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Loboda, C. R. (2016). Espaço público e periferia na cidade contemporânea: entre as necessidades e as possibilidades, *Revista Ra'e Ga*, 37, 37-63.
- Loboda, C. R. (2009). Espaço público e práticas socioespaciais: uma articulação necessária para análise dos diferentes usos da cidade. *Caderno Prudentino de Geografia*, 1(31), 32-54.
- Lopes de Oliveira, M. C. S. (2006). Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 427-436.
- Lucas, F. M. (2010). As políticas públicas de lazer em área sujeita a exclusão social. In: E.S. Melazzo & R.B. Guimarães. *Exclusão social em cidades brasileiras: um desafio para as políticas públicas*. São Paulo: Ed. UNESP.
- Kadianaki, I. & Gillespie, A. (2014). Alterity and the transformation of social representations: A sociocultural account. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 49(1), 73-88. doi: 10.1007/s12124-014-9285-z.
- Kennedy, D., & Kohan, W. (2008). Aíón, Kairós and Chrónos: Fragments of an endless conversation on childhood, philosophy and education. *Journal childhood & philosophy*. 4 (8), 5-22. Disponível em <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/childhood/article/view/296>.
- Kharlamov, N. A. (2012). The city as a sign: a developmental-experiential approach to spetial life. In: J. Valsiner (Ed.). *The Oxford Handbook of Culture and Psychology*. p. 277-302. Oxford University Press.

- Riessman, C. K. (2015). Entering the Hall of Mirrors Reflexivity and Narrative Research. In A. De Fina & A. Georgakopoulou (Eds). *The Handbook of narrative analysis*. p. 219-238. John Wiley & Sons, Inc.
- Maclure, R. (2017). Youth reflexivity as participatory research in Senegal: A field study of reciprocal learning and incremental transformations. *Social Inclusion*, 5(3), 251–261. doi: 10.17645/si.v5i3.991
- Maluf, S. W. (1999). Antropologia, narrativas e a busca de sentido. *Horizontes Antropológicos*, 12(5), p. 69-82.
- Magalhães, A. S. & Queijo, M. A. S. (2015). A arena discursiva das ruas e a condição pós-moderna: da manifestação à metacarnavalização. *Bakhtiniana. Revista de Estudos do Discurso*, 10(3), 166-185.
- Marques, V. & Satriano, C. R. (2014). Narrativa, subjetivação e enunciação: reflexões teórico-metodológicas emancipatórias. *Linhas Críticas*, 20(42), 257-282.
- Marsico, G. (2016). The borderland. *Culture & Psychology*, 22(2) 206–215. doi: 10.1177/1354067X15601199
- Marsico, G., Ruggieri, R. A., & Salvatore, S. (2015). *Reflexivity and psychology*. Yearbook of Idiographic Science. Charlotte: Information Age Publishing.
- Marsico, G. & Tateo, L. (2017). Borders, Tensegrity and Development in Dialogue. *Integrative Psychological & Behavioral Science*, 51(4), 536–556. doi.org/10.1007/s12124-017-9398-2
- Martinho, C. (2011). Morfologia de rede e ação social. In: C. Martinho & C. Felix (Orgs). *Vida em rede: conexões, relacionamentos e caminhos para uma nova sociedade*. p. 43-64. São Paulo: Instituto C&A.
- Martins, E., Salem, G., Pereira, F., & Santos, L. G. M. (2017). Psicologia e democracia em um cenário como campo em disputa. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37, 224-238.
- Matta, R. (1997). *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco.
- McAdams, D. P. & McLean, K. C. (2013). Narrative Identity. *Psychological Science*, 22(3), 233–238.
- McLean, K. C. (2008). The Emergence of Narrative Identity Social and Personality. *Psychology Compass*, 2(4), 1685–1702. <https://doi.org/10.1111/j.1751-9004.2008.00124.x>

- McLean, K. C. & Pratt, M. W. (2006). Life's Little (and Big) Lessons: Identity Statuses and Meaning-Making in the Turning Point Narratives of Emerging Adults. *Developmental Psychology*, 42(4), 714–722.
- McLean, K. C., Wood, B. & Breen, A. V. Reflecting on a Difficult Life: Narrative Construction in Vulnerable Adolescents. *Journal of Adolescent Research*, 28(4) 431–452.
- Melazzo, E. S.; Guimarães, R. B. (2010). *Exclusão social em cidades brasileiras: um desafio para as políticas públicas*. São Paulo: UNESP, 11 – 31.
- Mieto, G. S. D. M., Barbato, S. B., & Rosa, A. (2016). Teachers in transition: A study on production of meanings in initial practice in inclusive education. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32 (SPE).
- Moher D, Liberati A, Tetzlaff J, Altman DG, The PRISMA Group (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: The PRISMA Statement. *PLoS Med* 6(7): e1000097. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>
- Morin, E. (2008). *Introdução ao pensamento complexo*. Stória Editores.
- Motta, Rafalski, Rangel & Souza, M. L. (2013). Narrative and Dialogical Reflexivity: An Approach between Writing and Inner Speech. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 609-616. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722013000300021>
- Moura, A. F. & Lima, M. G. (2014). A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, 23(10), 98-106.
- Mozzer, G. N. S. & Borges, F. T. (2008). A criatividade infantil na perspectiva de Lev Vigotski. *Intera-Ação*, 33(2), p. 297-316. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/5269/4314>
- Murat-Duarte, K. (2010). Dos códigos de menores ao projeto de Lei – SINASE: as alterações nas diretrizes de atendimento ao adolescente autor de ato infracional. In J. F. S. Abdalla, A. R. Sena, & S. P. Silva (Orgs). *Ações socioeducativas: municipalização da medidas em meio aberto do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: SEEDUC-DEGASE.
- Negreiros, D. J., Gomes, I. D., & Colaço, V. F. R. (2018). Risco e vulnerabilidade: pontos de convergência na produção brasileira sobre juventudes. *Desidades* 18(6), 21-34.
- Oliveira, V. M. & Satriano, C. R. (2014). Narrativa, subjetivação e enunciação: reflexões teórico-metodológicas emancipatórias. *Linhas Críticas*, 20(42), 257-282.

- Overton, W. F. (2015) Processes, Relations, and Relational-Developmental-Systems. In: W. F. Overton, P.C.M. Molenaar, & R.M. Lerner (ed.). *Handbook of child psychology. and developmental science: Theory and Method*. V.1. Seventh Edition.
- Ozella, S.; Aguiar, W. (2008). Desmitificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), p. 97-125.
- Palombini, A. L. Utópicas cidades de nossas andanças: Flânerie e amizade no acompanhamento terapêutico. *Fractal: Revista de Psicologia*, 21(2), 295-318.
- Pasupathi, M. (2015). Autobiographical Reasoning and My Discontent: Alternative Paths from Narrative to Identity. In: K. C. McLean & M. Syed. *The Oxford handbook of identity development*.p.166-181. Oxford: University Press.
- Pasupathi, M. &Fivush, R. (2016). Talking About It: Stories as Paths to Healing After Violence. *Psychology of Violence*, 6(1), 49–56. <http://dx.doi.org/10.1037/vio0000017>
- Pasupathi, M. & Weeks, T. L. (2011). Integrating Self and Experience in Narrative as a Route to Adolescent Identity Construction. *Child and adolescent development*, doi: 10.1002/cd.287
- Penn, G. (2002). Análise semiótica de imagens paradas In: M. W. Bauer, & G. GASKELL. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. p. 319-342. Rio de Janeiro: Vozes.
- Peters, Gabriel. (2013). Habitus, reflexividade e neo-objetivismo na teoria da prática de Pierre Bourdieu. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28 (83), 47-71. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092013000300004>
- Pino, A. (2006). A produção imaginária e a formação do sentido estético. Reflexões úteis para uma educação humana. *Pro-Posições*, 17(2).
- Raggatt. (2014). The dialogical self as a time–space matrix: Personal chronotopes and ambiguous signifiers. *New Ideas in Psychology*, 32, 107–114. <http://dx.doi.org/10.1016/j.newideapsych.2013.05.007>
- Reese, E., Myftari, E., McAnally, H. M., Chen, Y. & Neha, T. (2017). Telling the tale and living Well: adolescent narrative identity, personality traits and well-being across cultures. *Child Developmental*, 88(2), 612-628
- Reifman, A., Arnett, J. J., & Colwell, M. J. (2007)Emerging Adulthood:Theory, Assessment and Application. *Journal of youth developmental*, 2(1). Recuperado em <https://jyd.pitt.edu/ojs/jyd/article/viewFile/359/345>

- Reis, W. C. F.; Santos, J. E. F.; Bastos, A. C. S.; Marsico G., & Rabinovich, E. O. (Encontros afetivos em quintais urbanos: um estudo sobre famílias e sociabilidade no Subúrbio Ferroviário de Salvador (BA). *Ciências Sociais Unisinos*, 54(1):60-69, - doi: 10.4013/csu.2018.54.1.06
- Rizzini, I. (2005). *A infância perigosa (ou “em perigo de o ser...”): Idéias e práticas correntes no Brasil na passagem do século XIX para o XX*. II° Encontro Franco-Brasileiro de Psicanálise e Direito.
- Rizzini, Irene & Rizzini, Irma (2004). *A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente*. Editora: PUC; São Paulo : Loyola.
- Ribeiro, T. F. (2018). Gentrificação: aspectos conceituais e práticos de sua verificação no Brasil, *Revista de direito da cidade*, 10(3), 1334-1356. doi: 10.12957/rdc.2018.31328
- Rosa, A. (2015). The reflective mind and reflexivity in psychology Description and Explanation in a Psychology of Experience. In: Marsico, G, Ruggieri, R. A. & Salvatore, S. *Reflexivity and psychology*, Charlotte : Information.
- Rosa, A. (2000). ~Quaéñ ade a la Psicología el adjetivo cultural? *Anuario de Psicología*, 31(4) ,27-57.
- Rosa, A., Gonzalez, M. F., & Barbato, S. (2009). Constuyendo narraciones para dar sentido a experiencias vividas: Um estudio sobre las relaciones entre la forma de las narraciones y el posicionamiento personal. *Estudios de Psicología*, 30(2), 231-259. <http://dx.doi.org/10.1174/021093909788347118>
- Saint-Laurent & Glăveanu (2016). Reflexivity. In V. P. Glăveanu; L. Tanggaard & C. Wegener (Eds). *Creativity – A New Vocabulary*. New York: Palgrave Macmillan
- Santos, M. (1998). *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec..
- Sawaia, B. B. (2009). Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia & Sociedade*; 21(3): 364-372.
- Scharsberg, G. (2012). A rua e a sociedade capsular. *Oculum Ensaio*s, pp.138-149 |
- Schiff, B. (2012) The Function of Narrative: Toward a Narrative Psychology of Meaning. *Narrative Works: Investigations, & interventions*, 2(1), 33-47
- Silva, T. T. (2000). A produção social da identidade e da diferença. In. T.T. SILVA (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes.

- Sobral, A. (2013). Ato, atividade e evento. In: *Bakhtin: conceitos chaves*. p. 11-36. São Paulo: Contexto.
- Sobral, A. (2013). Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em ciências Humanas. In *Bakhtin: conceitos chaves*. p. 103-122. São Paulo: Contexto.
- Silva, C. & Borges, F. T. (2017). Análise temática dialógica como método de análise de dados verbais em pesquisas qualitativas. *Linhas Críticas*, 23(51), pp. 245-267.
- Souza, M. L. (2009) a “nova geração” de movimentos sociais urbanos – e a nova onda de interesse acadêmico pelo assunto. *Revista Cidades*, 6(9), pp. 1-15.
- Souza, F. R. (2019). *Compensação e emoções de pessoas com deficiência intelectual em posições valorizadas socialmente* (Tese de doutorado). Universidade de Brasília, DF.
- Souza, C. & Silva, D. N. H. (2018). Adolescência em debate: contribuições teóricas à luz da perspectiva histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, 23, 23-34. doi: 10.4025/psicoestud.v23.35751
- Souza Ew, Castro & Rocha. (2017). Dialogicidade e contradições nas narrativas de si: estudo de casos múltiplos com adolescentes *Athenea Digital*, 17(3), 29-52.
- Sposito, M. P., Souza, R., & Silva, F. A. (2018). A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. *Educação e Pesquisa*, 44, pp. 1-24.
- UNICEF (2011). Situação mundial da infância 2011 *Adolescência Uma fase de oportunidades*. Organizações das Nações Unidas.
- Valsiner, J (2012) *Fundamentos da Psicologia cultura: mundos da mente, mundos possíveis*. Porto Alegre: Artmed.
- Valsiner, J., & Connolly, K. J. (2003). *Handbook of Developmental psychology*. London: Sage.
- Vieira, A. G. & Henriques, M. R. (2014). A Construção Narrativa da Identidade. *Reflexão e Crítica*, 27(1), 163-170.
- Vigotsky, L.S.(1984) *A formação social da Mente*. São Paulo: USP
- Volochínov, V. N. (2006). *Marxismo e filosofia da linguagem*. (M. L & Y. F. Vieira). São Paulo: Hucitec.

- Zappe, J. G.; Dell'Aglio, D. D. (2016). Adolescência em diferentes contextos de desenvolvimento: risco e proteção em uma perspectiva longitudinal. *Revista Psico*, 47(2), 99-110.
- Zittoun, T. (2016). A socialcultural psychology of the life-course. *Social Psychological Review* 18(1), 6-17.
- Zittoun, T. (2015). Reflexivity, or learning from living. In Salvatore, S; Marsico, G & Ruggeri, R, A (Orgs.), *Reflexivity and Psychology . Yearbook of Idiographic Science*. Charlotte, NC: Information Age Publishing.
- Zittoun., T. (2012) On the Emergence of the Subject. *Integr Psych Behav*, 46, 259-273. doi: 10.1007/s12124-012-9203-1
- Zittoun, T. (2008). Sign the gap: dialogical self in disrupted times. *Studia Psychologica*, 8.
- Zittoun, T. (2007) Symbolic resources and responsibility in transitions. Published in *Young*, 15(2), 193-211.
- Zittoun, T. & Cerchia, F. (2013). Imagination as expansion of experience. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 47 (3), 305-324. doi: 10.1007/s12124-013-92342
- Zittoun, T. & De Saint-Laurent, C. (2015). Life-creativity imagining one's life. In: V. P. Glăveanu, A. Gillespie, & J. Valsiner (Eds). *Rethinking creativity: contributions from social and cultural psychology*. p. 58-75. Routledge: New York.
- Zittoun, T., Duveen, G. & Gillespie, A., Ivinson, G. & Psaltis, Charis (2003) The use of symbolic resources in developmental transitions. *Culture & psychology*, 9(4), 415-448. doi: 10.1177/1354067X0394006
- Zittoun, T. & Gillespie, A. (2016). Imagination: Creating alternatives in everyday life. In: V. P. Glăveanu (Ed). *Handbook of creativity and culture research*, (225-242). The Palgrave.
- Zittoun, T.; Gillespie, A. (2014). Integrating experiences: Body and mind moving between contexts. *Cultural Psychology*.
- Zittoun, T., Mirza, N. M., & Perret-Clermont, A (2007a). Quando a cultura é considerada nas pesquisas em psicologia do desenvolvimento. *Educar*, 30, 65-76.
- Wainryb, C. & Pasupathi, M. (2010). Political Violence and Disruptions in the Development of Moral Agency. *Society for Research in Child Development*, 4(1), 48-54.
- Weeks, T. & Pasupathi, M. (2011). Stability and Change Self-Integration for Negative

Events: The Role of Listener Responsiveness and Elaboration. *Journal of Personality* 79(3). doi: 10.1111/j.1467-6494.2011.00685.x

Weeks, T. L. & Pasupathi, M. (2011). Stability and Change Self-Integration for Negative Events: The Role of Listener Responsiveness and Elaboration. *Journal Personality*. 79(3), 469-498. doi.org/10.1111/j.1467-6494.2011.00685.x

Wertsch, J. V. (1993). *Voices of the mind : a sociocultural approach to mediated action*. Cambridge: Harvard University, Press.

Woodward, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: T. T., SILVA. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.